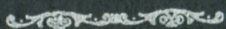


charles baudelaire



**OS  
PARAÍSO  
ARTIFICIAIS**



**10**

  
 **LIVRO·B**   


CHARLES BAUDELAIRE

**OS  
PARAÍSO  
ARTIFICIAIS**

4.<sup>a</sup> edição

EDITORIAL ESTAMPA

TÍTULO DO ORIGINAL  
 LES PARADIS ARTIFICIELS  
 TRADUÇÃO DE  
 JOSÉ SARAMAGO  
 CAPA DE  
 ALDA ROSA  
 DEPÓSITO LEGAL N.º 86849/95  
 ISBN 972-33-0201-2  
 IMPRESSÃO E ACABAMENTO:  
 ROLO & FILHOS - ARTES GRÁFICAS, Lda.  
 Todos os direitos para esta edição estão reservados por  
 Editorial Estampa, Lda. Lisboa, 1971, para a língua portuguesa

## INDICE

A J.G.F. ....	9
<b>O poema do haxixe</b> ....	11
I. O gosto do infinito ....	11
II. Que é o haxixe? ....	16
III. O teatro de Serafim ....	21
IV. O homem-deus ....	45
V. Moral ....	60
<b>Um comedor de ópio</b> ....	67
I. Precauções oratórias ....	67
II. Confissões preliminares ....	72
III. Volúpias do ópio ....	97
IV. Torturas do ópio ....	108
V. Um falso desfecho ....	132
VI. O génio menino ....	140
VII. Desgostos de infância ....	144
VIII. Visões de Oxford ....	154
IX. Conclusão ....	167
<b>Complementos — O vinho</b> ....	171
<b>Do vinho e do haxixe comparados como melos de multiplicação da individualidade</b> ....	181
O vinho ....	181
O haxixe ....	195
<b>Embrígal-vos</b> ....	209
<b>Exórdio para as conferências dadas em 1864 em Bruxelas</b> ....	211

# OS PARAISOS ARTIFICIAIS

O primeiro dos paraísos artificiais, o jardim, nasceu no Egito, onde os faraós tinham jardins suspensos. Depois, os gregos e romanos tinham jardins com fontes e estátuas. No Renascimento, os jardins se tornaram mais formais, com caminhos retos e fontes decorativas. No século XVIII, os jardins se tornaram mais naturais, com caminhos sinuosos e fontes decorativas. No século XIX, os jardins se tornaram mais românticos, com caminhos sinuosos e fontes decorativas. No século XX, os jardins se tornaram mais modernos, com caminhos retos e fontes decorativas.

# REVISTA

A L. G. F. de ...  
 O jardim de ...  
 I. O jardim de ...  
 II. O jardim de ...  
 III. O jardim de ...  
 IV. O jardim de ...  
 V. O jardim de ...  
 VI. O jardim de ...  
 VII. O jardim de ...  
 VIII. O jardim de ...  
 IX. O jardim de ...  
 X. O jardim de ...  
 XI. O jardim de ...  
 XII. O jardim de ...  
 XIII. O jardim de ...  
 XIV. O jardim de ...  
 XV. O jardim de ...  
 XVI. O jardim de ...  
 XVII. O jardim de ...  
 XVIII. O jardim de ...  
 XIX. O jardim de ...  
 XX. O jardim de ...  
 XXI. O jardim de ...  
 XXII. O jardim de ...  
 XXIII. O jardim de ...  
 XXIV. O jardim de ...  
 XXV. O jardim de ...  
 XXVI. O jardim de ...  
 XXVII. O jardim de ...  
 XXVIII. O jardim de ...  
 XXIX. O jardim de ...  
 XXX. O jardim de ...

J. G. F.

Minha querida amiga,

Diz-nos o bom senso que as coisas da terra pouca existência têm, e que a verdadeira realidade está apenas nos sonhos. Para digerir a felicidade natural, assim como a artificial, é preciso primeiro ter a coragem de a engolir, e os que talvez merecessem a felicidade são justamente aqueles a quem a ventura, tal como a concebem os mortais, sempre fez o efeito de um vomitório.

A espíritos néscios parecerá singular, e mesmo impertinente, que um quadro das volúpias artificiais seja dedicado a uma mulher, a mais comum fonte das mais naturais volúpias. Todavia, é evidente que tal como o mundo natural penetra no espiritual, lhe serve de alimento, e concorre assim para operar esse amálgama indefinível a que chamamos a nossa individualidade, a mulher é o ser que projecta a maior sombra e a maior luz nos nossos sonhos. A mulher é fatalmente sugestiva; vive de uma outra vida além da sua própria: vive espiritualmente nas imaginações que frequente e fecunda.

Aliás, importa pouco que a razão desta dedicada seja compreendida. Será mesmo ne-

cessário, para contentamento do autor, que um livro qualquer seja compreendido, excepto por aquele ou aquela para quem foi composto? Dizendo enfim tudo, é indispensável que seja escrito para **alguém?** Por mim, tenho tão pouco gosto pelo mundo vivo, que, como essas mulheres sensíveis e ociosas que enviam pelo correio, diz-se, as suas confidências a amigos imaginários, de bom grado escreveria apenas para os mortos.

Mas não é a uma morta que dedico este pequeno livro; dedico-o a uma mulher que, embora doente, continua activa e viva em mim, e volta agora o seu olhar para o Céu, lugar de todas as transfigurações. Porque, tal como de uma droga perigosa, o ser humano goza do privilégio de poder tirar prazeres novos e subtis mesmo da dor, da catástrofe e da fatalidade.

Verás neste quadro um passeante sombrio e solitário, mergulhado na onda movediça das multidões, e enviando o seu coração e o seu pensamento a uma Electra distante que lhe limpava ainda não há muito a fronte banhada em suor e lhe **refrescava os lábios pergaminhados pela febre;** e adivinharás a gratidão de um outro Orestes cujos pesadelos tantas vezes vigiaste, e a quem dissipavas, com mão leve e maternal, o sono horrível.

C. B.

## O POEMA DO HAXIXE

### O GOSTO DO INFINITO

Os que sabem observar-se a si próprios e guardam a memória das suas impressões, os que souberam, como Hoffmann, construir o seu barómetro espiritual, puderam por vezes notar, no observatório do pensamento, belas estações, dias felizes, minutos deliciosos. Há dias em que o homem desperta como um génio jovem e vigoroso. Mal as suas pálpebras se libertam do sono que as chumbava, o mundo exterior oferece-se a ele com um poderoso relevo, uma nitidez de contornos, uma riqueza de cores admiráveis. O mundo moral abre as suas vastas perspectivas, plenas de claridades novas. O homem contemplado com esta beatitude, infelizmente rara e passageira, sente-se ao mesmo tempo mais artista e mais justo, mais nobre, para dizer tudo numa só palavra. Mas o que há de mais singular neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, a que posso sem exagero chamar paradisíaco, se o comparar com as pesadas trevas da existência comum e quotidiana, é não ter sido ele criado por nenhuma causa bem visível e fácil de definir. Será o resultado de uma boa higiene e de um regime de sage? Essa é a primeira explicação que se oferece ao espírito: mas muitas vezes somos obrigados a reconhe-

cer que essa maravilha, essa espécie de prodígio, se produz como se fosse o efeito de uma força superior e invisível, exterior ao homem, após um período em que este abusou das suas faculdades físicas. Diremos que se trata da recompensa da oração assídua e dos ardores espirituais? É certo que uma elevação constante do desejo, uma tensão das forças espirituais para o céu, seria o regime mais próprio para criar essa saúde moral, tão resplandecente e gloriosa; mas em virtude de que lei absurda se manifesta ela, por vezes após culposas orgias da imaginação, após um abuso sofisticado da razão, que está para o seu uso honesto e sensato como o contorcionismo está para a ginástica sã? Por tudo isto, prefiro considerar essa condição anormal do espírito como uma verdadeira graça, como um espelho mágico em que o homem é convidado a ver-se em beleza, isto é, tal como deveria e poderia ser; uma espécie de excitação angélica, uma chamada à ordem sob uma forma laudatória. Assim certa escola espiritualista, que tem seus representantes na Inglaterra e na América, considera os fenômenos sobrenaturais como aparições de fantasmas, almas do outro mundo, etc... manifestações da vontade divina, atenta a despertar no espírito do homem a lembrança das realidades invisíveis.

Aliás, este estado singular e de encantamento, em que todas as forças se equilibram, em que a imaginação, embora maravilhosamente poderosa, não arrasta atrás de si o senso moral para perigosas aventuras, em que uma sensibilidade requintada deixa de ser torturada por nervos doentes, comuns conselheiros do crime ou do desespero, esse estado maravilhoso, repito, não tem sintomas anunciadores. É tão imprevisto como o fan-

tasma. É uma espécie de visitaçào, mas de visitaçào intermitente, de que deveríamos extrair, se fôssemos sages, a certeza de uma existência melhor e a esperança de alcançá-la pelo exercício quotidiano da vontade. Esta acuidade do pensamento, este entusiasmo dos sentidos e do espírito, devem ter aparecido ao homem, em todos os tempos, como o primeiro dos bens; por isso, considerando apenas a volúpia imediata, sem se preocupar com a violação das leis da sua constituição, procurou na ciência física, na farmácia, nos mais grosseiros licores, nos perfumes mais subtis, em todos os climas e em todos os tempos, os meios de fugir, mesmo apenas por algumas horas, ao seu habitáculo de lodo e, como diz o autor de **Lázaro**, «arrebatar o paraíso num só gesto». Ai de nós! os vícios do homem, por mais cheios de horror que os imaginemos, contêm a prova (que mais não fosse, pela sua infinita expansão!) do seu gosto do infinito; simplesmente, é um gosto que muitas vezes se engana no caminho. Poder-se-ia tomar num sentido metafórico o vulgar provérbio: **Todos os caminhos vão dar a Roma**, e aplicá-lo ao mundo moral; tudo leva à recompensa ou não castigo, duas formas da eternidade. O espírito humano regurgita de paixões; tem-nas **para dar e vender**, para se servir doutra locução trivial; mas este espírito infeliz, cuja depravaçào natural é tão grande como a súbita aptidão, quase paradoxal, para a caridade e para as virtudes mais árduas, é fecundo em paradoxos que lhe permitem empregar no mal o excesso dessa paixão transbordante. Não julga nunca vender-se em bloco. Esquece, em sua fatuidade, que joga com alguém mais esperto e mais forte do que ele, e que o Espírito do Mal, mesmo quando não se lhe entrega mais do que um cabelo,

não tarda em levar a cabeça toda. Esse senhor visível da natureza visível (falo do homem) quis pois criar o paraíso graças à farmácia, às bebidas fermentadas, tal como um maníaco que substituiu móveis sólidos e jardins verdadeiros por cenários pintados em tela e montados sobre armações. É nesta depravação do sentido do infinito que está, na minha opinião, a razão de todos os excessos culposos, desde a embriaguez solitária e concentrada do escritor que, obrigado a procurar no ópio o alívio de uma dor física, e tendo assim descoberto um manancial de gozos mór-bidos, faz dele pouco a pouco a sua única higiene e como que o sol da sua vida espiritual, até à bebedeira mais repugnante dos subúrbios que, com o cérebro cheio de fogo e de glória, se rebola ridiculamente no lixo da rua.

Entre as drogas mais capazes de criar aquilo a que chamo o **ideal artificial**, deixando de lado os licores, que rapidamente levam ao furor material e vencem a força espiritual, e os perfumes cujo uso excessivo, ao mesmo tempo que torna a imaginação do homem mais subtil, esgota gradualmente as suas forças físicas, as duas mais enérgicas substâncias, aquelas cujo emprego é mais cómodo e está mais à mão, são o haxixe e o ópio. A análise dos efeitos misteriosos e dos prazeres mór-bidos que estas drogas podem engendrar, dos castigos inevitáveis que resultam do seu uso prolongado e, finalmente, da própria imoralidade implícita nessa procura de um falso ideal, constitui a matéria deste estudo.

O trabalho sobre o ópio foi feito, e de maneira tão brilhante, médica e poética ao mesmo tempo, que eu não me atreveria a acrescentar-lhe fosse o que fosse. Contentar-me-ei, pois, num outro estudo, com dar a aná-

lise desse livro incomparável, que nunca foi traduzido totalmente em França. O autor, homem ilustre, de poderosa e requintada imaginação, hoje retirado e silencioso, ousou, com candura trágica, relatar os gozos e as torturas que em tempos encontrou no ópio, e a parte mais dramática do seu livro é aquela em que fala dos esforços sobre-humanos de vontade que teve de fazer para fugir à danação a que imprudentemente se votara.

Hoje falarei apenas do haxixe, e falarei dele segundo informações numerosas e minuciosas, extraídas das notas ou das confidências de homens inteligentes que se lhe tinham entregado durante muito tempo. Somente, fundirei esses diversos documentos numa espécie de monografia, escolhendo uma alma, fácil aliás de explicar e definir, como tipo próprio para as experiências desta natureza.



### QUE É O HAXIXE?

Os relatos de Marco Polo, de quem erradamente se troçou, como de alguns outros viajantes antigos, foram verificados pelos sábios e merecem o nosso crédito. Não contarei como, segundo ele, o Velho da Montanha, depois de embriagá-los com haxixe (daí Haxixins ou Assassinos), encerrava num jardim cheio de delícias aqueles seus jovens discípulos a quem queria dar uma ideia do paraíso, recompensa entrevista, por assim dizer, de uma obediência passiva e irreflectida. O leitor pode, relativamente à sociedade secreta dos Haxixins, consultar o livro de M. de Hammer e a memória de M. Sylvestre de Sacy, contida no tomo XVI das **Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, e, relativamente à etimologia da palavra **assasino**, a sua carta ao redactor do **Moniteur**, inserida no número 359 do ano de 1809. Heródoto conta que os Citas amontoavam sementes de cânhamo sobre as quais lançavam pedras em brasa. Era para eles um banho de vapor mais perfumado que o de qualquer estufa grega, e o prazer era tão vivo que soltavam gritos de alegria.

O haxixe, com efeito, vem do Oriente; as propriedades excitantes do cânhamo eram

muito conhecidas no antigo Egipto, e o seu uso está muito espalhado, sob diferentes nomes, na Índia, na Argélia e na Arábia Feliz. Mas, perto de nós, sob os nossos olhos, temos exemplos curiosos da embriaguez causada pelas emanções vegetais. Sem falar das crianças que depois de terem brincado e rebolado em montes de luzerna ceifada, sentem frequentemente singulares vertigens, sabe-se que quando se faz a ceifa do cânhamo, os trabalhadores, homens e mulheres, experimentam efeitos análogos; dir-se-ia que da colheita se ergue um miasma que perturba maliciosamente o cérebro. A cabeça do ceifeiro está cheia de turbilhões, algumas vezes carregada de fantasias. Em certos momentos, os membros enfraquecem e recusam-se a servir. Ouvimos falar de crises sonâmbulas assaz frequentes nos camponeses russos, cuja causa, diz-se, deve ser atribuída ao uso do óleo de sementes de cânhamo na preparação dos alimentos. Quem não conhece as extravagâncias das galinhas depois de comerem sementes de cânhamo, e o entusiasmo fogoso dos cavalos que os camponeses, em bodas e festas de orago, preparam para uma corrida a corta-mato com uma ração de sementes de cânhamo, algumas vezes regada com vinho?

Contudo, o cânhamo francês é impróprio para se transformar em haxixe, ou pelo menos, segundo repetidas experiências, impróprio para dar droga igual em potência ao haxixe. O haxixe, ou cânhamo indiano, **cannabis indica**, é uma planta da família das urticáceas, em tudo semelhante, excepto na altura que não atinge, ao cânhamo dos nossos climas. Possui extraordinárias propriedades embriagadoras que, desde há alguns anos, atraíram em França a atenção dos sábios e das pessoas da sociedade. É mais ou menos esti-

mado consoante as suas diferentes proveniências: o de Bengala é o mais apreciado pelos amadores; contudo, os do Egipto, de Constantinopla, da Pérsia e da Argélia gozam das mesmas propriedades, mas em grau inferior.

O haxixe (ou erva, isto é, a erva por excelência, como se os Árabes tivessem querido definir numa palavra, a **erva**, fonte de todas as volúpias imateriais) tem diferentes nomes, segundo a sua composição e o modo de preparação por que passou no país onde foi colhida: na Índia, **bangie**; em África, **teriaki**; na Argélia e na Arábia Feliz, **madjound**, etc. Não é indiferente colhê-la em todas as épocas do ano; é quando está em flor que possui maior energia; as extremidades floridas são, por consequência, as únicas partes empregadas nas diferentes preparações, acerca das quais diremos algumas palavras.

O **extracto gordo** do haxixe, tal como o preparam os Árabes, obtém-se fazendo ferver as extremidades da planta fresca em manteiga com um pouco de água. Coa-se, após evaporação completa de toda a humidade, e obtém-se assim uma preparação que tem o aspecto de uma pomada de cor amarelo-esverdeada, e que conserva um cheiro desagradável de haxixe e manteiga rançosa. Sob esta forma, emprega-se em bolinhas esféricas de dois a quatro gramas; mas por causa do cheiro repugnante que vai aumentando com o tempo, os Árabes usam o extracto gordo sob a forma de doces.

O mais usado desses doces, o **dawamesk**, é uma mistura de extracto gordo, açúcar e diversas especiarias, como baunilha, canela, pistachas, amêndoas, almíscar. Algumas vezes acrescenta-se-lhe até um pouco de cantárida, com um fim que nada tem de comum com os resultados vulgares do haxixe. Sob

esta nova forma, o haxixe não é desagradável, e pode-se tomá-lo em dose de quinze, vinte e trinta gramas, quer envolvido em obreia, quer numa chávena de café.

As experiências feitas por MM. Smith, Gastinel e Decourtive tiveram como objectivo chegar à descoberta do princípio activo do haxixe. Apesar dos seus esforços, a combinação química é ainda pouco conhecida; mas atribuem-se geralmente as propriedades do haxixe a uma matéria resinosa que nele se encontra em boa dose, na proporção de uns dez por cento. Para obter esta resina, reduz-se a planta seca a pó grosso, lava-se várias vezes com álcool, que depois se destila para o retirar em parte; faz-se evaporar até à consistência de extracto; trata-se este extracto pela água, que dissolve as matérias gomosas estranhas, e a resina fica então em estado de pureza.

O produto é mole, de cor verde-escura, e possui em alto grau o odor característico do haxixe. Cinco, dez, quinze centigramas bastam para produzirem efeitos surpreendentes. Mas a haxixina, que pode administrar-se sob a forma de pastilhas de chocolate ou de pequenas pílulas de gengibre, tem, como o **dawamesk** e o extracto gordo, efeitos mais ou menos vigorosos e de natureza muito variada conforme o temperamento dos indivíduos e a sua susceptibilidade nervosa. Mais ainda: o resultado varia no mesmo indivíduo. Ora uma alegria imoderada e irresistível, ora uma sensação de bem-estar e de plenitude de vida, outras vezes um sono equívoco e atravessado por sonhos. Existem contudo fenómenos que se reproduzem com bastante regularidade, sobretudo nas pessoas de temperamento e educação análogos; há uma espécie de unidade na variedade que me permitirá redigir

sem demasiado trabalho a monografia da embriaguez de que há pouco falei.

Em Constantinopla, na Argélia e mesmo em França, algumas pessoas fumam haxixe misturado com tabaco; nesse caso os fenómenos em questão produzem-se sob forma muito moderada e, por assim dizer, preguiçosa. Ouvei dizer que, recentemente, por meio de destilação, se extraíra do haxixe um óleo essencial que parece possuir uma virtude muito mais activa que todas as preparações conhecidas até agora; mas este óleo não foi suficientemente estudado para que eu possa, com garantia, falar dos seus resultados. Não será supérfluo acrescentar que o chá, o café e os licores são adjuvantes poderosos que aceleram mais ou menos a eclosão desta embriaguez misteriosa?

### III

#### O TEATRO DE SERAFIM

Que se sente? Que se vê? Coisas maravilhosas, não é verdade? Espectáculos extraordinários? É belo? É terrível? É perigoso? Estas são as perguntas comuns dirigidas pelos ignorantes aos adeptos, com uma curiosidade em que há receio. Dir-se-ia uma infantil impaciência de saber, como a das pessoas que nunca deixaram o canto do lume e se encontram diante de um homem que regressa de países distantes e desconhecidos. Imaginam a embriaguez do haxixe como um país prodigioso, um vasto teatro de prestidigitação e de escamoteação, onde tudo é miraculoso e imprevisível. Trata-se de um preconceito, de um equívoco completo. E, uma vez que para o comum dos leitores e dos perguntadores a palavra haxixe comporta a ideia de um mundo estranho e agitado, a expectativa de sonhos prodigiosos (melhor seria dizer alucinações, as quais, aliás, são menos frequentes do que se supõe), farei imediatamente notar a importante diferença que separa os efeitos do haxixe dos fenómenos do sono. No sono, essa viagem aventureira de todas as noites, há qualquer coisa de positivamente miraculoso; é um milagre cuja pontualidade embotou o mistério. Os sonhos do homem são de duas

classes. Uns, cheios da sua vida comum, das suas preocupações, dos seus desejos, dos seus vícios, combinam-se de maneira mais ou menos extravagante com os objectos entrevistos durante o dia e que se fixaram indiscretamente na vasta tela da memória. Este é o sonho natural; é o próprio homem. Mas a outra espécie de sonho! O sonho absurdo, imprevisito, sem relação nem conexão com o carácter, a vida e as paixões do adormecido! Esse sonho, a que chamarei hieroglífico, apresenta evidentemente o lado sobrenatural da vida, e foi justamente porque é absurdo que os antigos o julgaram divino. Como é inexplicável pelas causas naturais, atribuíram-lhe uma causa exterior ao homem; e ainda hoje, sem falar dos oniromantes, existe uma escola filosófica que vê nos sonhos deste género ora uma reprovação, ora um conselho; em suma, um quadro simbólico e moral, engendrado no próprio espírito do homem que dorme. É um dicionário que se deve estudar, uma língua de que os sages podem obter a chave.

Na embriaguez do haxixe, nada há que se pareça. Não sairemos do sonho natural. A embriaguez será, em toda a sua duração, um imenso sonho, graças à intensidade das cores e à rapidez das concepções; mas conservará sempre a tonalidade particular do indivíduo. O homem quis sonhar, o sonho governará o homem; mas esse sonho será filho de seu pai. O ocioso procurou introduzir artificialmente o sobrenatural na sua vida e no seu pensamento; mas, apesar de tudo, e não obstante a energia accidental das suas sensações, é apenas o mesmo homem aumentado, o mesmo número elevado a uma altíssima potência. É subjugado; mas, por sua infelicidade, é subjugado por si mesmo, isto é, pela parte

já dominante de si mesmo; **quis ser anjo, tornou-se animal**, momentaneamente poderosíssimo, se é que se pode chamar poderosa a uma sensibilidade excessiva, sem governo que a modere ou aproveite.

Que as pessoas de sociedade e os ignorantes, curiosos de conhecerem gozos excepcionais, saibam bem que não encontrarão no haxixe nada de miraculoso, absolutamente nada senão o natural excessivo. O cérebro e o organismo sobre os quais o haxixe opera não darão mais que os seus fenómenos ordinários, individuais, aumentados, é certo, quanto ao número e à energia, mas sempre fiéis à origem. O homem não fugirá à fatalidade do seu temperamento físico e moral: o haxixe será, para as impressões e para os pensamentos familiares do homem, um espelho de aumentar, mas um puro espelho.

Eis a droga diante dos vossos olhos: um pouco de doce verde, do tamanho de uma noz, singularmente cheiroso, a ponto de provocar uma certa repulsa e veleidades de náusea, como o faria, de resto, qualquer odor fino e mesmo agradável levado ao máximo da sua força e, por assim dizer, de densidade. Que me seja permitido notar, de passagem, que esta proposição pode ser invertida, e que o perfume mais repugnante, mais revoltante, se tornaria talvez um prazer se fosse reduzido ao seu mínimo de quantidade e de expansão. — Eis portanto a felicidade! Enche uma pequena colher! A felicidade com todas as ebriedades, todas as loucuras, todas as infantilidades! Podeis engolir sem receio; não se morre disso. Os vossos órgãos físicos não sofrerão qualquer dano. Mais tarde, talvez, um por demais frequente apelo ao sortilégio diminuirá a força da vossa vontade, talvez sejais menos homem do que o sois hoje; mas o castigo vem

tão longe, e o desastre futuro é de natureza tão difícil de definir! Que arriscais? Amanhã, um pouco de fadiga nervosa. Não arriscais todos os dias maiores castigos por recompensas mais pequenas? Está dito: para ganhar mais força e expansão, a vossa dose de extracto gordo foi por vós dissolvida numa chávena de café; haveis tido o cuidado de conservar livre o estômago, recuando para as nove ou dez horas da noite a refeição substancial, de modo a dar ao veneno toda a liberdade de acção; quando muito, daqui por uma hora, tomareis uma sopa leve. Tendes agora lastro suficiente para uma longa e singular viagem. O vapor silvou, o velame está orientado, e vós tendes sobre os viajantes vulgares o curioso privilégio de ignorardes aonde ides. Assim o quisestes; viva a fatalidade!

Presumo que haveis tido a precaução de escolher bem o momento para esta aventureira expedição. Todo o desregramento perfeito precisa de um vagar perfeito. Sabeis, por outro lado, que o haxixe cria a exageração não só do indivíduo, mas também da circunstância e do meio; não tendes deveres a cumprir que exijam pontualidade, exactidão; nenhuns desgostos de família; nenhuma dor de amor. Há que ter cuidado. Esse desgosto, essa lembrança de um dever que reclama a vossa vontade e atenção num minuto determinado, viriam soar como um toque de finados através da embriaguez e envenenariam o prazer. A inquietação tornar-se-ia angústia; o desgosto, tortura. Se, observadas todas estas condições prévias, o tempo está bonito, se estais colocado em meio favorável, como uma paisagem pitoresca ou um apartamento poeticamente decorado, se além disso podeis contar com um pouco de música, então tudo correrá bem.

Há geralmente na embriaguez do haxixe três fases bastante fáceis de distinguir, e não é coisa pouco curiosa observar, nos noviços, os primeiros sintomas da primeira fase. Haveis ouvido falar vagamente dos maravilhosos efeitos do haxixe; a imaginação preconcebeu uma ideia particular, qualquer coisa como um ideal de embriaguez; tarda-vos saber se a realidade estará decididamente à altura da esperança. Isto basta para vos lançar desde o princípio num estado ansioso, bastante favorável ao humor conquistador e invasor do veneno. A maior parte dos noviços, no primeiro grau de iniciação, queixam-se da lentidão dos efeitos; esperam-nos com impaciência pueril, e como a droga, a seu ver, não actua com rapidez bastante, dão-se a fanfarronadas de incredulidade que divertem os velhos iniciados, sabedores de como o haxixe se governa. Os primeiros sinais, como os sintomas de uma tempestade longamente indecisa, aparecem e surgem mesmo no seio dessa incredulidade. Começa por uma certa hilaridade, extravagante, irresistível, que se apodera de vós. Estes acessos de alegria não motivada, que quase vos envergonham, reproduzem-se frequentemente e cortam intervalos de entorpecimento durante os quais procurais em vão recolher-vos. As palavras mais simples, as ideias mais triviais, ganham uma fisionomia esquisita e nova; ficais mesmo espantado por as terdes achado até agora tão simples. Semelhanças e aproximações incongruentes, impossíveis de prever, jogos de palavras intermináveis, esboços de cómico, jorram continuamente do vosso cérebro. O demónio invadiu-vos; é inútil recalçar contra essa hilaridade dolorosa como cócegas. De vez em quando rides de vós próprio, da vossa necessidade e da vossa loucura e os vossos cama-

radas, se os tendes, riem igualmente do vosso estado e do deles; mas, assim como eles não mostram malícia, não sentis vós rancor.

Esta alegria, sucessivamente enlanguescedora ou pungente, este mal-estar na jovialidade, esta insegurança, esta indecisão da doença, duram pouco em geral. Não tarda que as relações de ideias se tornem de tal maneira vagas, tão ténue o fio condutor que liga as vossas concepções, que só os vossos cúmplices podem entender-vos. Aliás, neste ponto, não há qualquer meio de verificação: talvez eles julguem compreender-vos e a ilusão seja recíproca. Esta galhofa e estas gargalhadas, que parecem explosões, parecem verdadeira loucura, pelo menos needade de maníaco, a qualquer homem que não esteja no mesmo estado que vós. Do mesmo modo, a sageza e o bom senso, a regularidade dos pensamentos na testemunha prudente que não se embriagou, regozija-vos e diverte-vos como um género particular de demência. Os papéis estão invertidos. O sangue-frio dessa testemunha impele-vos aos últimos limites da ironia. Não será uma situação misteriosamente cómica a de um homem que goza de uma alegria incompreensível para quem não está colocado no mesmo meio que ele? O louco tem pena do sage e, a partir daí, a ideia da sua superioridade começa a despontar no horizonte do intellecto. Rapidamente crescerá, engrossará e rebentará como um meteoro.

Fui testemunha de uma cena deste género, levada muito longe, e cujo grotesco só era inteligível para aqueles que conheciam, ao menos por observação em outrem, os efeitos da substância e a diferença enorme de diapasão que ela cria entre duas inteligências supostamente iguais. Um músico célebre, que

ignorava as propriedades do haxixe, que talvez nunca tivesse ouvido falar dele, cai no meio de uma reunião em que várias pessoas o haviam tomado. Tenta-se fazer-lhe compreender os seus maravilhosos efeitos. Perante os prodigiosos relatos, sorri graciosamente, por complacência, como um homem que está disposto a **posar** durante alguns minutos. O erro é rapidamente adivinhado por espíritos que o veneno aguçara e os risos ferem-no. As manifestações de alegria, os jogos de palavras, as fisionomias alteradas, toda aquela atmosfera malsã, irritam-no e impelem-no a declarar, mais cedo talvez do que teria querido, que aquela **troça de artistas é má, e que aliás deve ser muito fatigante para os que a empreenderam**. O cómico iluminou todos os espíritos como um relâmpago. Foi um redobrar de alegria. «Essa **troça** pode ser boa para vós, disse ele, mas não para mim.» — «Basta que seja boa para nós», replica egoistamente um dos doentes. Sem saber se está metido com verdadeiros loucos ou com pessoas que simulam a loucura, o nosso homem pensa que a resolução mais sensata é retirar-se; mas alguém fecha a porta e esconde a chave. Outro, ajoelhando-se diante dele, pede-lhe perdão em nome de todos, e declara-lhe insolentemente, mas com lágrimas, que, apesar da sua inferioridade espiritual, que talvez provoque um pouco de piedade, todos sentem por ele amizade profunda. O músico resigna-se a ficar, e condescende até, a instantes pedidos, a tocar um pouco. Mas os sons do violino, difundindo-se no apartamento como um novo contágio, **agarram** (a palavra não é demasiado forte) ora um doente, ora outro. Ouvem-se suspiros roucos e profundos, soluços súbitos, há rios de lágrimas silenciosas. O músico, assustado.

pára e, aproximando-se do de beatitude mais ruidosa, pergunta-lhe se sofre muito e o que seria preciso fazer para o aliviar. Um dos assistentes, **homem prático**, propõe limonada e ácidos. Mas o doente, com os olhos em êxtase, fita-os a ambos com indizível desprezo. Querer curar um homem doente de vida demasiada, doente de alegria!

Como se vê por esta história, a benevolência ocupa lugar bastante grande nas sensações causadas pelo haxixe; uma benevolência mole, preguiçosa, muda, derivada do enternecimento dos nervos. Em reforço desta observação, alguém me contou uma aventura que lhe acontecera nesse estado de embriaguez e, como conservara recordação muito exacta das suas sensações, compreendi perfeitamente em que embaraço grotesco, inextricável, o lançara a diferença de diapasão e nível de que há pouco falei. Não me recordo se o homem em questão estava na sua primeira ou na sua segunda experiência. Teria tomado uma dose demasiado forte, ou o haxixe produzira, sem a ajuda de qualquer outra causa aparente (o que acontece frequentemente) efeitos muito mais vigorosos? Contou-me que através do prazer, do prazer supremo de se sentir cheio de vida e de se crer cheio de génio, encontrara de repente um objecto de terror. Primeiramente deslumbrado pela beleza das sensações, ficara de súbito aterrado. Perguntara a si mesmo o que seria da sua inteligência e dos seus órgãos, se aquele estado, que tomava por um estado sobrenatural, se fosse agravando, se os nervos se tornassem cada vez mais delicados. Por causa da faculdade de aumento que possui o olho espiritual do paciente, este medo deve ser um suplício inefável. «Eu era, dizia ele, como um cavalo espantado que corresse para

o abismo, e que quisesse parar, mas não pudesse. Com efeito, era um galope terrível aquele, e o meu pensamento, escravo da circunstância, do meio, do acidente e de tudo quanto pode estar implicado na palavra **acaso**, ganhara um jeito pura e absolutamente rapsódico. É demasiado tarde! repetia comigo mesmo, desesperado. Quando cessou este modo de sentir, que me pareceu durar um tempo infinito e que não ocupou talvez mais do que alguns minutos, quando julguei poder enfim mergulhar na beatitude, tão cara aos Orientais, que sucede a esta fase furibunda, fui esmagado por nova **desgraça**. Uma nova inquietação, muito trivial e pueril, caiu sobre mim. Lembrei-me de repente que estava convidado para jantar, numa reunião de homens graves. Vi-me de antemão no meio de uma multidão sensata e discreta, em que cada um é senhor de si mesmo, obrigado a esconder cuidadosamente o estado do meu espírito sob o brilho de lâmpadas numerosas. Acreditava que o conseguiria, mas também me sentia quase desfalecer ao pensar nos esforços de vontade que teria de fazer. Por não sei que acidente, as palavras do Evangelho: «Ai daquele homem por quem vem o escândalo!», acabavam de surgir na minha memória e, ao mesmo tempo que queria esquecer-las, que me empenhava em esquecer-las, repetia-as sem cessar no meu espírito. A minha infelicidade (porque era uma verdadeira infelicidade) tomou então proporções grandiosas. Resolvi, apesar da minha debilidade, mostrar energia e consultar um farmacêutico; porque eu ignorava os reactivos e queria ir, de espírito livre e aliviado, aonde me chamava o dever. Mas no limiar da loja um pensamento súbito me acometeu, fazendo-me parar durante alguns instantes e reflectir. Ao pas-

sar, olhara-me numa vitrina, e o meu rosto surpreendera-me. Aquela palidez, os lábios recolhidos, os olhos dilatados! Vou inquietar este bom homem, disse comigo, por causa de uma tolice! Acrescentai a isto o sentimento do ridículo que eu queria evitar, o receio de encontrar pessoas na loja. Mas a minha súbita benevolência pelo boticário desconhecido dominava todos os outros sentimentos. Imaginava o homem tão sensível como eu o era naquele instante funesto e, como imaginava também que o seu ouvido e a sua alma deviam, como os meus, vibrar ao menor ruído, resolvi entrar nas pontas dos pés. Nunca será demasiada, pensava, a descrição na casa de um homem cuja caridade vou alarmar. E prometia a mim mesmo abafar o som da minha voz com o ruído dos passos; conheceis a voz do haxixe? Grave, profunda, gutural, muito parecida com a dos velhos comedores de ópio. O resultado foi o contrário do que queria obter. Decidido a tranquilizar o farmacêutico, assustei-o. Não conhecia nada daquela **doença**, nunca ouvira falar dela. Contudo, olhava-me com uma curiosidade em que havia muita desconfiança. Julgar-me-ia um louco, um malfeitor ou um mendigo? Nem isto nem aquilo, sem dúvida; mas todas estas ideias absurdas me atravessaram o cérebro. Fui obrigado a explicar-lhe longamente (que fadiga!) o que era o doce de cânhamo e para que servia, repetindo-lhe constantemente que não havia perigo, que não havia, **para ele**, motivo de alarme, e que eu só pedia um meio de alívio ou de reacção, insistindo frequentemente no desgosto sincero que sentia por lhe causar incómodo. Finalmente — compreendi bem toda a humilhação contida para mim nestas palavras — pediu-me simplesmente **que me retirasse**. Tal foi a recompensa da minha

caridade e da minha benevolência exageradas. Fui ao serão; não escandalizei ninguém. Nenhum deles adivinhou os esforços sobre-humanos que tive de fazer para me parecer com toda a gente. Mas nunca esquecerei as torturas de uma embriaguez ultra-poética, oprimida pelo decoro e contrariada por um dever!»

Embora naturalmente propenso a simpatizar com todas as dores que nascem da imaginação, não pude impedir-me de rir perante este relato. O homem que mo fazia não se emendou. Continuou a pedir ao doce maldito a excitação que devemos encontrar em nós próprios; mas como é um homem prudente, bem comportado, **homem de sociedade**, diminuiu as doses, o que lhe permitiu aumentar a frequência. Apreciará mais tarde os frutos pobres da sua higiene.

Retorno ao desenvolvimento regular da embriaguez. Após esta primeira fase de alegria infantil, há como um apaziguamento momentâneo. Mas novos acontecimentos não tardam a anunciar-se por uma sensação de frescura nas extremidades (que pode mesmo tornar-se frio muito intenso em alguns indivíduos) e uma grande fraqueza em todos os membros; tendes então mãos de manteiga, e na vossa cabeça, em todo o vosso ser, sentis um entorpecimento e uma estupefacção embaraçosa. Os vossos olhos dilatam-se; são como que repuxados para todos os lados por um êxtase implacável. A face inunda-se de palidez. Os lábios recolhem-se e vão entrando na boca, com esse movimento de anelação que caracteriza a ambição de um homem presa de grandes projectos, oprimido por vastos pensamentos, ou recolhendo a respiração para ganhar impulso. A garganta fecha-se, por assim dizer. O palato está ressequido por uma



sede que seria infinitamente doce satisfazer, se as delícias da preguiça não fossem mais agradáveis e não se opusessem ao menor incómodo do corpo. Suspiros roucos e profundos se escapam do peito, como se o vosso **antigo** corpo não pudesse suportar os desejos e a actividade da vossa alma **nova**. De vez em quando, atravessa-vos uma sacudidela, obrigando-vos a um movimento involuntário, como esses sobressaltos que, no fim de um dia de trabalho ou numa noite tempestuosa, precedem o sono definitivo.

Antes de seguir mais adiante, quero ainda, a propósito da sensação de frescura de que falei, contar ainda um caso que servirá para mostrar até que ponto os efeitos, mesmo puramente físicos, podem variar consoante os indivíduos. Desta vez é um escritor que fala, e em algumas passagens do seu relato poder-se-ão encontrar, creio, os indícios de um temperamento literário.

«Tinha tomado uma dose moderada de extracto gordo, disse-me ele, e tudo corria bem. A crise de alegria doentia durara pouco tempo e encontrava-me num estado de languidez e de espanto que era quase felicidade. Prometia a mim mesmo um serão tranquilo e sem cuidados. Infelizmente, o acaso obrigou-me a acompanhar alguém a um espectáculo. Enfrentei a situação como um valente, resolvido a disfarçar o meu imenso desejo de preguiça e de imobilidade. Como todos os trens do meu bairro estavam tomados, tive de resignar-me a fazer um longo trajecto a pé, atravessar os ruídos discordantes dos trens, as conversas estúpidas dos passantes, todo um oceano de trivialidades. Uma ligeira frescura manifestara-se já na ponta dos dedos; não tardou a transformar-se num frio vivíssimo, como se tivesse as duas mãos mergulhadas

num balde de água gelada. Mas não era sofrimento; esta sensação quase aguda penetrava antes em mim como uma volúpia. Entretanto, parecia-me que o frio me invadia cada vez mais, ao longo da interminável viagem. Perguntei por duas ou três vezes à pessoa que me acompanhava se fazia realmente muito frio; foi-me respondido que, pelo contrário, a temperatura estava mais do que morna. Instalado enfim na sala, encerrado na caixa que me era destinada, com três ou quatro horas de repouso à minha frente, julguei-me chegado à terra prometida. Os sentimentos que repelira durante todo o caminho, com toda a pobre energia de que podia dispor, irromperam, e abandonei-me livremente ao meu mudo frenesi. O frio continuava a aumentar e, contudo, eu via pessoas levemente vestidas, ou mesmo enxugando a testa com ar de fadiga. Acudiu-me a ideia regozijante de que eu era um homem privilegiado, o único a quem era concedido o direito de ter frio de Verão, numa sala de espectáculos. O frio aumentava ao ponto de se tornar alarmante; mas acima de tudo eu estava dominado pela curiosidade de ver a que grau poderia ele descer. Por fim, chegou a tal ponto, foi tão completo, tão geral, que todas as minhas ideias se congelaram, por assim dizer; era um bocado de gelo pensante; considerava-me como uma estátua esculpida num só bloco de gelo; e esta louca alucinação causava-me orgulho, excitava em mim um bem-estar moral que não poderei definir. O que aumentava o meu abominável gozo era a certeza de que todos os assistentes ignoravam a minha natureza e a superioridade que tinha sobre eles; e depois a felicidade de pensar que o meu camarada não suspeitara um só instante das raras sensações que me possuíam! Tinha a recompensa

da minha dissimulação, e a minha excepcional volúpia era um verdadeiro segredo.

«De resto, mal entrara no camarote, os meus olhos haviam sido surpreendidos por uma impressão de treva que me parece ter algum parentesco com a ideia de frio. É possível que estas duas ideias se tenham reforçado reciprocamente. Sabeis que o haxixe invoca sêmpre magnificências de luz, esplendores gloriosos, cascatas de ouro líquido; toda a luz lhe serve, aquela que escorre como uma toalha e a que se agarra como lantejoulas aos bicos e às asperezas, os candelabros dos salões, os círios do mês de Maria, as avalanchas cor-de-rosa nos poentes. Parece que o miserável lustre espalhava uma luz bastante insuficiente para esta sede insaciável de claridade; julguei entrar, como disse, num mundo de trevas que, aliás, se tornaram gradualmente mais espessas, enquanto sonhava noite polar e Inverno eterno. Quanto ao palco (era um palco consagrado ao género cómico), só ele era luminoso, infinitamente pequeno e situado longe, muito longe, como se estivesse na ponta de um imenso estereoscópio. Não vos direi que ouvia os actores, sabeis que é impossível; de tempos a tempos o meu pensamento apanhava à passagem um farrapo de frase e, semelhante a uma bailarina hábil, servia-se dela como de um trampolim para saltar para devaneios longínquos. Poder-se-ia supor que um drama, ouvido desta maneira, tem falta de lógica e de encadeamento; enganai-vos; eu descobria um sentido muito subtil no drama criado pela minha distracção. Nada nele me chocava, e era um pouco como aquele poeta que, vendo representar **Ester** pela primeira vez, achava naturalíssimo que Aman fizesse uma declaração de amor à rainha. Era, como se adivinha, o

instante em que aquele se lança aos pés de Ester a implorar perdão para os seus crimes. Se todos os dramas fossem ouvidos segundo este método, ganhariam grandes belezas, mesmo os de Racine.

«Os actores pareciam-me excessivamente pequenos e cercados por um contorno preciso e cuidado, como as figuras de Meissonnier. Via distintamente, não só os pormenores mais minuciosos dos adornos, como desenhos de tecido, costuras, botões, etc., mas ainda a linha de separação da testa falsa com a verdadeira, o branco, o azul e o vermelho, e todos os meios de caracterização. E aqueles liliputianos estavam revestidos por uma claridade fria e mágica, como aquela que um vidro muito limpo acrescenta a uma pintura a óleo. Quando pude sair enfim daquela cave de trevas geladas, e quando, dissipada a fantasmagoria interior, tornei a mim, senti uma lassidão maior do que a que alguma vez me causara um trabalho aplicado e forçado.»

É com efeito neste período da embriaguez que se manifesta uma finura nova, uma acuidade superior em todos os sentidos. O olfacto, a vista, o ouvido, o tacto participam igualmente deste progresso. Os olhos visam o infinito. O ouvido distingue sons quase inapreensíveis no meio do mais vasto tumulto. É então que começam as aiucinações. Os objectos exteriores tomam lentamente, sucessivamente, aparências singulares; deformam-se e transformam-se. Depois, chegam os equívocos, os enganos e as transposições de ideias. Os sons revestem-se de cores, e as cores contêm uma música. Dir-se-á que tudo isto é natural e que qualquer cérebro poético, em estado são e normal, concebe facilmente estas analogias. Mas eu avisei já o leitor de que não havia nada de positivamente sobre-

natural na embriaguez do haxixe; simplesmente, as analogias ganham então uma vivacidade não costumada; penetram, invadem, esmagam o espírito sob o seu carácter despótico. As notas musicais tornam-se números e, se o vosso espírito é dotado de alguma aptidão matemática, a melodia, a harmonia escutada, ao mesmo tempo que conserva o seu carácter voluptuoso e sensual, transforma-se numa vasta operação aritmética em que os números engendram os números e de que seguís as fases e a geração com uma facilidade inexplicável e uma agilidade igual à do executante.

Acontece algumas vezes que a personalidade desaparece e que a objectividade, que é própria dos poetas panteístas, se desenvolve em vós tão anormalmente, que a contemplação dos objectos exteriores vos faz esquecer a vossa própria existência, não tardando a confundir-vos com eles. Os vossos olhos fixam-se numa árvore harmoniosa dobrada pelo vento; em alguns segundos, o que no cérebro de um poeta não seria mais do que uma comparação muito natural, tornar-se-á no vosso uma realidade. Começais por atribuir à árvore as vossas paixões, o vosso desejo ou a vossa melancolia; os seus gemidos e as suas oscilações tornam-se vossos, e não tarda que sejais árvore. Do mesmo modo, a ave que plana no fundo do céu azul começa por **representar** o imortal desejo de planar por sobre as coisas humanas; mas logo sois a própria ave. Suponho-vos sentado e a fumar. A vossa atenção descansará em demasia nas nuvens azuladas que se exalam do cachimbo. A ideia de uma evaporação lenta, sucessiva, eterna, apoderar-se-á do vosso espírito, e não tarda que apliqueis esta ideia aos vossos próprios pensamentos, à vossa

matéria pensante. Por um equívoco singular, por uma espécie de transposição ou de qui-proqué intelectual, sentir-vos-eis a evaporar-vos, e atribuireis ao cachimbo (dentro do qual vos sentis agachado e apertado como o tabaco) a estranha faculdade de **vos fumar**.

Por fortuna, esta interminável imaginação só durou um minuto, pois um intervalo de lucidez, com grande esforço, vos permitiu examinar a pêndula. Mas outra corrente de ideias vos arrebatou; rolar-vos-á ainda um minuto no seu turbilhão vivo, e esse outro minuto será uma eternidade. Porque as proporções do tempo e do ser estão completamente desordenadas pela multidão e intensidade das sensações e das ideias. Dir-se-ia que se vivem várias vidas de homem no espaço de uma hora. Não sereis então semelhante a um romance fantástico que fosse vivo em vez de ser escrito? Não há já equação entre os órgãos e os prazeres; e é sobretudo desta consideração que surge a censura aplicável a este perigoso exercício em que a liberdade desaparece.

Quando se fala de alucinações, não se deve tomar a palavra no seu sentido mais estrito. Um cambiante muito importante distingue a alucinação pura, tal como os médicos tiveram muitas vezes ocasião de estudar, da alucinação, ou antes, do engano dos sentidos no estado mental ocasionado pelo haxixe. No primeiro caso a alucinação é súbita, perfeita e fatal; além disso, não encontra pretexto, ou escusa, no mundo dos objectos exteriores. O doente vê uma forma, ouve sons onde os não há. No segundo caso a alucinação é progressiva, quase voluntária, e só se torna perfeita, só amadurece, pela acção da imaginação. Finalmente, tem um pretexto. O som fará, dirá coisas distintas, mas havia um som.

O olhar ébrio do homem tomado pelo haxixe verá formas estranhas; mas, antes de serem estranhas ou monstruosas, essas formas eram simples e naturais. A energia, a vivacidade verdadeiramente falante da alucinação na embriaguez não infirma em nada esta diferença original. Aquela tem uma raiz no meio ambiente e no tempo presente, esta não a tem.

Para melhor fazer compreender o fervilhar imaginativo, a maturação do sonho e a criação poética a que está condenado um cérebro intoxicado pelo haxixe, contarei outro caso. Desta vez não é um homem ocioso que fala, nem o tão-pouco um homem de letras; é uma mulher, uma mulher um pouco madura, curiosa, de espírito excitável, e que, tendo cedido ao apetite de conhecer o veneno, descreve assim, a uma outra dama, a sua principal visão. Transcrevo literalmente:

«Por mais estranhas e novas que tenham sido as sensações que tirei da minha loucura de doze horas (doze ou vinte? Na verdade, não sei), não tornarei. A excitação espiritual é demasiado viva, a fadiga que dela resulta, excessiva; e, falando francamente, acho que nesta infantilidade há qualquer coisa de criminoso. Cedi, enfim, à curiosidade; além disso, era uma loucura em comum, em casa de meus amigos, onde não via grande mal em faltar um pouco à dignidade. Antes de mais, devo dizer-vos que este maldito haxixe é uma substância muito pérfida; julgamo-nos por vezes livres da embriaguez, mas é apenas uma calma enganadora. Há repousos, e depois vêm recaídas. Assim, pelas dez horas da noite, achei-me num desses estados momentâneos; julgava-me liberta da sobreabundância de vida que tantos prazeres me dera, é certo, mas em que houvera também inquietação e medo. Comecei a cear com prazer,

como extenuada por uma longa viagem. Até aí, por prudência, abster-me de comer. Mas, antes mesmo de me levantar da mesa, o delírio voltou a agarrar-me, como o gato ao rato, e o veneno pôs-se outra vez a brincar com o meu pobre cérebro. Embora a minha casa seja a pequena distância do castelo dos nossos amigos, e houvesse um trem à minha disposição, senti-me de tal maneira vencida pela necessidade de sonhar e de me abandonar à loucura irresistível, que aceitei com alegria a oferta que me fizeram de ficar para o dia seguinte. Conheceis o castelo; sabeis que arranjaram, vestiram e **reconfortaram** à moderna toda a parte habitada pelos proprietários, mas que a parte geralmente desabitada foi deixada como era, com o seu velho estilo e velhas decorações. Foi resolvido que se improvisaria para mim um quarto de dormir nessa parte do castelo, e escolheu-se para esse efeito o quarto mais pequeno, uma espécie de toucador um pouco murcho e decrepito, mas encantador. Tenho de vo-lo descrever o melhor que puder, para que compreendeis a singular visão de que fui vítima, visão que me ocupou uma noite inteira, sem que eu desse pela fuga das horas.

«O toucador é muito pequeno, muito estreito. A altura da cornija, o tecto curva-se em abóbada; as paredes estão cobertas de espelhos estreitos e altos, separados por painéis onde estão pintadas paisagens no estilo frouxo das decorações. A altura da cornija, nas quatro paredes, estão representadas diversas figuras alegóricas, umas em atitudes de repouso, outras correndo ou esvoaçando. Por cima delas, algumas aves brilhantes e flores. Por trás das figuras ergue-se um caniçado pintado em **trompe-l'oeil**, e seguindo naturalmente a curva do tecto. Este tecto é dourado.

Todos os interstícios entre os caniços e as figuras estão, portanto, recobertos de ouro, e ao centro o ouro só é interrompido pelo entrelaçado geométrico do caniçado fingido. Como vedes parece-se um pouco com uma **gaiola** muito distinta, uma gaiola muito bela para uma ave muito grande. Devo acrescentar que a noite estava belíssima, muito transparente, a lua muito viva, ao ponto de, mesmo depois de apagada a vela, toda a decoração ter continuado visível, não iluminada pelos olhos do meu espírito, como poderíeis crer, mas alumiada por aquela bela noite, cujas luminosidades se agarravam a todo aquele bordado de ouro, espelhos e cores variadas.

«Fiquei primeiro muito espantada por ver grandes espaços estenderem-se diante de mim, ao lado de mim, por todos os lados; eram rios límpidos e paisagens verdejantes que se miravam em águas tranquilas. Adivinhais aqui o efeito dos painéis repercutidos pelos espelhos. Ao levantar os olhos, vi um sol poente semelhante a metal fundido que arrefecesse. Era o ouro do tecto; mas o caniçado fez-me pensar que estava numa espécie de gaiola ou de casa aberta ao espaço por todos os lados e que só as grades da minha magnífica prisão me separavam de todas aquelas maravilhas. Comecei por rir da minha ilusão; mas quanto mais olhava, mais a magia aumentava, mais ganhava vida, transparência e despótica realidade. A partir daí a ideia de clausura dominou o meu espírito, sem prejudicar muito, devo dizer, os prazeres variados que tirava do espectáculo exibido à volta e por cima de mim. Considerava-me como fechada por muito tempo, por milhares de anos talvez, naquela gaiola sumptuosa, no meio daquelas paisagens feéricas, entre aqueles horizontes maravilhosos. Sonhava com a **Bela Adormecida**, a

expição a suportar, a futura libertação. Por cima da minha cabeça esvoaçavam pássaros brilhantes dos trópicos e, como o meu ouvido distinguia o som dos guisos no pescoço dos cavalos que caminhavam pela estrada, fundidas as impressões dos dois sentidos numa ideia única, atribuía aos pássaros aquele canto misterioso do cobre e acreditava que cantavam com uma garganta de metal. Evidentemente, falavam de mim e celebravam o meu cativo. Macacos aos saltos, sátiros bufões, pareciam divertir-se com a prisioneira deitada, condenada à imobilidade. Mas todas as divindades mitológicas me olhavam com encantador sorriso, como para me encorajarem a suportar pacientemente o sortilégio, e todas as pupilas deslizavam para o canto das pálpebras como para se prenderem ao meu olhar. Daí concluí que se culpas antigas, se alguns pecados desconhecidos de mim mesma, tinham necessitado este castigo temporário, podia contar no entanto com uma bondade superior que, enquanto me condenava à prudência, me oferecia prazeres mais graves que os das bonecas que enchem a nossa juventude. Como vedes, as considerações morais não estavam ausentes do sonho; mas devo confessar que o prazer de contemplar aquelas formas e aquelas cores brilhantes, e de me julgar o centro de um drama fantástico, absorvia frequentemente todos os meus outros pensamentos. Este estado durou muito tempo, muito tempo... Terá durado até de manhã? Ignoro-o. Vi de repente o sol instalado no meu quarto; senti um vivo espanto e, apesar de todos os esforços de memória que pude fazer, foi-me impossível saber se dormira ou se suportara pacientemente uma insónia deliciosa. Ainda há pouco era noite e agora dia! E, contudo, vivera longamente.

oh! tão longamente!... Abolida a noção do tempo ou, antes, a medida do tempo, a noite inteira era mensurável pela multidão dos meus pensamentos. Por mais longa que devesse parecer-me, deste ponto de vista, afigurava-se-me todavia que durara apenas alguns segundos, ou que não tomara sequer lugar na eternidade.

«Não vos falo da minha fadiga... foi imensa. Diz-se que o entusiasmo dos poetas e dos criadores se assemelha ao que experimentei, embora sempre tenha imaginado que as pessoas encarregadas de nos comoverem deversem ser dotadas de temperamento muito calmo; mas se o delírio poético se parece com o que me proporcionou uma pequena colher de doce, penso que os prazeres do público custam muito caro aos poetas, e não foi sem um certo bem-estar, uma satisfação prosaica, que me senti finalmente **em minha casa, no meu ser** intelectual, quero dizer, na vida real.»

Eis uma mulher evidentemente sensata; mas do seu relato só nos serviremos para extrair algumas notas úteis que completarão esta descrição muito sumária das principais sensações engendradas pelo haxixe.

Ela falou da ceia como de um prazer que viesse muito a propósito, no momento em que uma acalmia momentânea, mas que parecia definitiva, lhe permitia entrar na vida real. Com efeito, há, como disse, intermitências e calmas enganadoras, e muitas vezes o haxixe determina uma fome voraz, quase sempre sede excessiva. Mas o jantar ou a ceia, em vez de trazerem um repouso definitivo, cria esse novo redobrar, essa crise vertiginosa de que se queixou a dama, e que foi seguida por uma série de visões encantadoras, ligeiramente tingidas de susto, às quais positivamente e de boa mente se resignou. A fome

e a sede tirânicas de que se fala não se satisfazem sem um certo trabalho. Porque o homem se sente de tal maneira acima das coisas materiais, ou antes, está de tal maneira vencido pela embriaguez que tem de pôr em acção uma grande coragem para mexer uma garrafa ou um copo.

A crise definitiva determinada pela digestão dos alimentos é, com efeito, muito violenta: é impossível lutar; e um tal estado não seria suportável se durasse muito tempo e não desse lugar imediato a uma outra fase de embriaguez que, no caso citado, se traduziu em visões esplêndidas, suavemente aterradoras e ao mesmo tempo cheias de consolações. Este novo estado é o que os Orientais chamam **kief**. Não se trata já de qualquer coisa de redemoinhante e de tumultuoso; é uma beatitude calma e imóvel, uma resignação gloriosa. Deixámos de ser há muito senhores de nós próprios, mas não nos afligimos. A dor e a ideia do tempo desapareceram, ou se algumas vezes ousam manifestar-se, são transfiguradas pela sensação dominante e são, então, relativamente à sua forma habitual, o que a melancolia poética é em relação à dor positiva.

Mas, acima de tudo, notemos que no relato desta dama (e foi com esse fim que o transcrevi) a alucinação é de género bastardo, e extrai a sua razão de ser do espectáculo exterior; o espírito não é mais do que um espelho onde o meio ambiente se reflecte transformado de uma maneira excessiva. Em seguida, vemos intervir aquilo a que chamaria a alucinação moral: o paciente julga-se submetido a uma expiação; mas o temperamento feminino, que é pouco próprio para a análise, não lhe permitiu notar o singular carácter optimista da dita alucinação. O olhar bené-

volo das divindades do Olimpo é poetizado por um verniz essencialmente **haxixin**. Não direi que a senhora se aproximou do remorso; mas os seus pensamentos, momentaneamente voltados para a melancolia e para o pesar, foram rapidamente coloridos de esperança. É uma observação que teremos ainda ocasião de verificar.

Ela falou da fadiga do dia seguinte; com efeito, essa fadiga é grande, mas não se manifesta imediatamente e, quando sois obrigado a reconhecê-la, não o fazeis sem espanto. Porque, primeiramente, quando haveis reconhecido que um novo dia se ergueu sobre o horizonte da vossa vida, experimentais um bem-estar surpreendente; julgais usufruir de uma leveza de espírito maravilhosa. Mas mal vos pondeis de pé, um velho resto de embriaguez vos segue e retarda, como a grilheta da recente servidão. As pernas fracas conduzem-vos com timidez e receais a cada momento partir-vos como um objecto frágil. Uma grande languidez (há pessoas que afirmam não lhe faltar encanto) se apodera do vosso espírito e espalha através das vossas faculdades, como um nevoeiro numa paisagem. Durante algumas horas ainda, eis-vos incapaz de trabalho, de acção e de energia. É a punição da prodigalidade ímpia com que haveis despendido o fluido nervoso. Haveis disseminado a vossa personalidade aos quatro ventos do céu e, agora, que dificuldade a vossa em reuni-la e concentrá-la!

#### IV

#### O HOMEM-DEUS

É tempo de pôr de lado todas estas falsas aparências e estes títeres nascidos da neblina de cérebros infantis. Não é verdade que temos de falar de coisas mais graves? das modificações dos sentimentos humanos, numa palavra, da **moral** do haxixe?

Até agora, não fiz mais do que uma monografia resumida da embriaguez; limitei-me a acentuar as suas principais características, sobretudo as materiais. Mas, o que é mais importante, creio, para o homem espiritual, é conhecer a acção do veneno sobre a parte espiritual do homem, isto é, a ampliação, a deformação e a exageração dos sentimentos habituais e das percepções morais, que apresentam então, numa atmosfera excepcional, um verdadeiro fenómeno de refacção.

O homem que, depois de se ter entregue durante muito tempo ao ópio ou ao haxixe, pôde encontrar, enfraquecido como estava pelo hábito da servidão, a energia necessária para se libertar, aparece-me como um prisioneiro evadido. Inspira-me mais admiração do que o homem prudente que nunca fraquejou, sempre cuidadoso em evitar a tentação. Os Ingleses servem-se frequentemente, a propósito dos comedores de ópio, de termos que

só podem parecer excessivos aos inocentes a quem são desconhecidos os horrores desta decadência: **enchained, fettered, enslaved!** Cadeias, com efeito, cadeias ao pé das quais todas as outras, as cadeias do dever, as cadeias do amor ilegítimo, não são mais do que redes de gaze e teias-de-aranha! Horrível casamento do homem consigo mesmo! «Tinha-me tornado escravo do ópio; ele apertava-me nos seus laços, e todos os meus trabalhos e planos haviam ganho a cor dos meus sonhos», diz o esposo de Ligeia; mas em quantas maravilhosas passagens Edgar Poe, esse poeta incomparável, esse filósofo não refutado, que tem de ser sempre citado a propósito das doenças misteriosas do espírito, não descreve os sombrios e fascinantes esplendores do ópio? O amante da luminosa Berenice, Egeu o metafísico, fala de uma alteração das suas faculdades, que o força a dar um valor anormal, monstruoso, aos fenómenos mais simples: «Reflectir infatigavelmente longas horas, com a atenção fixa em qualquer citação pueril na margem ou no texto de um livro, — ficar absorvido, a maior parte de um dia de Verão, numa sombra extravagante, alongando-se obliquamente pela tapeçaria ou pelo sobrado —, esquecer-me uma noite inteira a vigiar a chama direita de uma lamparina ou as brasas da lareira — sonhar dias inteiros sobre o perfume de uma flor — repetir de uma maneira monótona qualquer palavra vulgar, até que o som, à força de ser repetido, deixasse de apresentar ao espírito uma ideia qualquer — tais eram algumas das mais comuns e das menos perniciosas aberrações das minhas faculdades mentais, aberrações que, sem dúvida, têm outros exemplos, mas que desafiavam certamente toda a explicação e toda a análise.» E o nervoso Augusto Bedloe

que em cada manhã, antes do passeio, engole a sua dose de ópio, confessa-nos que o principal benefício que tira deste envenenamento quotidiano é dar a todas as coisas, mesmo as mais triviais, um interesse exagerado: «Entretanto, o ópio produzira o seu efeito costumeiro, que é o de revestir o mundo exterior de uma intensidade de interesse. No tremor de uma folha, — na cor de um talo de erva — na forma de um trevo, — no zumbir de uma abelha, — no brilho de uma gota de orvalho, — no suspiro do vento, — nos vagos cheiros vindos da floresta — produzia-se todo um mundo de inspirações, uma procissão magnífica e colorida de pensamentos desordenados e rapsódicos.»

Assim se exprime, pela boca das suas personagens, o mestre do horrível, o príncipe do mistério. Estas duas características do ópio são perfeitamente aplicáveis ao haxixe; num caso como no outro caso, a inteligência, antes livre, torna-se escrava; mas a palavra **rapsódico**, que define tão bem uma sucessão de pensamentos sugerida e comandada pelo mundo exterior e pelo acaso das circunstâncias, é de uma verdade mais verdadeira e mais terrível no caso do haxixe. Aqui, o raciocínio não é mais do que um destroço à mercê de todas as correntes, e a sucessão de pensamentos é **infinitamente mais** acelerada e mais **rapsódica**. Equivale a dizer, creio, de uma maneira suficientemente clara, que o haxixe é, no seu efeito presente, muito mais veemente que o ópio, muito mais inimigo da vida regular, numa palavra, muito mais perturbador. Ignoro se dez anos de intoxicação pelo haxixe produzirão desastres iguais aos causados por dez anos de regime de ópio; para a hora presente e para o dia seguinte, digo que o haxixe tem resultados mais funes-



tos; um é sedutor pacífico, o outro um demônio desordenado.

Quero definir e analisar, nesta última parte, a devastação moral causada por esta perigosa e deliciosa ginástica, devastação tão grande, perigo tão profundo, que aqueles que regressam do combate apenas ligeiramente avariados me surgem como valentes salvos da caverna de um Proteu multiforme. Orfeus vencedores do Inferno. Considere-se, se se quiser, esta forma de linguagem uma metáfora excessiva, mas eu confessarei que os venenos excitantes me parecem não apenas um dos mais terríveis e dos mais seguros meios de que dispõe o Espírito das Trevas para recrutar e escravizar a deplorável humanidade, mas mesmo uma das suas incorporações mais perfeitas.

Desta vez, para abreviar a minha tarefa e tornar a análise mais clara, em vez de reunir casos dispersos, acumularei numa só personagem fictícia uma massa de observações. Preciso pois de imaginar uma alma da minha preferência. Nas suas **Confissões**, De Quincey afirma com razão que o ópio, em lugar de adormecer o homem, o excita, mas que só o excita na sua via natural e que, assim, para julgar das maravilhas do ópio, seria absurdo referir-se alguém a um marchante; este só sonhará com bois e pastagens. Ora, eu não estou interessado em descrever as grosseiras fantasias de um criador de gado embriagado de haxixe; quem as leria com prazer? Quem consentiria em lê-las? Para idealizar o meu tema devo concentrar todos os seus raios num círculo único, devo polarizá-los; e o círculo mágico onde vou reuni-los será, como já disse, uma alma escolhida por mim, qualquer coisa de análogo ao que o século XVIII chamava **homem sensível**, ao que a escola

romântica designava por **homem incompreendido**, e que as famílias e a massa burguesa difamam geralmente sob o epíteto de **original**.

Um temperamento meio nervoso, meio bilioso, é o mais favorável às evoluções de uma tal embriaguez; acrescentemos um espírito culto, exercitado nos estudos da forma e da cor; um coração terno, fatigado pela infelicidade, mas ainda pronto para o rejuvenescimento; iremos, se quiserdes, admitir até erros antigos e daí deve resultar numa natureza facilmente excitável, senão remorsos positivos, pelo menos o pesar do tempo profanado e mal vivido. O gosto da metafísica, o conhecimento das diferentes hipóteses da filosofia sobre o destino humano, não são decerto complementos inúteis — assim como esse amor da virtude, da virtude abstracta, estóica ou mística, posto em todos os livros de que a infância moderna faz seu alimento, como o mais alto cume a que uma alma superior pode subir. Se se juntar a tudo isto uma grande finura de sentidos que omiti como condição sobre-rogatória, creio que reuni os elementos gerais mais comuns do homem sensível moderno, do que se poderia chamar a **forma banal da originalidade**. Vejamos agora em que se tornará essa individualidade levada ao extremo pelo haxixe. Sigamos este processo da imaginação humana sob o seu último e mais esplêndido túmulo, até à crença do indivíduo na sua própria divindade.

Se sois uma destas almas, o vosso amor inato pela forma e pela cor começará por encontrar um alimento imenso nos primeiros desenvolvimentos da embriaguez. As cores ganharão uma energia não habitual e entrarão no cérebro com uma intensidade vitoriosa. Delicadas, medíocres, ou mesmo más, as pinturas dos tectos mostrarão uma vida assus-

tadora; os mais grosseiros papéis pintados que foram as paredes das hospedarias aprofundar-se-ão como esplêndidos dioramas. As ninfas de carnes esplêndidas fitam-vos com grandes olhos mais profundos e mais límpidos do que o céu e a água; as personagens da antiguidade, vestidas com os seus trajes sacerdotais ou militares, trocam convosco, pelo simples olhar, solenes confidências. A sinuosidade das linhas é uma linguagem definitivamente clara em que ledes a agitação e o desejo das almas. Entretanto, desenvolve-se o estado misterioso e temporário do espírito em que a profundidade da vida, eriçada dos seus problemas múltiplos, se revela inteiramente no espectáculo, por mais natural e trivial que seja, que tendes diante dos olhos — em que o primeiro objecto visto se torna símbolo falante. Fourier e Swedenborg, um com as suas **analogias**, o outro com as suas **correspondências**, encarnaram-se no vegetal e no animal que surgem diante dos vossos olhos e, em lugar de ensinarem pela voz, doutrina-vos pela forma e pela cor. A inteligência da alegoria toma proporções de vós próprios desconhecidas; notaremos, de passagem, que a alegoria, esse género tão **espiritual**, que os pintores inábeis nos acostumaram a desprezar, mas que é verdadeiramente uma das formas primitivas e mais naturais da poesia, retoma o seu legítimo domínio na inteligência iluminada pela embriaguez. O haxixe estende-se então sobre a vida como um verniz mágico; colora-a em solenidade e ilumina-lhe toda a profundidade. Paisagens recortadas, horizontes fugidios, perspectivas de cidades embranquecidas pela lividez cadaverosa da tempestade, ou iluminadas pelos ardores concentrados dos poentes, — profundidade do espaço, alegoria da profundidade do tempo,

— a dança, o gesto ou a declamação dos actores, se vos precipitastes num teatro, — a primeira frase aparecida, se os vossos olhos caem sobre um livro, — tudo enfim, a universalidade dos seres se ergue diante de vós com uma nova glória não suspeitada até aí. A gramática, a própria árida gramática, torna-se qualquer coisa como uma feitiçaria evocatória; as palavras ressuscitam revestidas de carne e de ossos, o substantivo, na sua majestade substancial, o adjetivo, veste transparente que o cobre e lhe dá cor como uma velatura, e o verbo, anjo do movimento, que dá o balanço à frase. A música, outra linguagem querida aos preguiçosos ou aos espíritos profundos que procuram o repouso na variedade do trabalho, fala-vos de vós mesmos e conta-vos o poema da vossa vida; incorpora-se em vós, e vós fundis-vos nela. Fala da vossa paixão, não de uma maneira vaga e indefinida, como nas noites indiferentes, em dia de ópera, mas de uma maneira circunstanciada, positiva, marcando cada movimento do ritmo um movimento conhecido da vossa alma, transformando-se cada nota numa palavra, e entrando o poema no vosso cérebro como um dicionário dotado de vida.

Não se julgue que todos estes fenómenos se produzem no espírito ao calhar, com o acento gritante da realidade e a desordem da vida exterior. Os olhos interiores transformam tudo e dão a cada coisa o complemento de beleza que lhe falta para que seja verdadeiramente digna de agradar. É também a esta fase essencialmente voluptuosa e sensual que se deve reportar o amor das águas límpidas, correntes ou estagnadas, desenvolvido tão surpreendentemente na embriaguez cerebral de alguns artistas. Os espelhos tornam-se um pretexto a este devaneio que se assemelha a

uma sede espiritual, conjunta à sede física que resseca a garganta, e de que falei antes; as águas fugidias, os **jogos** de água, as cascatas harmoniosas, a imensidade azul do mar, rolam, cantam, dormem com um encanto inexprimível. A água ostenta-se como uma verdadeira feiticeira e, embora eu não acredite muito nas loucuras furiosas causadas pelo haxixe, não afirmaria que a contemplação de um abismo límpido fosse completamente destituído de perigo para um espírito apaixonado pelo espaço e pelo cristal, e que a velha fábula da Ondina não pudesse tornar-se para o entusiasta em trágica realidade.

Creio ter falado o suficiente do crescimento monstruoso do tempo e do espaço, duas ideias sempre conexas, mas que o espírito enfrenta então sem tristeza e sem medo. Olha com certa delícia melancólica através dos anos profundos, e avança audaciosamente por infinitas perspectivas. Presumo ter sido adivinhado que este crescimento anormal e tirânico se aplica igualmente a todos os sentimentos e a todas as ideias: é o caso da benevolência; desta creio ter dado uma bela amostra; [é o caso da ideia de beleza] (1); é o caso do amor. A ideia de beleza deve naturalmente ocupar um lugar vasto no temperamento espiritual que imaginei. A harmonia, o balanceamento das linhas, a euritmia dos movimentos, aparecem ao sonhador como necessidades, como **deveres**, não só para todos os seres da criação, mas para si mesmo, o sonhador, que se encontra, nesse período da

---

(1) Estas palavras, necessárias ao sentido, não se lêem na edição de 1860 nem na de 1869, póstuma. A sua introdução é feita segundo a *Revue Contemporaine*. (N. dos E.)

crise, dotado de maravilhosa aptidão para compreender o ritmo imortal e universal. E se ao nosso fanático falta beleza pessoal, não julgueis que sofra por muito tempo com a confissão a que é obrigado, nem que se olhe como nota discordante no mundo de harmonia e de beleza improvisado pela sua imaginação. Os sofismas do haxixe são muitos e admiráveis, tendentes em geral ao optimismo, e um dos principais, o mais eficaz, é aquele que transforma o desejo em realidade. O mesmo se passa sem dúvida em muitos casos da vida ordinária, mas agora com quanto mais ardor e subtileza! Aliás, como poderia um ser tão bem dotado para compreender a harmonia, uma espécie de sacerdote do Belo, ser excepção e nódoa na sua própria teoria? A beleza moral e a sua força, a graça e as suas seduções, a eloquência e as suas proezas, todas estas ideias se apresentam logo como correctivos de uma fealdade indiscreta, depois como consoladoras, finalmente como adadoras perfeitas de um ceptro imaginário.

Quanto ao amor, ouvi muitas pessoas, animadas por uma curiosidade de estudante liceal, procurarem informar-se junto daquelas a quem era familiar o uso do haxixe. A que ponto vai a embriaguez do amor, já tão poderosa no seu estado natural, quando está encerrada na outra embriaguez, como um sol noutra sol? Tal é a pergunta que se levantará numa multidão de espíritos a que chamarei os bocas-abertas do mundo intelectual. Para responder a um subentendido desonesto, à parte da pergunta que não ousa manifestar-se, remeterei o leitor para Plínio, que falou não sei bem onde das propriedades do cânhamo de modo a dissipar muitas ilusões a este respeito. Sabe-se, por outro lado, que a atonia é o resultado mais comum do abuso

que os homens fazem dos nervos e das substâncias capazes de excitá-los. Ora, como aqui não se trata de força afectiva, mas de emoção ou de susceptibilidade, limitar-me-ei a rogar ao leitor que considere que a imaginação de um homem nervoso, embriagado de haxixe, é levada a um prodigioso grau, tão pouco determinável como a força possível do vento num furacão, e os seus sentidos subtilizados a um ponto quase igualmente difícil de definir. É permitido pois acreditar que uma carícia leve, a mais inocente de todas, um aperto de mão, por exemplo, pode ter valor centuplicado pelo estado actual da alma e dos sentidos, e conduzi-los talvez, e muito rapidamente, até essa síncope que é considerada pelos vulgares mortais como o **sum:mum** da felicidade. Mas que o haxixe acorda, numa imaginação frequentemente ocupada com as coisas do amor, recordações ternas, a que a dor e a desgraça podem dar mesmo um novo brilho, é indubitável. Não é menos certo que uma forte dose de sensualidade se junta a estas agitações do espírito; e aliás não é inútil notar, o que bastaria para verificar neste ponto a imoralidade do haxixe, que uma seita de Ismaelitas (foi dos Ismaelitas que saíram os Assassinos) levava as suas adorações muito para lá do imparcial Lingam, isto é, até ao culto absoluto e exclusivo da metade feminina do símbolo. Nada mais natural, sendo cada homem a representação da história, do que ver uma heresia obscena, uma religião monstruosa manifestar-se num espírito que cobardemente se entregou à mercê de uma droga infernal, e que sorri à delapidação das suas próprias faculdades.

Uma vez que vimos manifestar-se na embriaguez do haxixe uma benevolência singular aplicada mesmo a desconhecidos, uma espé-

cie de filantropia feita mais de piedade que de amor (é aqui que se mostra o primeiro germe do espírito satânico que se desenvolverá de uma maneira extraordinária), mas que vai até ao temor de afligir quem quer que seja, adivinha-se em que pode tornar-se a sentimentalidade localizada, aplicada a uma pessoa querida, que desempenhe ou tenha desempenhado papel importante na vida moral do doente. O culto, a adoração, a prece, os sonhos de ventura projectam-se e lançam-se com a energia ambiciosa e o brilho de um fogo-de-artifício; como a pólvora e as matérias coloridas do fogo, deslumbram e desvanecem-se nas trevas. Não há nenhuma espécie de combinação sentimental a que não possa prestar-se o maleável amor de um escravo do haxixe. O gosto da protecção, um sentimento de paternidade ardente e devotada podem juntar-se a uma sensualidade culposa que o haxixe saberá sempre desculpar e absolver. Vai mais longe ainda. Suponho erros cometidos que tenham deixado na alma vestígios amargos, um marido ou um amante que contemplem com tristeza (no seu estado normal) um passado assinalado de tempestades; estas amarguras podem então transformar-se em doçuras; a necessidade de perdão torna a imaginação mais hábil e suplicante, e o próprio remorso, neste drama diabólico que se exprime apenas por um longo monólogo, pode agir como excitante e reacquer poderosamente o entusiasmo do coração. Sim, o remorso! Errei ao dizer que a um espírito verdadeiramente filosófico o haxixe aparecia como um perfeito instrumento satânico? O remorso, singular ingrediente do prazer, não tarda a ser afogado na deliciosa contemplação do remorso, numa espécie de análise voluptuosa; e esta análise é tão rápida que

o homem, esse diabo natural, para falar como os swedenborguianos, não se apercebe de quanto é involuntária, e quanto, de segundo a segundo, se aproxima da perfeição diabólica. **Admira** o seu remorso e glorifica-se dele, enquanto vai a caminho de perder a sua liberdade.

Eis pois o homem imaginado, o espírito que escolhi, chegado a esse grau de alegria e de serenidade em que é **obrigado** a admirar-se a si mesmo. Toda a contradição se desvanece, todos os problemas filosóficos se tornam límpidos, ou pelo menos assim parecem. Tudo é matéria de gozo. A plenitude da vida actual inspira-lhe um orgulho desmedido. Uma voz fala dentro de si (ai dele, é a sua!) e diz-lhe: «Tens agora o direito de te considerares superior a todos os homens; ninguém conhece nem poderia compreender tudo o que pensas e tudo o que sentes; seriam mesmo incapazes de apreciar a benevolência que te inspiram. És um rei que os passantes desconhecem, e que vive na solidão da sua convicção: mas que te importa? Não possuis esse desprezo soberano que torna a alma tão boa?»

Entretanto, podemos supor que de vez em quando uma recordação cáustica atravessa e corrompe esta felicidade. Uma sugestão fornecida pelo exterior pode reanimar um passado desagradável de contemplar. De quantas acções estúpidas ou vis não está o passado cheio, que são verdadeiramente indignas deste rei do pensamento e que lhe maculam a dignidade ideal? Acreditai que o homem do haxixe enfrentará corajosamente estes fantasmas cheios de acusações, e saberá até extrair dessas abomináveis recordações novos elementos de prazer e de orgulho. Esta será a evolução do seu raciocínio: passada a pri-

meira sensação de dor, analisará curiosamente a acção ou o sentimento cuja lembrança perturbou a sua glorificação actual, os motivos que o faziam agir então, as circunstâncias de que estivera rodeado, e se não encontra nessas circunstâncias razões suficientes, senão para absolver, pelo menos para atenuar o seu pecado, não imagineis que se sinta vencido! Assisto ao seu raciocínio como ao jogo de um mecanismo sob um vidro transparente: «Esta acção ridícula, cobarde ou vil, cuja lembrança me agitou um momento, está em completa contradição com a minha verdadeira natureza, a minha natureza actual, e a própria energia com que a condeno, o cuidado inquisitorial com que a analiso e a julgo, provam as minhas altas e divinas aptidões para a virtude. Quantos homens se encontrariam no mundo tão hábeis em se julgarem, tão severos em se condenarem?» E não só se condena, como se glorifica. Assim absorvida a horrível recordação na contemplação de uma virtude ideal, de uma caridade ideal, de um génio ideal, entrega-se candidamente à sua triunfante orgia espiritual. Vimos que, contrafazendo de maneira sacrílega o sacramento da penitência, ao mesmo tempo penitente e confessor, dera a si mesmo uma fácil absolvição, ou, pior ainda, extraíra da condenação um novo alimento para o orgulho. Agora, da contemplação dos seus sonhos e dos seus projectos de virtude, conclui pela sua aptidão prática à virtude; a energia amorosa com que abraça este fantasma de virtude parece-lhe uma prova suficiente, peremptória, da energia viril necessária para a realização do seu ideal. Confunde completamente o sonho com a acção e, exaltada cada vez mais a sua imaginação perante o espectáculo encantador da sua própria natureza corrigida e idealizada,

substituindo o seu real indivíduo, tão pobre em vontade, tão rico em vaidade, por esta imagem fascinadora de si mesmo, acaba por decretar a sua apoteose nestes termos claros e simples, que contêm para si todo um mundo de abomináveis gozos: «**Sou o mais virtuoso de todos os homens!**»

Não vos faz lembrar isto a Jean-Jacques, que, depois de se ter também confessado ao universo, não sem uma certa volúpia, ousou soltar o mesmo grito de triunfo (ou pelo menos a diferença é muito pequena) com a mesma sinceridade e a mesma convicção? O entusiasmo com que admirava a virtude, o enternecimento nervoso que lhe enchia os olhos de lágrimas, à vista de uma bela acção ou ao pensar em todas as belas acções que teria querido realizar bastavam para lhe dar uma ideia superlativa do seu valor moral. Jean-Jacques embriagara-se sem haxixe.

Seguirei mais adiante na análise desta vitoriosa monomania? Explicarei como, sob o domínio do veneno, este homem se torna rapidamente centro do universo? Como se torna expressão viva e exaltada do provérbio que diz que a paixão reporta tudo a si mesma? Ele acredita na sua virtude e no seu génio; não se estará adivinhando o fim? Todos os objectos circundantes são outras tantas sugestões que agitam em si um mundo de pensamentos, todas mais coloridas, mais vivas, mais subtis do que nunca, e revestidas de um verniz mágico. «Estas cidades magníficas, pensa ele, em que edifícios soberbos estão escalonados como nos cenários, — estes belos navios balouçados pelas águas do porto numa indolência nostálgica, e que parecem traduzir o nosso pensamento: Quando partimos para a felicidade? — estes museus que regurgitam de belas formas e de cores em-

briagadoras, — estas bibliotecas onde estão reunidos os trabalhos da Ciência e os sonhos da Musa, — estes instrumentos juntos que falam com uma só voz, — estas mulheres enfeitiçadoras, mais encantadoras ainda pela ciência do adorno e economia do olhar, — todas estas coisas foram criadas **para mim, para mim, para mim!** Para mim, a humanidade trabalhou, foi martirizada, imolada, para servir de pasto, de **pabulum**, ao meu implacável apetite de emoção, de conhecimento e de beleza!» Dou um salto e abrevio. Ninguém se surpreenderá que um pensamento final, supremo, jorre do cérebro do sonhador: «**Torne-me Deus!**», que um grito selvagem, ardente, se solte do seu peito com uma energia tal, uma tal força de projecção que, se as vontades e as crenças de um homem embriagado tivessem uma virtude eficaz, este grito faria cair os anjos disseminados nos caminhos do céu: «Eu sou um Deus!» Mas logo este furacão de orgulho se transforma numa temperatura de beatitude calma, muda, repousada, e a universalidade dos seres apresenta-se colorida e como iluminada por uma aurora sulfurosa. Se por acaso uma vaga recordação se insinua na alma deste deplorável bem-aventurado: Não haverá um outro Deus? — crede que ele se erguerá perante **este**, discutirá as suas vontades e enfrentá-lo-á sem terror. Certo filósofo francês, para troçar das doutrinas alemãs modernas, dizia: «Sou um deus que jantou mal.» Esta ironia não morderia um espírito arrebatado pelo haxixe: ele responderia tranquilamente: «É possível que tenha jantado mal, mas sou um Deus.»

## V

### MORAL

Mas o dia seguinte! o terrível dia seguinte! todos os órgãos frouxos, fatigados, os nervos distendidos, as titilantes vontades de chorar, a impossibilidade de aplicação num trabalho continuado, ensinam-vos cruelmente que haveis jogado um jogo proibido. A hedionda natureza, despojada da sua iluminação da véspera, assemelha-se aos melancólicos restos de uma festa. A vontade, sobretudo, de todas as faculdades a mais preciosa, está atacada. Diz-se, e é quase verdade, que a substância não causa qualquer mal físico, nenhum mal grave, pelo menos. Mas pode-se afirmar que um homem incapaz de acção, e apenas capaz de sonhos, passaria verdadeiramente bem, mesmo que todos os seus membros estivessem em bom estado? Ora, nós conhecemos bastante a natureza humana para saber que um homem possa, com uma colher de doce, alcançar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, não ganhará jamais a milésima parte deles pelo trabalho. Pode figurar-se um Estado em que todos os cidadãos se embriagassem com haxixe? Que cidadãos! que guerreiros! que legisladores! Mesmo no Oriente, onde o uso dele está tão espalhado, há governos que compreenderam a necessi-

dade de o proscrever. Com efeito, é proibido ao homem, sob pena de decadência e de morte intelectual, desordenar as condições primordiais da sua existência e quebrar o equilíbrio das suas faculdades com os meios em que elas estão destinadas a mover-se, numa palavra, desordenar o seu destino para o substituir por uma fatalidade de novo género. Lembremo-nos de Melmoth, esse admirável emblema. O seu horrível sofrimento está na desproporção entre as suas maravilhosas faculdades, adquiridas instantaneamente por um pacto satânico, e o meio onde, como criatura de Deus, está condenado a viver. E nenhum daqueles a quem quer seduzir consente em comprar-lhe, nas mesmas condições, o terrível privilégio. Com efeito, todo o homem que não aceita as condições da vida, vende a alma. É fácil de captar a relação que existe entre as criações satânicas dos poetas e as criaturas vivas que se dedicaram aos excitantes. O homem quis ser Deus, e ei-lo, em virtude de uma lei moral incontrolável, caído mais baixo que a sua natureza real. É uma alma que se vende a retalho.

Balzac pensava sem dúvida que não há para o homem maior vergonha nem mais vivo sofrimento que a abdicação da vontade. Vi-o uma vez numa reunião em que se falava dos efeitos prodigiosos do haxixe. Ele escutava e fazia perguntas com uma atenção e uma vivacidade divertidas. As pessoas que o conheceram adivinham que devia estar interessado. Mas a ideia de pensar contra sua vontade chocava-o vivamente. Apresentaram-lhe **dawamesk**; examinou-o, cheirou-o e devolveu-o sem lhe tocar. A luta entre a curiosidade quase infantil e a repugnância pela abdicação denunciava-se no seu rosto expressivo de uma maneira evidente. O amor

da dignidade venceu. Na verdade, é difícil imaginar o teórico da **vontade**, esse gêmeo espiritual de Louis Lambert, consentindo em perder uma parcela desta preciosa **substância**.

Apesar dos admiráveis serviços prestados pelo éter e pelo clorofórmio, parece-me que do ponto de vista da filosofia espiritualista, o mesmo estigma moral se aplica a todas as invenções modernas que tendem a diminuir a liberdade humana e a indispensável dor. Não foi sem certa admiração que ouvi uma vez o paradoxo de um oficial que me contava a operação cruel praticada num general francês em El-Aghouat, e de que este morreu apesar do clorofórmio. Este general era um homem muito valente, e mesmo alguma coisa mais, uma dessas almas a quem se aplica naturalmente o termo cavalheiresco. «De que ele precisava, dizia-me, não era de clorofórmio, mas dos olhares de todo o exército e da música dos regimentos. Assim talvez se tivesse salvo!» O cirurgião não era da opinião deste oficial; mas o capelão teria sem dúvida admirado estes sentimentos.

É verdadeiramente supérfluo, após todas estas considerações, insistir no carácter imoral do haxixe. Que eu o comparo ao suicídio, a um suicídio lento, a uma arma sempre sangrenta e sempre aguçada, nenhum espírito sensato o negará. Que eu o assimilo à feitiçaria, à magia, que pretendem, operando sobre a matéria, e por arcanos cuja falsidade e eficácia nada prova, conquistar um domínio interdito ao homem ou permitido apenas àquele que é julgado digno, nenhuma alma filosófica me censurará esta comparação. Se a Igreja condena a magia e a feitiçaria, é porque elas militam contra as intenções de Deus, suprimem o trabalho do tempo e querem tor-

nar supérfluas as condições de pureza e de moralidade; é porque ela, a Igreja, só considera como legítimos, como verdadeiros, os tesouros conquistados pela boa intenção assídua. Chamamos escroque ao jogador que encontrou meio de jogar pela certa; como chamaremos ao homem que quer comprar, com um pouco de dinheiro, a felicidade e o génio? É a própria infalibilidade do meio que constitui a imoralidade, como a suposta infalibilidade da magia lhe impõe o ferrete infernal. Acrescentarei que o haxixe, como todas as alegrias solitárias, torna o indivíduo inútil aos homens e a sociedade supérflua para o indivíduo, levando-o a admirar-se sem cessar a si mesmo e precipitando-se dia-a-dia no abismo luminoso onde ele admira a sua face de Narciso?

E se, embora à custa da sua dignidade, da sua honestidade e do seu livre arbítrio, o homem pudesse extrair do haxixe grandes benefícios espirituais, fazer dele uma espécie de máquina de pensar, um instrumento fecundo? Respondo a esta pergunta, que muitas vezes ouvi fazer. Em primeiro lugar, como longamente expliquei, o haxixe não revela ao indivíduo nada mais que o próprio indivíduo. É certo que esse indivíduo é por assim dizer elevado ao cubo e levado ao extremo, e como é igualmente certo que a memória das impressões sobrevive à orgia, a esperança desses **utilitários** não parece, à primeira vista, totalmente destituída de razão. Mas eu pedir-lhes-ei que observem que os pensamentos, de que contam tirar tão grande partido, não são realmente tão belos como parecem sob a sua máscara momentânea e recobertos de ouro-péis mágicos. São mais da terra que do céu e devem grande parte da sua beleza à agitação nervosa, à avidez com que o espírito se



lança sobre eles. Depois, esta esperança é um círculo vicioso; admitindo por um instante que o haxixe dá ou pelo menos aumenta o génio, esquecem que é da natureza do haxixe diminuir a vontade, e que assim concede por um lado o que retira por outro, isto é, a imaginação sem a faculdade de a aproveitar. Finalmente, há que pensar, supondo um homem bastante hábil e bastante vigoroso para se subtrair a esta alternativa, num outro perigo, fatal, terrível, que é o de todas as habituações. Todas se transformam rapidamente em necessidades. Aquele que recorrer a um veneno **para** pensar não tardará a não poder pensar **sem** veneno. Imagina-se a sorte terrível de um homem cuja imaginação paralisada não pudesse funcionar sem a ajuda do haxixe ou do ópio?

Nos estudos filosóficos, o espírito humano, imitando a marcha dos astros, deve seguir uma curva que o reconduz ao ponto de partida. Concluir é fechar um círculo. No princípio falei desse estado maravilhoso em que o espírito do homem se achava algumas vezes lançado como por uma graça especial; disse que aspirando constantemente a alentar as suas esperanças e a erguer-se para o infinito, mostrava, em todos os países e em todos os tempos, um gosto frenético por todas as substâncias, mesmo perigosas, que, exaltando a sua personalidade, pudessem suscitar um instante aos seus olhos esse paraíso de ocasião, objecto de todos os seus desejos, e enfim que esse espírito aventureiro, avançando, sem o saber, até ao inferno, testemunhava assim a sua grandeza original. Mas o homem não está tão abandonado, tão privado de meios honestos para ganhar o céu, que seja obrigado a invocar a farmácia e a bruxaria; não precisa de vender a alma para pagar as

carícias inebriadoras e a amizade das huris. Que é um paraíso comprado à custa da salvação eterna? Imagino um homem (darei um brâmane, um poeta ou um filósofo cristão?) colocado sobre o Olimpo árduo da espiritualidade; em volta dele as Musas de Rafael e de Mantegna, para o consolarem dos longos jejuns e das preces constantes, combinam as danças mais nobres, contemplam-no com os seus mais doces olhos e os seus sorrisos mais resplandecentes; o divino Apolo, mestre de todo o saber (o de Francavilla, de Albert Dürer, de Goltzius ou de qualquer outro, que importa?), acaricia com o arco as cordas mais vibrantes. Por baixo dele, no sopé da montanha, entre espinhos e lama, a turba dos humanos, o bando dos ilotas, simula as caretas do gozo e solta uivos arrancados pela mordedura do veneno; e o poeta entristecido pensa: «Estes infelizes que não jejuaram nem oraram, e que recusaram a redenção pelo trabalho, pedem à magia negra os meios de se erguerem, num só movimento, à existência sobrenatural. A magia engana-os e atea para eles uma falsa ventura e uma falsa luz; enquanto que nós, poetas e filósofos, regenerámos a nossa alma pelo trabalho sucessivo e pela contemplação; pelo exercício assíduo da vontade e pela nobreza permanente da intenção, criámos para nosso uso um jardim de verdadeira beleza. Confiantes na palavra que diz que a fé remove montanhas, realizámos o único milagre para que Deus nos outorgou licença!»

## UM COMEDOR DE ÓPIO

I

### PRECAUÇÕES ORATÓRIAS

«Ó justo, subtil e poderoso ópio! Tu, que ao coração do pobre como do rico, para as feridas que não cicatrizarão jamais e para as angústias que induzem o espírito em rebelião, levas um bálsamo suavizante: eloquente ópio! tu que, pela tua poderosa retórica, desarmas as resoluções da cólera e que, por uma noite, restituís ao homem culpado as esperanças da juventude e as suas antigas mãos puras de sangue; que ao homem orgulhoso dás um esquecimento passageiro

### Dos agravos não reparados e dos insultos não vingados;

que citas as falsas testemunhas ao tribunal dos sonhos, para triunfo da inocência imolada; que confundes o perjúrio; que anulas as sentenças dos juízes iníquos; — que constróis nos seios das trevas, com os materiais imaginários do cérebro, com uma arte mais profunda que a de Fídias e de Praxíteles, cidades e templos que excedem em esplendor Babilónia e Hecatompilos; e do caos de um sono cheio de sonhos evocas à luz do sol os rostos das belezas desde há muito sepultadas, e as fisionomias familiares e benditas, limpas dos

ultrajes do túmulo. Só tu dás ao homem esses tesouros e possuis as chaves do paraíso, ó justo, subtil e poderoso ópio!» — Mas, antes que o autor tenha encontrado a audácia de soltar, em honra do seu caro ópio, este grito violento como o reconhecimento do amor, quantas astúcias, quantas precauções oratórias! Primeiro, vem a eterna alegação daqueles que têm de fazer confissões comprometedoras, quase decididos, no entanto, a comprar-se nelas:

«Graças à aplicação que nelas pus, tenho confiança em que estas memórias não serão apenas interessantes, mas também, e em grau considerável, úteis e instrutivas. Foi positivamente com essa esperança que as redigi por escrito, e essa será a minha desculpa por ter quebrado a delicada e respeitável razão que impede a maior parte de nós de fazer exibição pública dos nossos próprios erros e enfermidades. Nada revolta mais, na verdade, o sentimento inglês do que o espectáculo de um ser humano impondo à atenção as suas cicatrizes e as suas úlceras morais e arrancando o pudico véu com que o tempo ou a indulgência pela fragilidade humana tinham consentido em revesti-las.»

Com efeito, acrescenta, em geral, o crime e a miséria recuam para longe do olhar público, e mesmo no cemitério afastam-se da população comum, como se abdicassem humildemente de todo o direito à camaradagem com a grande família humana. Mas, no caso do **Comedor de Ópio**, não há crime, há apenas fraqueza, e tão fácil de desculpar ela é! Assim como o provará numa biografia preliminar; em seguida, o benefício que resulta, para outrem, das notas de uma experiência comprada por tão pesado preço, pode compen-

sar largamente a violência feita ao pudor moral e criar uma excepção legítima.

Nesta mensagem ao leitor encontramos algumas informações sobre o povo misterioso dos comedores de ópio, essa nação contemplativa perdida no seio da nação activa. São muitos, mais do que se julga. São professores, são filósofos, um lorde colocado na mais alta situação, um subsecretário de Estado; se casos tão numerosos, colhidos na alta classe da sociedade, chegaram, sem terem sido procurados, ao conhecimento de um só indivíduo, que terrível estatística se não poderia elaborar sobre a população total da Inglaterra! Três farmacêuticos de Londres, em bairros recuados, afirmam (em 1821) que o número de **amadores** de ópio é imenso, e que a dificuldade em distinguir as pessoas que dele fazem uma espécie de higiene daquelas que procuram alcançá-lo com um fim culposo é para eles uma fonte de dificuldades quotidianas. Mas o ópio desceu a visitar os limbos da sociedade, e em Manchester, na tarde do sábado, os balcões dos droguistas estão cobertos de pílulas preparadas na previsão das compras da noite. Para os operários das manufacturas o ópio é uma volúpia económica; porque a baixa dos salários pode fazer da cerveja e dos espirituosos uma orgia cara. Mas não acrediteis, quando os salários subirem, que o operário abandone o ópio para regressar às grosseiras alegrias do álcool. A fascinação operou-se; a vontade está domada; a lembrança do prazer exercerá a sua eterna tirania.

Se naturezas grosseiras e embrutecidas por um trabalho diário e sem atractivo podem encontrar no ópio vastas consolações, qual será o efeito deste num espírito subtil e letrado, numa imaginação ardente e culta, sobretudo

se ela foi prematuramente lavrada pela dor fertilizadora, — num cérebro marcado pelo devaneio fatal, **touched with pensiveness**, para me servir de extraordinária expressão do meu autor? Tal é o tema do maravilhoso livro que desenrolarei como uma tapeçaria fantástica sob os olhos do leitor. Abreviarei sem dúvida muito; De Quincey é essencialmente digressivo; a expressão **humourist** pode ser-lhe aplicada melhor do que a qualquer outro; numa passagem, compara o seu pensamento a um tirso, simples pau que vai buscar toda a sua fisionomia e todo o seu encanto à folhagem complicada que o envolve. Para que o leitor não perca nada dos quadros impressionantes que compõem a substância do volume, e porque o espaço de que disponho é restrito, serei obrigado, com grande pesar meu, a suprimir acrescentos saborosos, muitas dissertações requintadas, que não se referem directamente ao ópio, e têm simplesmente por objectivo **ilustrar** o carácter do comedor de ópio. No entanto, o livro é bastante vigoroso para se deixar adivinhar, mesmo sob este invólucro sucinto, mesmo no estado de simples extracto.

A obra (**Confessions of an English opium-eater, being an extract from the life of a scholar**), está dividida em duas partes: uma, **Confessions**; a outra, seu complemento, **Suspíria de profundis**. Cada uma comporta diversas subdivisões, algumas das quais omitirei, e que são como corolários ou apêndices. A divisão da primeira parte é perfeitamente simples e lógica, nascida do próprio tema: **Confissões Preliminares; Volúpias do Ópio; Torturas do Ópio**. As **Confissões Preliminares**, sobre as quais me alongarei um pouco mais, têm um fim fácil de adivinhar. É preciso que a personagem seja conhecida, que se faça

amar, apreciar pelo leitor. O autor, que projectou interessar vivamente a atenção com um assunto de aparência tão monótona como a descrição de uma embriaguez, faz empenho em mostrar até que ponto é merecedor de desculpa; quer criar para a sua pessoa uma simpatia de que tirará proveito em toda a obra. Finalmente, e isto é muito importante, o relato de certos incidentes, talvez vulgares em si mesmos, mas graves e sérios em virtude da sensibilidade daquele que os suportou, torna-se, por assim dizer, a chave das sensações e das visões extraordinárias que assediaram mais tarde o seu cérebro. Muitos velhos, debruçados sobre uma mesa de taberna, se revêem a si mesmos vivos entre gente que os havia rodeado e que desapareceu; a sua embriaguez é feita da juventude que se desvaneceu. Do mesmo modo, os acontecimentos contados nas **Confissões** usurparão uma parte importante nas visões posteriores. Ressuscitarão como esses sonhos que não são mais do que recordações deformadas ou transfiguradas das obsessões de um dia de trabalho.

## II

### CONFISSÕES PRELIMINARES

Não, não foi pela procura de uma volúpia culpada e preguiçosa que começou a usar ópio, mas simplesmente para abrandar as torturas de estômago nascidas de um hábito cruel da fome. Essas angústias datam da sua primeira juventude, e é na idade de vinte e oito anos que o mal e o remédio aparecem pela primeira vez na sua vida, depois de um período bastante longo de felicidade, de segurança e de bem-estar. Em que circunstâncias se produziram estas angústias fatais, é o que se vai ver.

O futuro **comedor de ópio** tinha sete anos quando seu pai morreu, deixando-o entregue a tutores que lhe deram a primeira educação em diversas escolas. Desde muito cedo se distinguiu pelas suas aptidões literárias, particularmente por um conhecimento precoce da língua grega. Aos treze anos, escrevia em grego; aos quinze, podia não só compor versos gregos em metros líricos, como ainda falar em grego fluentemente e sem dificuldade, faculdade que devia ao hábito quotidiano de improvisar em grego uma tradução dos jornais ingleses. A necessidade de encontrar na memória e na imaginação uma multidão de perífrases para exprimir numa língua morta

ideias e imagens absolutamente modernas criara-lhe um dicionário sempre pronto, muito mais complexo e extenso do que aquele que resulta da vulgar paciência dos temas puramente literários. «Este rapaz, dizia um dos seus mestres apontando-o a um estranho, podia discursar perante uma multidão ateniense muito melhor do que vós ou eu perante uma multidão inglesa.» Infelizmente, o nosso he-lenista precoce foi retirado a este excelente professor; e, depois de ter passado pelas mãos de um grosseiro pedagogo sempre temeroso de que o rapaz lhe emendasse as ignorâncias, foi entregue aos cuidados de um bom e sólido professor, que também pecava por falta de elegância e em nada lembrava a ardente e brilhante erudição do primeiro. Má coisa poder uma criança julgar os seus mestres e colocar-se acima deles. Traduzia-se Sófocles, e, antes do início da classe, o zeloso professor, o **archididascalus**, preparava-se com uma gramática e um léxico para a leitura dos coros, expurgando de antemão a lição de hesitações e dificuldades. Entretanto, o rapaz (ia nos seus dezassete anos) ansiava por ir para a Universidade, e era em vão que atormentava os tutores com esse fim. Um deles, homem bom e sensato, vivia muito longe. Dos três restantes, dois tinham entregue toda a sua autoridade ao quarto tutor; e este é-nos descrito como o mentor mais teimoso do mundo e mais amante da sua própria vontade. O nosso aventureiro rapaz toma uma grande decisão; fugirá da escola. Escreve a uma encantadora e excelente mulher, amiga da sua família sem dúvida, que o trouxera ao colo em criança, para lhe pedir cinco guinéus. Uma resposta cheia de bondade maternal não tarda a chegar, com o dobro da quantia pedida. A sua bolsa de estudante continha ainda dois

guinéus, e doze guinéus representam uma fortuna infinita para uma criança que não conhece as necessidades quotidianas da vida. Trata-se agora de executar a fuga. O trecho seguinte é daqueles que não posso resumir-me a resumir. É bom, aliás, que o leitor possa de vez em quando saborear por si mesmo a maneira penetrante e **feminina** do autor.

«O doutor Johnson faz uma observação muito justa (e cheia de sentimento, o que infelizmente se não pode dizer de todas as suas observações), e é que nunca fazemos cientemente pela última vez, sem tristeza no coração, aquilo que há muito estávamos acostumados a fazer. Senti profundamente esta verdade quando chegou a hora de deixar um lugar que não amava e onde não tinha sido feliz. No dia que precedeu aquele em que iria fugir para sempre, ouvi com tristeza ressoar na velha e alta aula a oração da tarde; porque a ouvia pela última vez: e quando a noite chegou e se fez a chamada, o meu nome foi chamado em primeiro lugar, como de costume, e eu adiantei-me, e, ao passar diante do regente que assistia, cumprimentei-o; olhava-o curiosamente no rosto, e pensava comigo mesmo: É velho e enfermo, e não tornarei a vê-lo neste mundo! Tinha razão, porque não voltei a vê-lo e não o verei nunca mais. Olhou-me complacientemente, com um bom sorriso, retribuiu-me o cumprimento, ou antes o adeus, e separámo-nos para sempre, sem que ele o suspeitasse. Eu não podia sentir um profundo respeito pela sua inteligência; mas sempre se mostrara bom para mim; concedera-me muitos favores, e eu sofria à ideia da mortificação que ia infligir-lhe.

«Chegou a manhã em que ia lançar-me ao mar do mundo, manhã de que toda a minha vida subsequente, em grande parte, tomou a

cor. Estava alojado na casa do regente e obtivera, desde a minha chegada, o favor de um quarto próprio, que me servia igualmente de quarto de dormir e de gabinete de trabalho. As três horas e meia levantei-me, e contemplei com profunda comoção as antigas torres de ... adornadas pelas primeiras claridades, e que começavam a avermelhar-se com o brilho radioso de uma manhã de Junho sem nuvens. Estava firme e inabalável no meu propósito, mas no entanto perturbado por uma apreensão vaga de dificuldades e de perigos incertos; e se tivesse podido prever a tempestade, a verdadeira saraivada de aflicção que não tardaria a cair sobre mim, com razão estaria muito mais agitado. A paz profunda da manhã fazia com esta turbação um contraste comovedor e quase lhe servia de medicina. O silêncio era mais profundo do que à meia-noite; e para mim o silêncio de uma manhã de Verão é mais tocante do que qualquer outro silêncio, porque a luz, embora larga e forte, como a do meio-dia nas outras estações do ano, parece diferir do dia perfeito sobretudo no facto de o homem não estar ainda fora; e assim a paz da natureza e das inocentes criaturas de Deus parece profunda e assegurada, enquanto a presença do homem, com o seu espírito inquieto e instável, não for perturbar-lhe a santidade. Vesti-me, agarrei o chapéu e as luvas, e demorei-me algum tempo no quarto. Havia um ano e meio que este quarto fora a cidadela do meu pensamento; ali lera e estudara durante as longas horas da noite; e embora, na verdade, durante a última parte deste período, eu, que era feito para o amor e para as afeições doces; tivesse perdido a alegria e a felicidade na luta febril que sustentara contra o meu tutor, por outro lado, no

entanto, um rapaz como eu, apaixonado pelos livros, dado às pesquisas do espírito, não podia deixar de ter gozado algumas boas horas, mesmo no meio do desânimo. Chorava olhando em redor a cadeira, o fogão, a mesa de escrever, e outros objectos familiares que demais sabia eu não tornaria a ver. Desde aí até ao momento em que traço estas linhas dezoito anos passaram e, contudo, neste mesmo instante, vejo distintamente, como se datasse de ontem, o contorno e a expressão do objecto sobre o qual fixava um olhar de adeus; era um retrato da sedutora (1), que estava pendurado por cima do fogão, e cujos olhos e boca eram tão belos, e toda a fisionomia tão radiosa de bondade e divina serenidade, que mil vezes eu deixara cair a pena ou o livro para pedir consolações à sua imagem, como um devoto ao santo padroeiro. Enquanto me esquecia a contemplá-la, a voz profunda do relógio proclamou que eram quatro horas. Subi até ao retrato, beijei-o, e depois saí devagar e fechei a porta para sempre!

«As ocasiões de riso e lágrimas entrelaçam-se e ligam-se tão bem nesta vida, que não posso sem sorrir recordar um incidente que aconteceu então e esteve quase a ser obstáculo à execução imediata do meu plano. Tinha uma mala de peso enorme; porque, além das roupas, continha quase toda a minha biblioteca. A dificuldade estava em fazê-la transportar até ao carreteiro. O meu quarto estava situado muito alto, e o pior é que a escada que dava para aquela esquina do edificio levava a um corredor que passava em frente da porta do quarto do regente. Eu era ado-

---

(1) Talvez a dama dos dez guinéus.

rado por todos os criados, e, sabendo que qualquer deles se prestaria de vontade a servir-me em segredo, confiei a minha atrapalhação a um criado de quarto do regente. Jurou que faria tudo quanto eu quisesse; e, quando chegou a altura, subiu a escada para ir buscar a mala. Receava que as forças de um só homem não bastassem; mas o criado era um rapagão dotado

### De ombros de Atlas, feitos para suportar O peso das mais poderosas monarquias,

e tinha um dorso tão vasto como as planícies de Salisbury. Teimou, pois, em transportar a mala sozinho, enquanto eu esperava em baixo, cheio de ansiedade. Durante algum tempo, ouvi-o descer num passo firme e lento; mas, desgraçadamente, por causa da inquietação, quando se aproximava do local perigoso, a alguns passos do corredor, o pé escorregou-lhe, e o pesado fardo, caindo-lhe dos ombros, ganhou tal velocidade de descida a cada degrau da escada que ao chegar em baixo rolou, ou antes saltou a direito, com um barulho de vinte demónios, contra a porta do quarto do **archididascalus**. A minha primeira ideia foi que tudo estava perdido e que a única maneira de realizar a fuga era sacrificar a bagagem. Todavia, um momento de reflexão decidiu-me a esperar o fim da aventura. O criado estava num terror horrível, por si próprio e por mim; mas, apesar de tudo isto, o sentido do cómico, neste desgraçado contratempo, apoderara-se tão irresistivelmente do seu espírito, que largou a rir — mas num riso prolongado e atoador, desabalado, que teria acordado os **Sete Dormentes**. Ao som desta música alegre, que ressoava aos próprios ouvidos da autoridade insultada, não

pude impedir-me de juntar a minha, não tanto por causa da infeliz **leviandade** da mala, como por causa do efeito nervoso produzido pelo criado. Ambos esperávamos, naturalmente, ver o doutor precipitar-se para fora do quarto; porque em geral, se ouvia mexer-se um rato, saltava como um mastim para fora da casota. Coisa singular, nesta ocasião, quando as nossas gargalhadas cessaram, nenhum rumor, nem sequer um ruje-ruje, se ouviu no quarto. O doutor sofria de uma enfermidade dolorosa, que o mantinha algumas vezes acordado, mas que talvez o fizesse dormir mais profundamente quando conseguia descansar. Animado por este silêncio, o criado tornou a carregar o fardo aos ombros e fez o resto da descida sem acidente. Esperei até ver a mala colocada num carrinho de mão, e a caminho para a carruagem. Então, sem outro guia além da Providência, parti a pé, levando debaixo do braço um pequeno embrulho com alguns objectos de arranjo pessoal, um poeta inglês favorito num dos bolsos, e num outro um pequeno volume in-doze contendo umas nove peças de Eurípides.»

O nosso estudante tinha acariciado a ideia de se dirigir para o Westmoreland; mas um acidente que não nos é explicado modificou o itinerário e lançou-o para Gales do Norte. Depois de ter errado algum tempo pelo Denbighshire, pelo Merionethshire e pelo Caernarvonshire, instalou-se numa pequena casa muito limpa, em B...; mas não tardou a ser repellido dali por causa de um incidente em que o seu orgulho fora melindrado da maneira mais cómica. A hospedeira servira em casa de um bispo, fosse como governanta, fosse como criada de meninos. A soberba enorme do clero inglês infiltra-se geralmente não só nos filhos dos dignitários, como até nos cria-

dos. Numa pequena cidade como B..., ter vivido na família de um bispo bastava evidentemente para conferir uma espécie de distinção; de modo que a boa senhora enchia constantemente a boca com frases como: «**Mylord** fazia isto, **mylord** fazia aquilo; **mylord** era um homem indispensável no Parlamento, indispensável em Oxford...» Talvez tivesse achado que o rapaz não lhe escutava os discursos com reverência bastante. Um dia foi cumprir os seus deveres para com o bispo e a família, e este fez-lhe perguntas sobre a sua vida. Ao saber que alugara o apartamento, o digno prelado teve o cuidado de lhe recomendar que fosse muito exigente na escolha dos locatários: «Betty, disse, lembrai-vos bem de que este sítio está colocado na estrada real que leva à capital, de modo que deve certamente servir de etapa a uma multidão de escroques irlandeses que fogem dos seus credores de Inglaterra, e de escroques ingleses que deixaram dívidas na ilha de Man.» E a boa senhora, ao contar orgulhosamente a sua entrevista com o bispo, não deixou de acrescentar a resposta que dera: «Oh! **mylord**, sinceramente não creio que este cavalheiro seja um escroque, porque...» — «Não acha que eu seja um escroque!, responde o jovem estudante exasperado; doravante poupar-lhe-ei o trabalho de pensar em coisas dessas.» E dispõe-se a partir. A pobre hospedeira tinha vontade de ceder; mas, tendo a cólera inspirado ao rapaz alguns termos pouco respeitosa para com o bispo, qualquer reconciliação se tornou impossível. «Sentia-me, disse, verdadeiramente indignado com a facilidade com que o bispo caluniava uma pessoa a quem nunca vira, e tive vontade de dar-lhe a conhecer em grego o meu pensamento sobre o caso, o que, fornecendo uma presunção a



favor da minha honestidade, teria ao mesmo tempo (pelo menos assim o esperava) representado para o bispo o dever de me responder na mesma língua: caso em que, não duvidava, se tornaria manifesto que se eu não era tão rico como Sua Senhoria, era muito melhor helenista. Pensamentos mais sãos expulsaram este projecto infantil...»

A sua vida errante recomeça; mas de estalagem em estalagem encontra-se rapidamente sem dinheiro. Durante quinze dias vê-se reduzido a contentar-se com um único prato por dia. O exercício e o ar das montanhas, que agem vigorosamente sobre um estômago jovem, tornam-lhe este magro regime muito doloroso; porque essa única refeição é feita de chá ou de café. Por fim, o chá e o café tornam-se um luxo impossível, e durante toda a sua permanência no País de Gales subsiste apenas com amoras e bagas de roseira brava. De tempos a tempos, uma boa hospitalidade corta, como uma festa, este regime de anacoreta, e essa hospitalidade paga-a ele em geral com pequenos serviços de escrivão público. Desempenha o ofício de secretário para os camponeses que têm parentes em Londres ou em Liverpool. As mais das vezes são cartas de amor que as raparigas que foram criadas, quer em Shrewsbury, quer noutra cidade da costa da Inglaterra, o encarregam de redigir para os namorados que lá deixaram. Há até um episódio deste género que tem um carácter enternecedor. Numa parte recuada do Merionethshire, em Llan-y-Stindwr, aloja-se durante um pouco mais de três dias em casa de jovens que o tratam com uma cordialidade encantadora; quatro irmãs e três irmãos, todos falando inglês, e dotados de uma elegância e de uma beleza nativas realmente singulares. Redige uma

carta para um dos irmãos, que, tendo servido num navio de guerra, quer reclamar as suas partes de presa, e mais secretamente, duas cartas de amor para duas das irmãs. Estas ingénuas criaturas, pela sua candura, pela distinção natural, e pudicos rubores, quando ditam as suas instruções, fazem pensar nas graças límpidas e delicadas dos **keepsakes** (1). Desempenha-se tão bem da sua obrigação que as brancas raparigas ficam maravilhadas por ele ter sabido conciliar as exigências do pudor orgulhoso com o desejo secreto de dizer as mais amáveis coisas. Mas uma manhã ele nota um embaraço singular, quase uma aflição; é que os velhos pais regressam, pessoas resmungonas e austeras que se tinham ausentado para assistir a um **meeting** (2) anual de metodistas em Caernarvon. A todas as frases que o rapaz lhes dirige, não dão mais resposta que: «**Dym Sassenach**» (**no English**). Apesar de tudo quanto os filhos podiam dizer a meu favor, compreendi facilmente que o meu talento para escrever cartas de amor seria para estes graves metodistas sexagenários tão pobre recomendação como os meus versos sáficos ou alcaicos.» E com medo de que a graciosa hospitalidade oferecida pela juventude se transformasse pela mão daqueles rudes velhos em cruel caridade, retoma a sua singular peregrinação.

O autor não nos diz por que meios engenhosos conseguiu, apesar da sua miséria, deslocar-se para Londres. Mas aqui a miséria, de

---

(1) Em inglês, no original. **Keepsake**: álbum com peças literárias e gravuras. — (N. do T.)

(2) Em inglês, no original. **Meeting**: encontro, reunião. — (N. do T.)

áspera que fora, torna-se positivamente terrível, quase uma agonia diária. Imaginem-se dezasseis semanas de torturas causadas por uma fome permanente, apenas aliviada por alguns bocados de pão subtilmente furtados da mesa de um homem de quem falaremos daqui a pouco; dois meses passados ao relento; e finalmente o sono corrompido por angústias e sobressaltos intermitentes. A sua fuga de estudante custava-lhe cara. Quando a estação inclemente chegou como para aumentar sofrimentos que pareciam não poder agravar-se, teve a felicidade de encontrar um abrigo, mas que abrigo! O homem a cujo almoço assistia e a quem furtava algumas côdeas de pão (este homem julgava-o doente e ignorava que ele estivesse absolutamente desprovido de tudo) permitiu-lhe dormir numa vasta casa desocupada de que era locatário. Em matéria de móveis, nada mais que uma mesa e algumas cadeiras; um deserto poeirento, cheio de ratos. No meio desta desolação habitava, contudo, uma pobre rapariguinha, não idiota, mas mais do que simples, por certo não bonita, e com uns dez anos de idade, a menos que a fome que a roía lhe tivesse envelhecido prematuramente o rosto. Simplesmente criada, ou filha natural do homem em questão, nunca o soube o autor. A pobre abandonada sentiu-se muito feliz quando soube que passaria a ter um companheiro para as negras horas da noite. A casa era vasta, e a ausência de móveis e de tapeçarias tornava-a mais sonora; o fervilhar dos ratos enchia de rumor as salas e a escada. Através das dores físicas do frio e da fome, a infeliz pequena soubera criar um mal imaginário: tinha medo das almas do outro mundo. O rapaz prometeu-lhe protegê-la delas, e, acrescenta com graça, «era todo o

auxílio que eu podia oferecer-lhe». Estes dois pobres seres, magros, famintos, friorentos, deitavam-se no soalho, com maços de papéis judiciais por travesseiro, sem mais cobertor que um velho capote de cavaleiro. Mais tarde, no entanto, descobriram no sótão uma velha capa de canapé, um bocado de tapete e alguns outros farrapos que lhes deram um pouco mais de calor. A pobre menina avertava-se a ele para se aquecer e para se tranquilizar contra os seus inimigos do outro mundo. Quando ele não se sentia mais doente do que o costumado, tomava-a nos braços, e a pequena, reaquecida por este contacto fraternal, dormia muitas vezes, ao passo que ele não o conseguia. Porque durante os seus dois últimos meses de sofrimento, dormia muito durante o dia, ou antes, caía em sonolências súbitas; mau sono assombrado por sonhos tumultuosos; constantemente acordava, e constantemente adormecia, a dor e a angústia interrompiam violentamente o sono, o esgotamento tornava a trazê-lo irresistivelmente. Qual é o homem nervoso que não conhece este **sono de cão**, como diz a língua inglesa na sua elíptica energia? É que as dores morais produzem efeitos análogos aos dos sofrimentos físicos, tais como a fome. Ouvimos-nos a nós próprios gemer; somos por vezes acordados pela nossa própria voz; o estômago vai-se cavando sem cessar e contraindo-se como uma esponja apertada por mão vigorosa; o diafragma reduz-se e ergue-se; a respiração falta, e a angústia vai aumentando sempre até que, achando remédio na própria intensidade da dor, a natureza humana expluda num grande grito e num salto de todo o corpo que traz enfim uma violenta libertação.

O dono da casa chegava algumas vezes

subitamente, e muito cedo; outras vezes não aparecia. Estava sempre alerta, por causa dos meirinhos, requintando o processo de Cromwell e dormindo cada noite num bairro diferente; examinando através de um postigo a fisionomia das pessoas que lhe batiam à porta; almoçando sozinho chá e um pãozinho ou alguns biscoitos que comprara no caminho, e nunca convidando ninguém. Era durante este almoço, maravilhosamente frugal, que o rapaz arranjava subtilmente qualquer pretexto para ficar no quarto e meter conversa; depois, com o ar mais indiferente que podia conseguir, apoderava-se dos últimos restos de pão abandonados na mesa; mas algumas vezes nada sobrava. Tudo fora engolido. Quanto à rapariga, não era admitida nunca no gabinete do homem, se assim se pode chamar a uma cafarnaum de papeladas e pergaminhos. As seis horas, esta personagem levantava campo e fechava o quarto. De manhã, mal ele chegava, a pequena descia para tratar do seu serviço. Quando a hora do trabalho e dos negócios começava para o homem, o jovem vagabundo saía, e ia errar ou sentar-se nos parques ou noutros sítios. A noite regressava ao seu desolado asilo, e, ao ouvir a pancada da aldraba, a pequena acorria num passo trémulo para abrir a porta da entrada.

Em anos mais maduros, num 15 de Agosto, dia do seu aniversário, às dez horas da noite, o autor quis deitar um olho ao abrigo das suas antigas misérias. Sob o clarão resplandecente de um belo salão, viu pessoas que tomavam chá e que tinham um ar tão feliz quanto possível; estranho contraste com as trevas, o frio, o silêncio e a desolação desse mesmo edifício, quando, dezoito anos antes, abrigava um estudante famélico e uma menina

abandonada. Mais tarde fez alguns esforços para encontrar o rasto da pobre criança. Não teria morrido? Seria mãe? Nenhuma informação. Gostava dela como sua companheira de miséria; porque ela não era nem bonita, nem agradável, nem mesmo inteligente. Não mais sedução que um rosto humano, a pura humanidade reduzida à sua mais pobre expressão. Mas, tal como disse, creio, Robespierre, no seu estilo de gelo ardente, recozido e congelado como a abstracção: «O homem não vê nunca o homem sem prazer!»

Mas quem era e que fazia esse homem, esse locatário de hábitos tão misteriosos? Era um desses homens de negócios como os há em todas as grandes cidades, mergulhados em chicanas complicadas, manhoso com a lei, e tendo posto durante certo tempo de remissa a consciência enquanto uma situação mais próspera lhe não permitisse retomar o uso desse luxo embaraçoso. Se quisesse, o autor poderia, diz-nos, divertir-nos à custa deste desgraçado, e contar-nos cenas curiosas, episódios impagáveis; mas quis esquecer tudo, para apenas lembrar uma coisa: que este homem, tão desprezível noutros aspectos, sempre fora serviçal para ele, e mesmo generoso, pelo menos tanto quanto podia. Exceptuando o santuário da papelada, todos os quartos estavam à disposição dos dois jovens, que cada noite tinham assim uma vasta escolha de alojamentos ao seu serviço, e podiam, para a noite, plantar a tenda onde bem lhes parecia.

Mas o rapaz tinha outra amiga de que é tempo de falarmos. Quereria, para contar dignamente este episódio, furtar, por assim dizer, uma pena à asa de um anjo, de tal modo este quadro me aparece casto, cheio de candura, de graça e de misericórdia. «Desde sempre,

diz o autor, fora glória minha conversar familiarmente, **more socratico**, com todos os seres humanos, homens, mulheres e crianças, que o acaso podia pôr no meu caminho; hábito favorável ao conhecimento da natureza humana, aos bons sentimentos e à franqueza de maneiras que convêm a um homem que quer merecer o título de filósofo. Porque o filósofo não deve ver com os olhos dessa pobre criatura limitada que a si mesma se intitula **homem de sociedade**, cheia de preconceitos tacanhos e egoístas, mas deve, pelo contrário, olhar-se como um ser verdadeiramente **católico**, em comunhão e relações iguais com tudo o que está em cima e tudo o que está em baixo, com as pessoas instruídas, e as pessoas não educadas, com os culpados como com os inocentes.» Mais tarde, entre os prazeres outorgados pelo generoso ópio, veremos reproduzir-se este espírito de caridade e de fraternidade universais, mas activado e aumentado pelo génio particular da embriaguez. Nas ruas de Londres, mais ainda do que no País de Gales, o estudante emancipado era, pois, uma espécie de peripatético, um filósofo da rua, meditando sem cessar através do turbilhão da grande cidade. O episódio em questão pode parecer estranho nas páginas inglesas, pois, como se sabe, a literatura britânica leva a castidade até à affectação; mas, o que é certo é que o mesmo assunto, somente aflorado por uma pena francesa, teria rapidamente caído no **shocking**, enquanto aqui apenas há graça e decência. Para dizer tudo em duas palavras, o nosso vagabundo ligara-se por amizade platonica a uma **peripatética** do amor. Ann não é uma dessas belezas atrevidas, sedutoras, cujos olhos de demónio brilham através do nevoeiro, e que fazem do seu atrevimento uma

auréola. Ann é uma criatura muito simples, muito comum, espoliada, abandonada como tantas outras, e reduzida à abjecção pela traição. Mas tem essa graça inefável, essa graça da fraqueza e da bondade que Goethe sabia espalhar sobre todas as mulheres do seu cérebro, e que fez da sua pequena Margarida de mãos avermelhadas uma criatura imortal. Quantas vezes, através das suas monótonas peregrinações pela interminável Oxford Street, através do formigueiro da grande cidade reurgitante de actividade, o estudante famélico exortou a sua desgraçada amiga a implorar o socorro de um magistrado contra o miserável que a espoliaria, oferecendo-se para a apoiar com o seu testemunho e a sua eloquência! Ann era ainda mais nova do que ele, não tinha mais que dezasseis anos. Quantas vezes ela o protegeu dos oficiais da policia que queriam expulsá-lo dos portais onde se abrigava! Uma vez fez ainda mais, a pobre abandonada: ela e o amigo estavam sentados em Soho Square, nos degraus de uma casa diante da qual, desde aí, confessa ele, nunca pôde passar sem sentir o coração comprimido pela garra da recordação, e sem dizer uma oração de graças interior à memória daquela depiorável e generosa rapariga. Nesse dia sentira-se ainda mais fraco e doente que de costume; mas, mal se sentara, pareceu-lhe que o seu mal piorava. Apoiara a cabeça ao seio da sua irmã de infortúnio, e, de repente, escapou-lhe dos braços e caiu de costas nos degraus da porta. Sem um estimulante vigoroso teria acabado ali, ou pelo menos cairia para sempre num estado de fraqueza irremediável. E nesta crise do destino, foi a criatura perdida que lhe estendeu a mão de salvação, ela que só conhecera do mundo ultraje e injustiça. Soltou um grito de terror,

e, sem perder um segundo, correu para Oxford Street, donde voltou quase logo a seguir com um copo de Porto com especiarias, cuja acção reparadora foi maravilhosa num estômago vazio que não poderia, aliás, suportar qualquer alimento sólido. «Ó minha jovem benfeitora! Quantas vezes, nos anos posteriores, atirado para lugares solitários, e sonhando contigo com o coração cheio de tristeza e de verdadeiro amor, quantas vezes desejei que a bênção de um coração oprimido pelo reconhecimento tivesse essa prerrogativa e essa força sobrenaturais que os antigos atribuíam à maldição de um pai, perseguindo o seu objecto com o rigor indefectível de uma fatalidade! — que a minha gratidão pudesse, também, receber do céu a faculdade de te perseguir, de te assombrar, de te espreitar, de te atingir até no meio das trevas espessas de uma espelunca de Londres, ou mesmo, se fosse possível, nas trevas do túmulo, para te despertar com uma mensagem autêntica de paz, de perdão e de final reconciliação!»

Para sentir desta maneira é preciso ter sofrido muito, é preciso ser um desses corações que a desgraça abre e amolece, ao contrário daqueles que ela endurece e fecha. O Beduíno da civilização aprende no Sara das grandes cidades muitos motivos de enternecimento ignorados pelo homem cuja sensibilidade está limitada pelo **home** e pela família. Há no **báratro** das capitais, como no Deserto, qualquer coisa que fortalece e que modela o coração do homem, que o fortalece de uma outra maneira, quando o não deprava e não o enfraquece até à abjecção e ao suicídio.

Um dia, pouco tempo depois deste acidente, encontrou em Albemarle Street um antigo amigo de seu pai, que o reconheceu pela pa-

recença de família; respondeu a todas as perguntas com candura, não lhe escondeu nada, mas exigiu dele a palavra de honra de que não o entregaria aos tutores. Por fim, deu-lhe o seu endereço, o do seu hospedeiro, o singular **attorney** (1). No dia seguinte, recebia numa carta que aquele lhe entregava fielmente uma nota de dez libras.

O leitor pode surpreender-se de que o rapaz não tenha procurado desde o princípio remédio contra a miséria, quer em trabalho regular quer pedindo assistência aos antigos amigos de família. Quanto a este último recurso, havia perigo evidente. Os tutores podiam ser avisados, e a lei dava-lhes todo o poder para fazer regressar, pela força, o rapaz à escola donde fugira. Ora, uma energia que se encontra muitas vezes nos caracteres mais femininos e mais sensíveis dava-lhe a coragem de suportar todas as privações e todos os perigos, de preferência a arriscar tão humilhante eventualidade. Aliás, onde encontrar esses amigos de seu pai, morto havia então dez anos, amigos de quem esquecera os nomes, pelo menos da maior parte? Quanto ao trabalho, é certo que teria podido encontrar uma remuneração razoável na revisão de provas de grego, e que se sentia muito capaz de preencher essas funções de maneira exemplar; ainda assim, como proceder para se apresentar a um editor honesto? Finalmente, para dizer tudo, confessa que nunca lhe passou pela cabeça que o trabalho literário pudesse tornar-se para si a fonte de qualquer proveito. Para sair da sua deplorável situação, nunca acariciara outro expediente que o de pedir

---

(1) Em inglês no original. **Attorney**: procurador. — (N. do T.)

dinheiro emprestado sobre a fortuna que tinha o direito de esperar. Por fim, conseguira conhecer alguns judeus que o **attorney** em questão servia em seus tenebrosos negócios. Provar-lhes que tinha reais esperanças não era difícil, as suas asserções podiam ser verificadas com o testamento de seu pai nos **Doctor's commons**. Mas, restava uma questão absolutamente imprevisita, a da identificação. Exibiu então algumas cartas que jovens amigos, entre outros o conde de..., e mesmo o pai deste, o marquês de..., lhe tinham escrito enquanto vivera no País de Gales, e que trazia sempre no bolso. Os judeus dignaram-se enfim prometer duzentas ou trezentas libras, com a condição de o jovem conde de... (que, entre parêntese, não era muito mais velho que ele) consentisse em garantir o reembolso quando chegasse à maioridade. Adivinhava-se que o objectivo do empréstador não era apenas tirar um lucro qualquer do negócio, mínimo para ele, mas entrar em relações com o jovem conde, cuja imensa fortuna futura conhecia. Deste modo, mal recebe as suas dez libras, o nosso jovem vagabundo prepara-se para partir para Eton. Umás três libras são deixadas ao futuro prestamista para pagar as certidões a redigir; algum dinheiro é dado também ao **attorney** para indemnizá-lo pela sua hospitalidade sem móveis; quinze xelins são gastos em cuidar um pouco da sua apresentação (que apresentação!); finalmente, a pobre Ann tem também a sua parte desta boa fortuna. Por uma escura noite de Inverno, ele dirige-se para Piccadilly, acompanhado pela pobre rapariga, com a intenção de descer até Salt Hill com a mala de Bristol. Como têm tempo ainda, entram em Golden Square e sentam-se à esquina de Sherrard Street, para evitar o tumulto e as luzes de Piccadilly. Prome-

tera-lhe não a esquecer e ajudá-la logo que lhe fosse possível. Na verdade, tratava-se de um dever, e mesmo de um dever imperioso, e ele sentia nesse momento a sua ternura por aquela irmã de acaso multiplicada pela piedade que lhe inspirava o extremo abatimento dela. Apesar de todos os estragos que a sua saúde sofrera, estava comparativamente alegre e mesmo cheio de esperanças, ao passo que Ann estava mortalmente triste. No momento das despedidas, ela lançou-lhe os braços ao pescoço e começou a chorar sem dizer uma palavra. Ele contava estar de volta o mais tarde dentro de uma semana, e ficou combinado entre ambos que a partir da quinta noite, e todas as noites seguintes, ela iria esperá-lo às seis horas ao fim de Great Titchfield Street, que era como seu porto habitual e lugar de repouso no grande Mediterrâneo de Oxford Street. Julgava ter tomado assim todas as precauções para tornar a encontrá-la; esquecera uma só: Ann nunca lhe dissera o seu nome de família, ou, se lho dissera, ele esquecera-o como coisa de pouca importância. As mulheres galantes de grandes pretensões, grandes leitoras de romances, gostam de ser tratadas por **miss Douglas, miss Montague, etc.**, mas as mais humildes destas pobres raparigas são conhecidas apenas pelo nome de baptismo, **Mary, Jane, Frances, etc.** Aliás, Ann estava nessa altura constipada e rouca e, preocupado nesse momento supremo em reconfortá-la com boas palavras e aconselhá-la a ter cuidado com a constipação, esqueceu-se totalmente de perguntar-lhe o segundo nome, que era o meio mais certo de lhe encontrar o rasto no caso de um encontro falhado ou de uma interrupção prolongada nas suas relações.

Abrevio os pormenores da viagem, apenas

ilustrada pela ternura e caridade de um gordo despenseiro, ao peito e nos braços de quem o nosso herói, entorpecido pela fraqueza e pelo embalo da carruagem, adormeceu como ao seio de uma ama, — e por um longo sono ao ar livre entre Slough e Eton; porque fora obrigado a voltar a pé, depois de ter acordado bruscamente nos braços do seu vizinho, a seis ou sete milhas de Salt Hill, que ultrapassara sem saber. Chegado ao fim da viagem, dizem-lhe que o jovem lorde já não está em Eton. Como última solução, pede de almoço a Lorde D..., outro antigo camarada, com quem, no entanto, a sua ligação era muito menos íntima. Era a primeira boa mesa a que lhe fora permitido sentar-se desde há muitos meses, e contudo não pôde tocar em nada. Já em Londres, no mesmo dia em que recebera a sua nota, comprara dois pãezinhos na loja de um padeiro, a mesma loja que desde há dois meses ou seis semanas devorava com os olhos, com uma intensidade de desejo, cuja recordação era para ele quase uma humilhação. Mas o pão tão desejado fizera-lhe mal, e durante algumas semanas ainda foi-lhe impossível tocar sem perigo em qualquer comida. No meio do luxo e do **comfort**, o apetite desaparecera. Quando explicou a Lorde D... a situação do seu estômago, este mandou vir vinho, o que foi uma grande alegria. — Quanto ao objecto real da viagem, o favor que se propunha pedir ao conde de..., e que na falta deste pediu a Lorde D..., não o pôde obter completamente, porquanto este, não o querendo mortificar com uma completa recusa, consente em dar a sua garantia, mas em certos termos e em certas condições. Reconfortado por este meio êxito, regressa a Londres, após três dias de ausência, e vai a casa dos seus amigos judeus. Desgraçada-

mente, os prestamistas recusam-se a aceitar as condições de Lorde D..., e a sua horrível existência poderia ter recommençado, com mais perigo desta vez, se no começo desta nova crise, por um acaso que não nos é explicado, os seus tutores não tivessem decidido entrar em conversações, e se uma plena reconciliação não tivesse mudado a sua vida. Deixa Londres à pressa, e por fim, ao cabo de algum tempo, dirige-se à universidade. Foi só alguns meses mais tarde que pôde rever o teatro dos seus sofrimentos da juventude.

Mas que acontecera à pobre Ann? Todas as noites a procurou; todas as noites a esperou à esquina de Titchfield Street. Perguntou por ela a quantos poderiam conhecê-la; durante as últimas horas da sua permanência em Londres pôs em campo, para a encontrar, todos os meios à sua disposição. Conhecia a rua onde ela se alojava, mas não a casa; aliás, julgava lembrar-se vagamente que antes da despedida ela fora obrigada a fugir à brutalidade do seu hospedeiro. Entre as pessoas a quem se dirigia, uns, perante o ardor das perguntas, julgavam os motivos da sua busca desonestos e respondiam com risos apenas; outros, julgando que andava à procura de uma rapariga que lhe tivesse roubado qualquer bagatela, estavam naturalmente pouco dispostos a serem denunciadores. Finalmente, antes de sair de Londres de vez, deixou o seu futuro endereço a uma pessoa que conhecia Ann de vista, e contudo nunca mais ouviu falar dela. Foi esta, entre as perturbações da vida, a sua mais pesada aflição. Notai que o homem que fala assim é um homem grave, tão recomendável pela espiritualidade dos seus costumes como pela altura dos seus escritos.

«Se não morreu, devemos ter andado mui-

tas vezes a procurar-nos mutuamente através do imenso labirinto de Londres; talvez a alguns passos um do outro, distância suficiente, numa rua de Londres, para criar uma separação eterna! Durante alguns anos, esperei que vivesse, e creio bem que nas minhas diferentes excursões a Londres examinei alguns milhares de rostos femininos, na esperança de encontrar o seu. Se a visse por um segundo, reconhecê-la-ia entre mil; porque, embora não fosse bonita, tinha uma expressão doce, com um porte de cabeça particularmente gracioso. Procurei, repito, com esperança. Sim, durante anos! Mas agora receava vê-la; e aquela terrível constipação, que tanto me assustava quando nos separámos, é hoje a minha consolação. Já não desejo vê-la, mas sonho com ela, e não sem prazer, como com uma pessoa deitada há muito tempo no túmulo, — no túmulo de uma Madalena, gostaria de acreditar que sim, — levada deste mundo antes que o ultraje e a barbárie tivessem maculado e desfigurado a sua natureza ingénua, ou que a brutalidade dos velhacos tivesse completado a ruína daquela a quem tinham dado as primeiras pancadas.

«Assim, Oxford Street, madrasta de coração de pedra, tu que ouviste os suspiros dos órfãos e bebeste as lágrimas das crianças, eu me libertara de ti! Chegara o tempo em que não mais estaria condenado a calcorrear os teus intermináveis passeios, a agitar-me em terríveis sonhos ou numa insónia famélica! Ann e eu tivemos os nossos sucessores, muitos, que pisaram o rasto dos nossos passos; herdeiros das nossas calamidades, outros órfãos suspiraram; outras crianças verteram outras lágrimas; e tu, Oxford Street, desde então repetes o eco dos gemidos de inúmeros corações. Mas para mim a tempestade a que so-

brevivera parecia ter sido o penhor de uma bela estação prolongada...»

Ann desapareceu completamente? Oh, não! Tornaremos a vê-la nos mundos do ópio; fantasma estranho e transfigurado, surgirá lentamente no fumo da memória, como o génio das **Mil e Uma Noites** nos vapores da garrafa. Quanto ao **comedor de ópio**, as dores da infância lançaram nele raízes profundas que se tornarão árvores, e essas árvores lançarão sobre todos os objectos da vida a sua fúnebre sombra. Mas essas novas dores, de que as últimas páginas da parte biográfica nos dão o pressentimento, serão suportadas com coragem, com a firmeza de um espírito amadurecido e minoradas em muito pela mais profunda e mais terna simpatia. Essas páginas contêm a invocação mais nobre e as acções de graças mais ternas a uma companheira corajosa, sempre sentada à cabeceira onde repousa este cérebro atormentado pelas Euménides. O Orestes do ópio encontrou a sua Electra, que durante anos lhe enxugou na fronte os suores da angústia e lhe refrescou os lábios ressequidos pela febre. «Porque tu foste a minha Electra, querida companheira dos anos posteriores! e não quiseste que a esposa inglesa fosse vencida pela irmã grega em nobreza de espírito tanto como em afeição paciente!» Antigamente, nas suas misérias de rapaz, enquanto rondava por Oxford Street, nas noites cheias de luar, mergulhava muitas vezes o olhar — (e era essa a sua pobre consolação) pelas avenidas que atravessavam o coração de Mary-le-bone e que conduzem aos campos; e, viajando em pensamento por aquelas longas perspectivas cortadas de luz e de sombra, dizia consigo mesmo: «Eis a estrada para o Norte, eis a estrada para... e se eu tivesse as asas da rola, por ali é que



lançaria o meu voo para ir procurar reconforto!» Homem, como todos os homens, cego nos seus desejos! Porque além, ao norte, nesse mesmo sítio, nesse mesmo vale, nessa casa tão desejada, iria ele encontrar os seus novos sofrimentos e toda uma companhia de cruéis fantasmas. Mas lá mora também a Electra das bondades reparadoras, e ainda agora, quando, homem solitário e pensativo, percorre a imensa Londres, com o coração apertado por desgostos inomináveis que reclamam o suave bálsamo da afeição doméstica, ao olhar as ruas que saem de Oxford Street para o norte, e pensando na Electra bem-amada que o espera nesse mesmo vale, nessa mesma casa, o homem exclama, como antigamente a criança: «Oh! Se eu tivesse as asas da rola, para além iria o meu voo à procura da consolação!»

O prólogo acabou, e posso prometer ao leitor, sem receio de mentir, que o pano só se levantará para a mais extraordinária, mais complicada e mais esplêndida visão que alguma vez a frágil ferramenta do escritor acendeu sobre a neve do papel.

### III

#### VOLÚPIAS DO ÓPIO

Tal como disse ao princípio, foi a necessidade de aliviar as dores de uma constituição debilitada pelas deploráveis aventuras da juventude que engendrou no autor destas memórias o uso, primeiro frequente e depois quotidiano, do ópio. Que o desejo irresistível de repetir as volúpias misteriosas descobertas desde o princípio o tenha induzido a renovar frequentemente as suas experiências, não o nega ele, antes o confessa com candura; invoca apenas a mercê de uma desculpa. Mas a primeira vez que ele e o ópio travaram conhecimento foi numa circunstância trivial. Atacado um dia por uma dor de dentes, atribuiu os seus sofrimentos a uma interrupção de higiene, e, como tinha, desde a infância, o hábito de mergulhar todos os dias a cabeça em água fria, recorreu imprudentemente a esta prática, perigosa no caso presente. Depois tornou a deitar-se, com os cabelos a escorrerem. Daqui resultou uma violenta dor reumática na cabeça e na cara, que não durou menos de vinte dias. No vigésimo primeiro dia, um domingo chuvoso de Outono, em 1804, quando vagueava pelas ruas de Londres para se distrair do seu mal (era a primeira vez que revia Londres desde a sua entrada na

universidade), encontrou um camarada que lhe recomendou o ópio. Uma hora depois de ter absorvido a tintura de ópio, na quantidade prescrita pelo farmacêutico, todas as dores haviam desaparecido. Mas este benefício, que tão grande lhe parecera há pouco, nada era ao lado dos prazeres novos que lhe foram subitamente revelados. Que arrebatamento do espírito! Que mundos interiores! Estava, pois, aqui a panaceia, o **pharmakon népentès** para todas as dores humanas?

«O grande segredo da felicidade, sobre o qual os filósofos tinham disputado durante tantos séculos, estava decididamente descoberto! Podia-se comprar a felicidade por um **penny** e trazê-lo no bolso do colete; o êxtase deixar-se-ia fechar numa garrafa, e a paz de espírito poderia despachar-se pela diligência! O leitor julgará talvez que quero rir, mas trata-se de um velho hábito de agradecer na dor, e posso afirmar que não rirá muito tempo aquele que tiver encetado comércio com o ópio. Os seus prazeres são mesmo de natureza grave e solene, e, no seu estado mais feliz, o comedor de ópio não pode apresentar-se com o carácter do **allegro**; mesmo então, fala e pensa como convém ao **penseroso**.»

O autor quer, primeiro que tudo, vingar o ópio de certas calúnias: o ópio não é soporífero, pelo menos para a inteligência; não embriaga; se o láudano, tomado em quantidade excessiva, pode embriagar, não é por causa do ópio, mas do espírito que nele está contido. Estabelece em seguida comparação entre os efeitos do álcool e do ópio, e define muito claramente as suas diferenças: assim, o prazer causado pelo vinho segue uma marcha ascendente, no termo da qual vai decrescendo, ao passo que o efeito do ópio, uma vez criado, mantém-se igual a si mesmo du-

rante oito ou dez horas: um, prazer agudo; o outro, prazer crónico; aqui, uma labareda súbita; ali, um ardor igual e contínuo. Mas a grande diferença está, sobretudo, em que o vinho perturba as faculdades mentais, ao passo que o ópio introduz nelas a ordem suprema e a harmonia. O vinho priva o homem do governo de si mesmo, e o ópio torna esse governo mais brando e mais calmo. Toda a gente sabe que o vinho dá uma energia extraordinária, mas momentânea, no desprezo e na admiração, no amor e no ódio. Mas o ópio comunica às faculdades o sentimento profundo da disciplina e uma espécie de saúde divina. Os homens ébrios de vinho juram-se amizade eterna, apertam-se as mãos e vertem lágrimas, sem que ninguém possa compreender porquê; a parte sensual do homem subiu evidentemente ao seu apogeu. Mas a expansão dos sentimentos benévolos causada pelo ópio não é um acesso de febre; é antes o homem primitivamente bom e justo, restaurado e reintegrado no seu estado natural, liberto de todas as amarguras que tinham ocasionalmente corrompido o seu nobre temperamento. Finalmente, por maiores que sejam as vantagens do vinho, pode-se dizer que roça muitas vezes a loucura ou, pelo menos, a extravagância, e que para além de um certo limite volatiliza, por assim dizer, e dispersa a energia intelectual; ao passo que o ópio parece sempre pacificar o que foi agitado e concentrar o que se disseminou. Numa palavra, é a parte puramente humana, vezes de mais até a parte brutal do homem, que, com a ajuda do vinho, usurpa a soberania, enquanto que o comedor de ópio sente plenamente que a parte depurada do seu ser e as suas afeições morais gozam da sua máxima diversidade, e, acima de tudo, que a sua

inteligência adquire uma lucidez consoladora e sem nuvens.

O autor nega igualmente que a exaltação intelectual produzida pelo ópio seja necessariamente seguida por um abatimento proporcional, e que o uso desta droga engendre, como consequência natural e imediata, uma estagnação e um torpor das faculdades. Afirma que durante um espaço de dez anos sempre gozou, no dia seguinte ao dos excessos, de uma notável saúde intelectual. Quanto ao torpor de que tantos escritores falaram, e a que levou a creditar o embrutecimento dos Turcos, afirma não o ter conhecido jamais. Que o ópio, de acordo com a qualificação que lhe é dada, acabe por actuar como narcótico, é possível; mas os seus primeiros efeitos são sempre estimular e exaltar o homem, não durando essa elevação do espírito nunca menos de oito horas; de modo que a culpa é do comedor de ópio se não regula a sua medicação de maneira a fazer cair sobre o seu sono normal todo o peso da influência narcótica. Para que o leitor possa julgar se o ópio é capaz de estupeficiar as faculdades de um cérebro inglês, dará, diz ele, duas amostras das suas satisfações, e tratando a questão por **ilustrações** mais do que por argumentos, contará a maneira como empregava frequentemente os seus **serões de ópio** em Londres, no período de tempo compreendido entre 1804 e 1812. Era então grande trabalhador, e, tendo todo o seu tempo preenchido com severos estudos, acreditava ter o direito de procurar uma vez por outra, como todos os homens, o alívio e a recreação que melhor lhe convinha.

«Sexta-feira próxima, se Deus quiser, proponho-me estar bêbedo», dizia o falecido du-

que de..., e o nosso autor fixava assim de antemão quando e quantas vezes num dado tempo se entregaria ao seu excesso favorito. Era uma vez de três em três semanas, raramente mais, em geral terça-feira à noite ou sábado à noite, dias de ópera. Eram os belos tempos da Grassini. A música entrava então nos seus ouvidos não como uma simples sucessão lógica de sons agradáveis, mas como uma série de **memoranda**, como os acentos de uma feitiçaria que evocava perante os olhos do espírito toda a sua vida passada. A música interpretada e iluminada pelo ópio, tal era essa orgia intelectual, cuja grandeza e intensidade pode ser facilmente concebida por qualquer espírito um pouco requintado. Muitas pessoas perguntam quais são as ideias positivas contidas nos sons; esquecem, ou antes, ignoram, que a música, por este lado parente da poesia, representa sentimentos mais do que ideias; sugerindo ideias, é certo, mas não as sugerindo por si própria. Toda a sua vida passada vivia nele, diz, não por um esforço da memória, mas como presente e encarnada na música; não era já dolorosa de contemplar; toda a trivialidade e crueza inerentes às coisas humanas eram excluídas destas misteriosas ressurreições, ou fundidas e afogadas numa bruma ideal, e as suas antigas paixões achavam-se exaltadas, enobrecidas, espiritualizadas. Quantas vezes reviu nesse segundo teatro, iluminado no seu espírito pelo ópio e pela música, as estradas e as montanhas que percorrera, estudante emancipado, e os seus amáveis hóspedes do País de Gales, e as trevas das imensas ruas de Londres, cortadas por relâmpagos, e as suas melancólicas amizades, e as suas longas mi-sérias consoladas por Ann e pela esperança

de um melhor futuro! E depois, em toda a sala, durante os intervalos, as conversas italianas e a música de uma língua estrangeira falada por mulheres aumentavam ainda mais o encanto da noite; pois sabe-se que ignorar uma língua torna o ouvido mais sensível à sua harmonia. Do mesmo modo, ninguém mais apto para saborear uma paisagem do que aquele que a contempla pela primeira vez, porquanto a natureza se apresenta então em toda a sua singularidade, não perdeu com olhares demasiado frequentes a sua viveza.

Mas algumas vezes, na noite de sábado, uma outra tentação de gosto mais singular e não menos deleitosa triunfava do seu amor pela ópera italiana. O prazer em questão, suficientemente aliciante para rivalizar com a música, poderia chamar-se o diletantismo da caridade. O autor foi infeliz e singularmente experimentado, abandonado muito novo ao turbilhão indiferente de uma grande capital. Mesmo que o seu espírito não tivesse sido, como o leitor deve ter notado, de natureza boa, delicada e afectuosa, facilmente se poderia supor que aprendeu, nos seus longos dias de vagabundagem e nas suas noites de angústia ainda mais longas, a amar e a apiedar-se do pobre. O antigo estudante quer rever essa vida dos humildes; quer mergulhar no seio da multidão dos deserdados, e, tal como o nadador abraça o mar e entra assim em contacto mais directo com a natureza, ele aspira a tomar, por assim dizer, um banho de multidão. Aqui o tom do livro eleva-se bastante alto para que seja meu dever dar a palavra ao próprio autor:

«Como disse, só podia ter esse prazer no sábado à noite. Em que se distingue a noite de sábado de qualquer outra noite? De que

labores tinha eu que repousar? Que salário a receber? E que tinha eu que preocupar-me com o sábado à noite, senão com um convite para ouvir a Grassini? É verdade, muito lógico leitor, e o que dizeis é irrefutável. Mas os homens dão variado curso aos seus sentimentos, e, enquanto a maior parte deles testemunham o seu interesse pelos pobres simpatizando de uma maneira ou doutra com as suas misérias e os seus desgostos, eu inclinava-me nessa época a exprimir o meu interesse por eles simpatizando com os seus prazeres. Vira recentemente as dores da pobreza; vira-as bem de mais para gostar de reviver a lembrança delas; mas os prazeres do pobre, as consolações do seu espírito, os descansos da sua fadiga corporal não podem tornar-se nunca uma contemplação dolorosa. Ora, o sábado à noite marca o retorno do repouso periódico do pobre; as seitas mais hostis unem-se neste ponto e reconhecem este laço comum de fraternidade; nessa noite, quase toda a cristandade repousa do seu labor. É um repouso que serve de introdução a um outro repouso; um dia inteiro e duas noites separam-no da próxima fadiga. É por isso que no sábado à noite me parece sempre que estou eu próprio liberto de qualquer jugo de trabalho, que tenho também um salário a receber, e que vou poder gozar o luxo do repouso. Desta maneira, para ser testemunha, numa escala tão larga quanto possível, de um espectáculo com que simpatizava tão profundamente, costumava, na noite de sábado, depois de ter tomado o meu ópio, perder-me por longe, sem me inquietar com o caminho nem com a distância, por todos os mercados onde os pobres se reúnem para gastar os seus salários. Espiei e escutei mais de uma família, composta de um homem, de sua mulher e de

um ou dois filhos, enquanto discutiam projectos, meios, a força do seu orçamento ou o preço dos artigos domésticos. Gradualmente, familiarizei-me com os seus desejos, as suas dificuldades ou as suas opiniões. Acontecia-me algumas vezes ouvir murmúrios de descontentamento, mas quase sempre as fisionomias e as palavras exprimiam a paciência, a esperança e a serenidade. E neste ponto devo dizer que o pobre, considerado em geral, é muito mais filósofo do que o rico, mostrando uma resignação mais pronta e mais alegre ao que considera como mal irremediável ou perda irreparável. Todas as vezes que tinha ocasião, ou que podia fazê-lo sem parecer indiscreto, juntava-me a eles, e, a propósito do caso em discussão, dava a minha opinião, que, se nem sempre era judiciosa, era sempre recebida com benevolência. Se os salários tinham subido um pouco, ou se se esperava que subissem em breve, se a libra de pão era um pouco menos cara, ou se corria o boato de que as cebolas e a manteiga não tardariam a baixar, sentia-me feliz; mas se acontecia o contrário, tirava do meu ópio meios de consolação. Porque o ópio (semelhante à abelha que extrai indiferentemente os seus materiais da rosa e da fuligem das chaminés) possui a arte de submeter todos os sentimentos e regulá-los conforme o seu diapásão. Alguns desses passeios levavam-me a grandes distâncias; é que um comedor de ópio é demasiado feliz para dar pela passagem do tempo. E algumas vezes, num esforço para fazer rumo a casa, fixando, segundo os princípios náuticos, os meus olhos na estrela polar, procurando ambiciosamente a **minha passagem do noroeste**, para evitar dobrar de novo todos os cabos e promontórios que encontrara na primeira viagem, entrava súbita-

mente em labirintos de ruelas, em enigmas de betesgas, em problemas de ruas sem saída, feitos para meter a ridículo a coragem dos carregadores e confundir a inteligência dos cocheiros de trem. Por vezes podia acreditar que acabara de ser o primeiro a descobrir algumas dessas **terrae incognitae**, e duvidava que elas estivessem indicadas nos mapas modernos de Londres. Mas, ao fim de alguns anos, paguei cruelmente todas estas fantasias, **quando a face humana veio tyrannizar os meus sonhos**, e quando as minhas vagabundagens perplexas no seio da imensa Londres se reproduziram no meu sono, com um sentimento de perplexidade moral e intelectual que levava a confusão à minha casa e a angústia e o remorso à minha consciência...»

Assim, o ópio não engendra, necessariamente, a inacção ou o torpor, pois que, pelo contrário, lançava o nosso sonhador nos centros mais formigantes da vida comum. Contudo, os teatros e os mercados não são geralmente as frequentações preferidas por um comedor de ópio, sobretudo quando está no seu estado perfeito de fruição. A multidão é então para ele opressiva; a própria música tem um carácter sensual e grosseiro. Procura de preferência a solidão e o silêncio, como condições indispensáveis dos seus êxtases e devaneios profundos. Se primeiramente o autor destas **confissões** se lançou na multidão e na corrente humana, foi para reagir contra uma tendência demasiado viva para a fantasia e para uma negra melancolia, resultado dos sofrimentos da juventude. Nas investigações da ciência, como na sociedade dos homens, fugia de uma espécie de hipocondria. Mais tarde, quando a sua verdadeira natureza se equilibrou, e as trevas das antigas tempestades se dissiparam, julgou poder sem perigo

sacrificar ao seu gosto pela vida solitária. Mais de uma vez lhe aconteceu passar toda uma bela noite de Verão, sentado a uma janela, sem se mexer, sem mesmo desejar mudar de lugar, desde o pôr do sol até ao amanhecer; enchendo os olhos com a vasta perspectiva do mar e de uma grande cidade, e o seu espírito de longas e deliciosas meditações sugeridas por este espectáculo. Uma grande alegoria natural se estendia então diante dele:

«A cidade, esfumada pela bruma e pelas frouxas claridades da noite, representava a terra, com os seus desgostos e os seus túmulos, situados lá para trás, mas não totalmente esquecidos, nem fora do alcance da minha vista. O Oceano, com a sua respiração eterna, mas alimentada por uma vasta calma, personificava o meu espírito e a influência que governava então. Parecia-me que pela primeira vez me mantinha à distância e fora do tumulto da vida; que o ruído, a febre e a luta estavam suspensos; que uma pausa fora concedida às secretas opressões do meu coração; um repouso feriado; uma libertação de todo o trabalho humano. A esperança que floresce nos caminhos da vida não contradizia já a paz que habita os túmulos; as evoluções da minha inteligência pareciam-me tão infatigáveis como os céus, e contudo todas as inquietações estavam aplanadas por uma calma alciónica; era uma tranquilidade que parecia o resultado, não da inércia, mas do antagonismo majestoso de forças iguais e poderosas; actividades infinitas, infinito repouso!

«Ó justo, subtil e poderoso ópio!... tu possuis as chaves do paraíso!...»

É aqui que se levantam aquelas estranhas acções de graças, transportes de gratidão,

que reproduzi textualmente no princípio deste trabalho e que poderiam servir-lhe de epígrafe. É como a girândola que termina a festa. Porque não tardará que o cenário escureça e as tempestades se amontoem na noite.

#### IV

#### TORTURAS DO ÓPIO

Foi em 1804 que conheceu pela primeira vez o ópio. Oito anos passaram, serenos e enobrecidos pelo estudo. Estamos agora em 1812. Longe, muito longe de Oxford, a uma distância de duzentas e cinquenta milhas, retirado no fundo das montanhas, que faz agora o nosso herói (que bem merece este título)? Toma ópio! E que mais? Estuda a metafísica alemã: lê Kant, Fichte, Schelling. Metido numa pequena vivenda, com uma só criada, vê deslizarem as horas sérias e tranquilas. E não casou? Ainda não. Continua com o ópio? Todos os sábados à noite. E este regime durou impudentemente desde o famoso domingo chuvoso de 1804? Ai dele, sim! Mas então, a saúde, depois desse longo e regular desregramento? Nunca, diz ele, passou melhor do que a Primavera de 1812. Notemos que até agora foi apenas um diletante, e que o ópio não se tornou ainda para ele uma higiene quotidiana. As doses foram sempre moderadas e prudentemente separadas por um intervalo de alguns dias. Talvez esta prudência e esta moderação tivessem retardado o aparecimento dos terrores vingadores. Em 1813 começa uma era nova. Durante o Verão precedente, um acontecimento doloroso que não

nos é explicado atingira-lhe o espírito o suficiente para reagir mesmo sobre a sua saúde física; a partir de 1813, sofreu de uma terrível irritação de estômago, que se parecia extraordinariamente com a que tanto o fizera padecer nas suas noites de angústia, no fundo da casa do procurador, e que era acompanhada por todos os seus antigos sonhos mórbidos. Eis finalmente a grande justificação! Para que alongarmo-nos sobre esta crise e pormenorizar todos os incidentes dela? A luta foi longa, as dores fatigantes e insuportáveis, e o alívio estava sempre ali, ao alcance da mão. A todos aqueles que desejaram um bálsamo, um nepentes, para dores quotidianas que perturbavam o exercício regular da sua vida e escarneciam de todo o esforço da vontade, a todos esses, doentes de espírito, doentes de corpo, eu diria: aquele de vós que esteja sem pecado, seja de acção, seja de intenção, atire ao nosso doente a primeira pedra! Assim, fica entendido; aliás, ele suplica-vos que o acreditem, quando começou a tomar ópio quotidianamente, havia urgência, necessidade, fatalidade; viver doutro modo não era possível. E serão assim tantos esses valentes que sabem enfrentar pacientemente, com uma energia renovada de minuto a minuto, a dor, a tortura, sempre presente, nunca fatigada, com vista a um benefício vago e longínquo? Este que parece tão corajoso e tão paciente não teve assim tão grande mérito em vencer, e aquele que resistiu tão pouco tempo despendeu nesse pouco tempo uma vasta energia desconhecida. Não são os temperamentos humanos tão infinitamente variados como as doses químicas? «No estado nervoso em que estou, é-me tão impossível suportar um **moralista desumano** como o **ópio que não foi fervido!**» Aqui está uma bela sentença, uma sen-

tença irrefutável. Já não se trata de circunstâncias atenuantes, mas de circunstâncias absolvedoras.

Finalmente, esta crise de 1813 teve uma saída, adivinha-se qual. Perguntar daí em diante ao nosso solitário se em tal dia tomou ou não tomou ópio, é o mesmo que querer informar-se **se os seus pulmões respiraram nesse dia, ou se o coração desempenhou as suas funções.** Acabou-se a quaresma do ópio, o ramadã, a abstinência! O ópio faz parte da vida! Pouco tempo antes de 1816, o ano mais belo, o mais límpido da sua existência, diz-nos ele, descera subitamente e quase sem esforço de trezentos e vinte grãos de ópio, isto é, oito mil gotas de láudano por dia, para quarenta grãos, diminuindo assim o seu estranho alimento em sete oitavos. A nuvem de melancolia profunda que descera sobre o seu cérebro dissipou-se um dia como por magia, a agilidade espiritual reapareceu, e ele pôde de novo acreditar na felicidade. Toma apenas mil gotas de láudano por dia (que temperança!). Era como um Verão de São Martinho espiritual. E releu Kant, e compreendeu-o ou julgou compreendê-lo. De novo abundava nele a ligeireza, a alegria de espírito — tristes palavras para traduzir o intraduzível —, igualmente favorável ao trabalho e ao exercício da fraternidade. Esse espírito de benevolência e de complacência pelo próximo, digamos mais, de caridade, que se parece um pouco (que isto seja insinuado sem intenção de faltar ao respeito a um autor tão grave) à caridade dos bêbedos, exerceu-se um belo dia, da maneira mais estranha e espontânea, em benefício de um Malaio. — Reparai bem neste Malaio; tornaremos a vê-lo mais tarde; reaparecerá, multiplicado de uma maneira terrível. Quem pode calcular a força de reflexo e de repercussão

de um incidente qualquer na vida de um sonhador? Quem pode pensar, sem estremecer, no infinito alargamento dos círculos das ondas espirituais agitadas por uma pedra de acaso? — Ora, um dia, um Malaio bate à porta deste retiro silencioso. Que tinha que fazer um Malaio nas montanhas de Inglaterra? Talvez se dirigisse a um porto situado a quarenta milhas dali. A criada, nascida na montanha, e que não sabia mais de língua malaia que de inglês, e que nunca vira um turbante na sua vida, ficou singularmente assustada. Mas, lembrando-se de que seu amo era um sábio, e presumindo que devia falar todas as línguas da terra, talvez mesmo a da lua, correu à procura dele para lhe rogar que exorcismasse o demónio que se instalara na cozinha. Era um contraste curioso e divertido o dos dois rostos olhando-se um ao outro; um, marcado de orgulho saxão, o outro, de servilidade asiática; um, róseo e fresco; o outro, amarelo e bilioso, iluminado por pequenos olhos móveis e inquietos. O sábio, para salvar a honra aos olhos da criada e dos vizinhos, falou-lhe em grego; o Malaio respondeu sem dúvida em malaio; não se entenderam, e tudo se passou bem. Este descansou no chão da cozinha durante uma hora, e depois fez menção de se pôr outra vez a caminho. O pobre asiático, se vinha de Londres a pé, não pudera, em três semanas, trocar um pensamento qualquer com um ser humano. Para consolar as tristezas prováveis desta vida solitária, o nosso autor, supondo que um homem de tais regiões devia conhecer o ópio, fez-lhe presente, antes da partida, de um grande pedaço da preciosa substância. Pode-se conceber maneira mais nobre de entender a hospitalidade? O Malaio, pela expressão da fisionomia, mostrou bem que conhecia o ópio, e engoliu de uma só



vez um bocado que poderia ter morto algumas pessoas. Era caso para inquietar um espírito caridoso; mas não se ouviu falar por aqueles lados de nenhum cadáver de Malaio encontrado na estrada; o estranho visitante estava pois suficientemente familiarizado com o veneno, e o resultado desejado pela caridade fora obtido.

Então, disse eu, o comedor de ópio era ainda feliz; verdadeira felicidade de sábio e de solitário enamorado do **comfort**: um encantador **cottage** (1), uma bela biblioteca, paciente e delicadamente reunida, e o Inverno agreste na montanha. Não é certo que uma linda habitação torna o Inverno mais poético, e que o Inverno aumenta a poesia da habitação? O branco **cottage** estava colocado no fundo de um pequeno vale fechado por montanhas suficientemente altas; estava envolvido por arbustos que espalhavam uma tapeçaria de flores sobre as paredes e faziam às janelas uma moldura cheirosa, durante a Primavera, o Verão e o Outono; começava pelo pilriteiro e acabava pelo jasmim. Mas a bela estação, a estação da felicidade, para um homem de devaneios e de meditação como ele, é o Inverno, e o Inverno na sua forma mais rude. Há pessoas que se felicitam por obter do céu um Inverno benigno, e que ficam felizes quando o vêem partir. Mas ele pede anualmente ao céu tanta neve, tanto granizo e tanto frio quanto pode conter. Precisa de um Inverno canadiano, de um Inverno russo; precisa de ser bem servido e compensado. O seu ninho será assim mais quente, mais suave, mais amado: as velas acesas às quatro horas,

um bom lume, bons tapetes, pesados cortinados ondulando até ao soalho, uma bela preparadora de chá, e o chá desde as oito horas da noite até às quatro da manhã. Sem Inverno, nenhum destes prazeres é possível; **todo o comfort** exige uma temperatura rigorosa, que aliás custa dinheiro; o nosso sonhador tem pois o direito de esperar que o Inverno pague honestamente a sua dívida, como ele próprio o faz. O salão é pequeno e serve para dois fins. Poder-se-ia mais propriamente chamar-lhe biblioteca; é ali que estão acumulados cinco mil volumes, comprados um a um, verdadeira conquista da paciência. Um grande lume brilha na chaminé; na bandeja estão pousadas duas chávenas e dois pires; a caridosa Electra que ele nos fez presentir adorna o **cottage** com toda a feitiçaria dos seus angélicos sorrisos. Para que serve descrever-lhe a beleza? O leitor poderia acreditar que esta força de luz é puramente física e pertence ao domínio do pincel terrestre. Além disso, não esqueçamos o frasco de láudano, uma garrafa grande, na verdade! porque estamos demasiado longe dos farmacêuticos de Londres para que se possa renovar frequentemente a nossa provisão; um livro de metafísica alemã está sobre a mesa, testemunhando eternas ambições intelectuais do proprietário. — Paisagem de montanhas, retiro silencioso, luxo, ou antes bem-estar sólido, vasto lazer para a meditação, Inverno rigoroso, próprio para concentrar as faculdades do espírito, sim, era realmente a felicidade, ou antes os últimos clarões da felicidade, uma intermitência na fatalidade, um júbilo na desgraça; porque estamos tocando a época funesta em que «é preciso dizer adeus a esta doce beatitude, adeus para o Inverno como para o Verão, adeus aos sorrisos e aos

(1) Em inglês, no original. **Cottage**: pequena casa campestre. — (N. do T.)

risos, adeus à paz de espírito, adeus à esperança e aos sonhos tranquilos, adeus às consolações benditas do sono!» Durante mais de três anos, o nosso sonhador será como um exilado, expulso do território da felicidade comum, porque chegou agora a «**uma Iliada de calamidades, chegou às torturas do ópio**». Sombria época, vasta rede de trevas, rasgada a espaços por ricas e esmagadoras visões:

**Era como se um grande pintor tivesse  
molhado  
O seu pincel na negrura do tremor de terra  
e do eclipse.**

Estes versos de Shelley, de carácter tão solene e tão verdadeiramente miltoniano, dão bem a cor da paisagem opiácea, se é permitido falar assim; é o céu baço e o horizonte impermeável que envolve o cérebro escravizado pelo ópio. O infinito no horror e na melancolia, e, mais melancólica que tudo, a impotência para se arrancar ao suplício.

Antes de seguir mais adiante, o nosso penitente (poderíamos de vez em quando dar-lhe este nome, embora ele pertença, segundo todas as aparências, a uma classe de penitentes sempre prontos a recair no pecado) adverte-nos de que não devemos esperar uma ordem muito rigorosa nesta parte do seu livro, pelo menos uma ordem cronológica. Quando o escreveu, estava sozinho em Londres, incapaz de construir um relato regular com montanhas de lembranças penosas e repugnantes, e exilado longe das mãos amigas que sabiam classificar os seus papéis e costumavam prestar-lhe todos os serviços de um secretário. Escreve sem precauções, agora quase sem pudor, supondo-se perante um leitor indulgente, a quinze ou vinte anos da época pre-

sente; e querendo simplesmente, acima de tudo, fixar um memorial de um período desastroso, fá-lo com todo o esforço de que é ainda capaz hoje, sem saber se mais tarde terá força e ocasião para tanto.

Mas porque, dir-lhe-ão, não vos libertastes dos horrores do ópio, abandonando-o ou diminuindo as doses? Fez longos e dolorosos esforços para reduzir a quantidade; mas os que foram testemunhas dessas lamentáveis batalhas, dessas agonias sucessivas, foram os primeiros a suplicar-lhe que renunciasse a elas. Porque não diminuir a dose de uma gota por dia, ou atenuar a potência por meio de adição de água? Ele calculou que seriam precisos alguns anos para obter por este meio uma vitória incerta. Aliás, todos os amadores de ópio sabem que antes de atingir um certo grau, pode-se sempre reduzir a dose sem dificuldade, e mesmo com prazer, mas que uma vez essa dose ultrapassada qualquer redução causa dores intensas. Mas porque não consentir num abatimento momentâneo de alguns dias? Não há abatimento; não é nisso que consiste a dor. A diminuição do ópio aumenta, pelo contrário, a vitalidade; o pulso é melhor: a saúde aperfeiçoa-se; mas dela resulta uma terrível irritação do estômago, acompanhada de suores abundantes e de uma sensação de mal-estar geral, que nasce da falta de equilíbrio entre a energia física e a saúde do espírito. Com efeito, é fácil compreender que o corpo, a parte terrestre do homem, que o ópio vitoriosamente pacificara e reduzira a uma perfeita submissão, queira retomar os seus direitos, enquanto o domínio do espírito, que até então fora unicamente favorecido, se acha diminuído doutro tanto. É um equilíbrio quebrado que quer restabelecer-se, e que não pode restabelecer-se sem crise. Mesmo não

tendo em conta a irritação do estômago e as transpirações excessivas, é fácil imaginar a angústia de um homem nervoso, cuja vitalidade fosse regularmente despertada, e o espírito inquieto e inactivo. Nesta terrível situação, o doente considera geralmente o mal preferível à cura, e avança de cabeça baixa para o seu destino.

O comedor de ópio interrompera havia muito tempo os estudos. Algumas vezes, a pedido de sua mulher e de uma outra senhora que vinha tomar chá com eles, consentia em ler em voz alta as poesias de Wordsworth. Por acessos, interessava-se ainda momentaneamente pelos grandes poetas; mas a sua verdadeira vocação, a filosofia, estava completamente desprezada. A filosofia e as matemáticas reclamam uma aplicação constante e sustentada, e o seu espírito recuava agora perante esse dever diário com uma íntima e desoladora consciência da sua fraqueza. Uma grande obra, a que jurara dar todas as suas forças, e cujo título lhe fora fornecido pelas *reliquiæ* de Espinosa: **De emendatione humani intellectus**, continuava na banca, inacabada e suspensa, com o ar desolado desses grandes edifícios empreendidos por governos pródigos ou arquitectos imprudentes. O que devia ser, na posteridade, a prova da sua força e do seu devotamento à causa da humanidade, apenas serviria de testemunho da sua fraqueza e presunção. Felizmente ainda lhe restava, como um divertimento, a economia política. Embora esta deva ser considerada como uma ciência, isto é, como um fôdo orgânico, algumas das suas partes integrantes podem ser desligadas e consideradas isoladamente. Sua mulher lia-lhe de tempos a tempos os debates do parlamento ou as novidades da livreria em matéria de economia po-

lítica; mas, para um literato profundo e erudito, era um triste alimento; para quem quer que tenha manejado a lógica, são os sobejos do espírito humano. Um amigo de Edimburgo, entretanto, enviou-lhe em 1819 um livro de Ricardo, e ele, antes de ter acabado o primeiro capítulo, recordando-se de que profetizara a vinda de um legislador desta ciência, exclamava: «Eis o homem!» O espanto e a curiosidade tinham ressuscitado. Mas a maior, a mais deliciosa surpresa era poder ainda interessar-se por uma leitura qualquer. A sua admiração por Ricardo aumentou por isso mesmo. Uma tão profunda obra nascera verdadeiramente em Inglaterra, no século XIX? Ele supunha que todo o pensamento morrera em Inglaterra. Ricardo, num só lance, encontrara a lei, criara a base; lançara um raio de luz em todo o tenebroso caos de materiais em que se tinham perdido os seus antecessores. O nosso sonhador, entusiasmado, rejuvenescido, reconciliado com o pensamento e o trabalho, põe-se a escrever, ou antes, dita à sua companheira. Parecia-lhe que o olho perscrutador de Ricardo deixara fugir algumas verdades importantes, cuja análise, reduzida pelos processos algébricos, podia constituir matéria de um interessante voluminho. Deste esforço de doente resultaram os **Prolegómenos para todos os sistemas futuros de economia política** (1). Fizera um acordo com um impressor da província que vivia a dezoito milhas; com o fim de se compor a obra mais depressa, fora mesmo contratado um compo-

---

(1) Diga De Quincey o que disser sobre a sua impotência espiritual, este livro, ou qualquer coisa de análogo relacionado com Ricardo, apareceu posteriormente. Veja o catálogo das suas obras completas.

sitor suplementar; o livro fora anunciado duas vezes; mas faltava escrever um prefácio (a fadiga de um prefácio!) e uma magnífica dedicatória a Ricardo; que trabalho para um cérebro debilitado pelas delícias de uma orgia permanente! Ó humilhação de um autor nervoso, tiranizado pela atmosfera interior! A impotência ergueu-se, terrível, intransponível, como os gelos do pólo; todas as combinações tiveram contra-ordem, o compositor foi despedido, e os **Prolegómenos**, envergonhados, deixaram-se por muito tempo ao lado do irmão mais velho, o famoso livro sugerido por Espinosa.

Horrível situação! ter o espírito a fervilhar de ideias, e não poder já atravessar a ponte que separa os campos imaginativos do sonho dos das colheitas positivas da acção! Se quem agora me está lendo conheceu as necessidades da produção, não preciso de lhe descrever o desespero de um nobre espírito, clarividente, hábil, lutando contra essa danação de género tão particular. Abominável enfeitiçamento! Tudo quanto disse sobre a diminuição da vontade no meu estudo sobre o haxixe é aplicável ao ópio. Responder a cartas? trabalho gigantesco, adiado de hora para hora, de dia para dia, de mês para mês. Questões de dinheiro? fatigante puerilidade. A economia doméstica é então mais descurada do que a economia política. Se um cérebro debilitado pelo ópio estivesse debilitado todo ele, se, para me servir de uma ignóbil locução, estivesse totalmente embrutecido, o mal seria evidentemente menor, ou, pelo menos, mais tolerável. Mas um comedor de ópio não perde nenhuma das suas aspirações morais; vê o dever, ama-o; quer preencher todas as condições do possível; mas a sua capacidade de execução não está já à altura da sua concep-

ção. Executar! que digo eu? poderá ele sequer tentar? É o peso de um pesadelo esmagando toda a vontade. O nosso infeliz torna-se então uma espécie de Tântalo, ardente no amor ao dever, impotente em correr para ele; um espírito, um **puro espírito**, condenado a desejar o que não pode adquirir; um bravo guerreiro, insultado no que tem de mais caro, e fascinado por uma fatalidade que lhe ordena que fique na cama, onde se consome numa raiva impotente!

Assim viera o castigo, lento mas terrível. Não era apenas nesta impotência espiritual que ele iria manifestar-se, mas também em horrores de uma natureza mais cruel e mais positiva. O primeiro sintoma que apareceu na economia física do comedor de ópio é curioso de notar. É o ponto de partida, o germe de toda uma série de dores. As crianças são, em geral, dotadas da singular faculdade de distinguir, ou antes, de criar, sobre a tela fecunda das trevas todo um mundo de visões fantásticas. Em algumas, essa faculdade age por vezes sem dependência da vontade. Mas outras têm a capacidade de evocá-las ou de mandá-las embora conforme a vontade. Por um caso semelhante, o nosso narrador descobriu que se tornava outra vez criança. Já em meados de 1817 esta faculdade o atormentava cruelmente. Deitado, mas desperto, procições fúnebres e magníficas desfilavam diante dos seus olhos; intermináveis edifícios se erguiam, de carácter antigo e solene. Mas os sonhos do sono participaram rapidamente dos sonhos da vigília, e tudo o que os seus olhos evocavam nas trevas se reproduzia no sono com um esplendor inquietante, insupportável. Midas transformava em ouro tudo aquilo em que tocava, e sentia-se martirizado por este irónico privilégio. Do mesmo modo o

comedor de ópio transformava em realidades inevitáveis todos os objectos dos seus sonhos. Toda esta fantasmagoria, por mais bela e poética que fosse na aparência, era acompanhada por uma angústia profunda e uma negra melancolia. Parecia-lhe, em cada noite, que descia infinitamente por abismos sem luz, para além de todas as profundidades conhecidas, sem esperança de poder voltar a subir. E, mesmo depois do despertar, persistia uma tristeza, uma desesperança vizinha do aniquilamento. Fenómeno análogo a alguns dos que se produzem na embriaguez do haxixe, o sentido do espaço e, mais tarde, o sentido da duração foram singularmente afectados. Monumentos e paisagens tomaram formas demasiado vastas para não serem uma dor para os olhos humanos. O espaço inchou, por assim dizer, até ao infinito. Mas a expansão do tempo tornou-se uma angústia ainda mais viva; os sentimentos e as ideias que enchiam a duração de uma noite representavam para ele o valor de um século. Por outro lado, os mais vulgares acontecimentos da infância, cenas desde há muito esquecidas, reproduziam-se no seu cérebro, vivendo uma nova vida. Acordado, talvez não se lembrasse delas; mas no sono **reconhecia-as** imediatamente. Tal como o homem que se afoga revê, no minuto supremo da agonia, toda a sua vida como um espelho; tal como o danado lê, num segundo, a terrível exposição de todos os seus pensamentos terrestres; tal como as estrelas veladas pela luz do dia reaparecem com a noite, assim também todas as inscrições gravadas na memória inconsciente reapareceram como por efeito de uma tinta simpática.

O autor **ilustra** as principais características dos seus sonhos com algumas amostras de

uma natureza estranha e temível; uma, entre outras, em que por uma **lógica** particular que governa os acontecimentos do sono, dois elementos históricos muito importantes se justapõem no seu cérebro da maneira mais esqui-pática. Assim: no espírito infantil de um camponês, uma tragédia torna-se por vezes o desenlace da comédia que abriu o espectáculo.

«Na minha juventude, e mesmo depois, fui sempre grande leitor de Tito Lívio; foi sempre ele um dos meus mais queridos repousos; confesso que o prefiro; pela matéria e pelo estilo, a qualquer outro historiador romano, e senti toda a terrível e solene sonoridade, toda a enérgica representação da majestade do povo romano nestas duas palavras que tantas vezes aparecem nas narrativas de Tito Lívio: **Consul Romanus**; particularmente quando o cônsul se apresenta com o seu carácter militar. Quero dizer que as palavras: rei, sultão, regente, ou todos os outros títulos pertencentes aos homens que personificam em si a majestade de um grande povo, não tinham força para me inspirarem o mesmo respeito. Embora não seja grande leitor de coisas históricas, tinha-me igualmente familiarizado, de uma maneira minuciosa e crítica, com um certo período da história de Inglaterra, o período da guerra do Parlamento, que me havia atraído pela grandeza moral daqueles que nela figuraram e pelas muitas memórias interessantes que sobreviveram a essas perturbadas eras. Estas duas partes das minhas leituras de lazer, que muitas vezes haviam fornecido matéria para as minhas reflexões, forneciam agora alimento aos sonhos. Muitas vezes me acontecera ver, enquanto estava acordado, uma espécie de ensaio de teatro, desenhando-se mais tarde sobre as trevas compla-

centes, — uma multidão de mulheres — talvez uma festa e danças. E ouvia dizerem, ou dizia eu a mim mesmo: «São as mulheres e as filhas daqueles que se reuniam em paz, que se sentavam às mesmas mesas, e que eram aliados pelo casamento ou pelo sangue; e contudo, depois de um certo dia de Agosto de 1642, nunca mais sorriram uns aos outros e só se encontraram nos campos de batalha; e em Marston-Moor, em Newbury ou em Naseby, cortaram todos os laços do amor com o sabre cruel, e apagaram com o sangue a recordação das amizades antigas.» As damas dançavam, e pareciam tão sedutoras como na corte de Jorge IV. No entanto, eu sabia, mesmo no sonho, que elas estavam no túmulo há quase dois séculos. Mas toda esta pompa se dissiparia subitamente; a um bater de palmas das mãos ouviam-se estas palavras cujo som me agitava o coração: **Consul Romanus!** e imediatamente chegava, varrendo tudo diante de si, magnífico no seu manto de campanha. Paulo-Emílio ou Mário, rodeado de uma companhia de centuriões, fazendo içar a túnica vermelha na ponta de uma lança, e seguido do temível hurra das legiões romanas.»

Surpreendentes e monstruosas architecturas se erguiam no seu cérebro, semelhantes a essas construções movediças que os olhos do poeta vêem nas nuvens coloridas pelo sol poente. Mas logo a esses sonhos de terraços e de torres, de muralhas, que subiam a alturas desconhecidas e se afundavam em imensas profundezas, se sucederam lagos e vastas extensões de água. A água tornou-se o elemento obsessivo. Notámos já, no nosso trabalho sobre o haxixe, esta extraordinária predilecção do cérebro pelo elemento líquido e pelas suas misteriosas seduções. Não se diria que há um singular parentesco entre estes dois excitan-

tes, pelo menos nos seus efeitos sobre a imaginação, ou, se se preferir esta explicação, que o cérebro humano, sob o domínio de um excitante, se apaixona mais facilmente por certas imagens? As águas não tardaram a mudar de carácter, e os lagos transparentes, brilhantes como espelhos, tornaram-se mares e oceanos. E depois uma nova metamorfose fez destas águas magníficas, inquietantes apenas pela sua frequência e pela sua extensão, um terrível tormento. O nosso autor amara muito as multidões, mergulhara deliciosamente nos mares da turba, para que a face humana não tomasse agora nos seus sonhos uma parte despótica. E então manifestou-se o que ele já denominou, creio, **a tirania da face humana.** «Então sobre as águas movediças do Oceano começou a mostrar-se a face do homem; o mar apareceu-me calcetado de inúmeras cabeças viradas para o céu; rostos furiosos, suplicantes, desesperados, puseram-se a dançar à superfície, milhares, miríades, gerações, séculos: a minha agitação tornou-se infinita, e o meu espírito saltou e rolou como as vagas do Oceano.»

O leitor notou já que desde há muito o homem não evoca as imagens, mas que são as imagens que se oferecem a ele, espontaneamente, despoticamente. Não pode mandá-las embora; porque a vontade já não tem força e deixou de governar as faculdades. A memória poética, antigamente fonte infinita de prazeres, tornou-se arsenal inesgotável de instrumentos de suplício.

Em 1818, o Malaio de que falámos atormentava-o cruelmente; era um visitante insupportável. Como o espaço, como o tempo, o Malaio multiplicara-se. O Malaio tornara-se a própria Ásia; a Ásia antiga, solene, monstruosa e complicada como os seus templos e as suas

religiões; onde tudo, desde os aspectos mais ordinários da vida até às lembranças clássicas e grandiosas que ela comporta, está feito para confundir e estupeficiar o espírito de um europeu. E não era apenas a China, caprichosa e artificial, prodigiosa e antiquada como um conto de fadas, que oprimia o seu cérebro. Essa imagem chamava naturalmente a imagem vizinha da Índia, tão misteriosa e tão inquietante para um espírito do Ocidente; e depois a China e a Índia formavam com o Egipto uma tríade ameaçadora, um pesadelo complexo, de angústias múltiplas. Em suma, o Malaio evocara todo o imenso e fabuloso Oriente. As páginas seguintes são por de mais belas para que eu as resuma:

«Todas as noites era transportado por este homem para o meio de quadros asiáticos. Não sei se outras pessoas partilham dos meus sentimentos sobre este ponto; mas muitas vezes pensei que se fosse forçado a deixar a Inglaterra e a viver na China, entre as modas, as maneiras e os cenários da vida chinesa, enlouqueceria. As causas do meu horror são profundas, e algumas devem ser comuns a outros homens. A Ásia Meridional é em geral uma sede de imagens terríveis e de assustadoras associações de ideias; mesmo só como berço do género humano, deve exalar não sei que vaga sensação de medo e de respeito. Mas existem outras razões. Nenhum homem pretenderá que as estranhas, bárbaras e caprichosas superstições da África, ou das tribos selvagens de qualquer outra região, possam afectar da mesma maneira que as velhas, monumentais, cruéis e complicadas religiões do Indostão. A antiguidade das coisas da Ásia, das suas instituições, dos seus anais, dos modos da sua fé, tem para mim qualquer coisa de tão impressionante, a velhice da raça e dos

nomes, qualquer coisa de tão dominador, que basta para aniquilar a juventude do indivíduo. Um jovem chinês surge-me como um homem antediluviano renovado. Os próprios Ingleses, embora não tenham sido educados no conhecimento de semelhantes instituições, não podem impedir-se de estremecer perante a mística sublimidade das castas, que seguiram cada uma curso à parte, e que se recusaram a juntar as suas águas durante períodos de tempo imemoriais. Nenhum homem pode não ser penetrado de respeito pelos nomes de Ganges e Eufrates. O que aumenta em muitos tais sentimentos, é que a Ásia Meridional é e foi, desde há milhares de anos, a parte da terra mais fervilhante de vida humana, a grande **officina gentium**. O homem, nessas paragens, cresce como a erva. Os vastos impérios, em que foi sempre moldada a população enorme da Ásia, juntam uma grandeza mais aos sentimentos que as imagens e os nomes orientais comportam. Na China, sobretudo, pondo de lado o que tem de comum com o resto da Ásia, aterrorizam-me os modos de vida, os costumes, uma repugnância absoluta, uma barreira de sentimentos que nos separam dela e que são demasiado profundas para serem analisadas. Acharia mais cómodo viver com lunáticos ou com irracionais. O leitor tem de entrar em todas estas ideias e ainda muitas outras, que não posso dizer ou não tenho tempo de exprimir, para compreender todo o horror que imprimiam no meu espírito estes sonhos de imaginária oriental e de torturas mitológicas.

«Sob as duas condições conexas do calor tropical e de luz vertical, arrebanhava todas as criaturas, aves, bestas, répteis, árvores e plantas, usos e espectáculos, que se encontram comumente em toda a região dos trópicos,

e lançava-os a trouxe-mouxe na China e no Indostão. Por sentimento análogo, apoderava-me do Egipto e de todos os seus deuses, e fazia-os entrar sob a mesma lei. Macacos, papagaios, cacatuas olhavam-me fixamente, vaiavam-me, faziam-me caretas, ou palravam a meu respeito. Fugia para os pagodes, e durante séculos ficava fixado no pináculo deles, ou encerrado em câmaras secretas. Era o ídolo; era o padre; era adorado; era sacrificado. Fugia da cólera de Brama através de todas as florestas da Ásia; Vixnu odiava-me; Siva dispunha uma emboscada. Subitamente caía em Isis e Osiris; fizera qualquer coisa, diziam-me, cometera um crime que fazia estremecer o íbis e o crocodilo. Era sepultado, durante milhares de anos, em túmulos de pedra, com múmias e esfinges, em celas estreitas no coração das eternas pirâmides. Era beijado por crocodilos de beijos cancerosos; e jazia, confundido com uma multidão de coisas inexprimíveis e viscosas, entre as lamias e os canaviais do Nilo.

«Dou assim ao leitor um ligeiro extracto dos meus sonhos orientais, cujo monstruoso teatro me enchia sempre de tal estupefacção que mesmo o horror parecia durante algum tempo absorvido nela. Mas cedo ou tarde se produzia um refluxo de sentimentos em que o espanto por sua vez era engolido, e que me entregava não tanto ao terror como a uma espécie de ódio e de abominação por tudo o que via. Sobre cada ser, sobre cada forma, sobre cada ameaça, punição, encarceração tenebrosa, planava um sentimento de eternidade e de infinito que me causava a angústia e a opressão da loucura. Não porque nesses sonhos, salvo uma ou duas ligeiras excepções, entrassem as circunstâncias do horror físico. Os meus terrores, até aí, tinham sido apenas morais e espi-

rituais. Mas aqui os agentes principais eram hediondos pássaros, serpentes ou crocodilos, principalmente estes últimos. O crocodilo maldito tornou-se para mim objecto de mais horror que quase todos os outros. Era forçado a viver com ele (era sempre assim nos meus sonhos) durante séculos. Algumas vezes fugia, e encontrava-me em casas chinesas, mobiladas de mesas de cana. Todos os pés das mesas e dos canapés pareciam dotados de vida; a abominável cabeça do crocodilo, com os seus pequenos olhos oblíquos, olhava-me por toda a parte, de todos os lados, multiplicado por repetições inúmeras; e eu ali ficava, cheio de horror e fascinado. E este horrendo réptil visitava tantas vezes o meu sonho, que em muitas delas o próprio sonho foi interrompido da mesma maneira; ouvia suaves vozes que me falavam (ouço tudo, mesmo quando estou entorpecido), e imediatamente acordava. Era dia claro, meio-dia, e os meus filhos estavam ali de pé, de mãos dadas, ao lado do meu leito; vinham mostrar-me os seus sapatos de cor, os fatos novos, exhibir o seu arranjo antes de irem passear. Afirmo que a transição do maldito crocodilo e dos outros monstros e inexprimíveis abortos dos meus sonhos para estas inocentes criaturas, para esta simples infância humana, era tão terrível que, na poderosa e súbita revulsão do meu espírito, chorava sem poder reprimir-me, beijando-lhes os rostos.»

O leitor espera talvez, nesta galeria de impressões antigas repercutidas sobre o sono, a figura melancólica da pobre Ann. É agora a vez dela. O autor notou que a morte daqueles que nos são caros, e em geral a contemplação da morte, afecta muito mais a nossa alma durante o Verão do que nas outras estações do ano. O céu parece mais alto, mais distante,



mais infinito. As nuvens, graças às quais os olhos apreciam a distância do pavilhão celeste, são mais volumosas e amontoadas em massas mais vastas e mais sólidas; a luz e os espectáculos do sol no seu declínio estão mais de acordo com o carácter do infinito. Mas a principal razão é que a prodigalidade exuberante da vida estival faz mais violento contraste com a esterilidade geral do túmulo. Aliás, duas ideias que estão em relação de antagonismo chamam-se reciprocamente, e uma sugere a outra. Por isso o autor nos confessa que nos intermináveis dias de Verão lhe é difícil não pensar na morte; e a ideia da morte de uma pessoa conhecida ou amada assedia o espírito mais obstinadamente durante a estação esplêndida. Pareceu-lhe, um dia, que estava de pé à porta do seu **cottage**; era (no sonho) um domingo de manhã do mês de Maio, um domingo de Páscoa, o que não contradiz em nada o almanaque dos sonhos. Diante dele estendia-se uma paisagem conhecida, mas aumentada, solenizada pela magia do sono. As montanhas eram mais altas que os Alpes, e os prados e os bosques, situados a seus pés, infinitamente mais extensos; as sebes, adornadas de rosas brancas. Como era muito cedo, nenhuma criatura viva se mostrava, excepto o gado que repousava no cemitério sobre os túmulos verdejantes, e particularmente em redor da sepultura de uma criança a quem ele muito amara (essa criança fora realmente sepultada nesse mesmo Verão; e uma manhã, antes do nascer do sol, o autor vira realmente aqueles animais descansarem junto do túmulo). Disse então consigo: «Ainda falta muito para nascer o sol; hoje é domingo de Páscoa; é o dia em que se celebram os primeiros frutos da ressurreição. Irei passear lá fora; esquecerei hoje as minhas velhas do-

res; o ar está fresco e calmo; as montanhas são altas e estendem-se além na direcção do céu; as clareiras da floresta estão tão tranquilas como o cemitério; o orvalho lavarà a febre da minha fronte, e assim deixarei finalmente de ser desgraçado.» E ia abrir a porta do jardim, quando a paisagem, à esquerda, se transformou. Continuava a ser domingo de Páscoa, manhã adiantada; mas o cenário tornou-se oriental. As cúpulas e os domos de uma grande cidade recortavam vagamente o horizonte (talvez fosse a lembrança de qualquer imagem de uma Bíblia contemplada na infância). Não longe dele, sobre uma pedra, à sombra de palmeiras da Judeia, uma mulher estava sentada. Era Ann!

«Ela manteve os olhos fitos em mim com um olhar intenso, e eu disse-lhe, passado tempo: «Encontrei-vos finalmente!» Esperava; mas ela não me respondeu uma palavra. O seu rosto era o mesmo que quando a vi pela última vez, e contudo quão diferente estava! Dezasete anos antes, quando a luz do candeeiro caía sobre o seu rosto, quando pela última vez beijei os seus lábios (os teus lábios, Ann! que para mim não tinham mácula), os seus olhos desfaziavam-se em lágrimas; mas as lágrimas estavam agora secas; parecia mais bela do que fora nessa época, mas era em todos os pontos a mesma, e não envelhecera. O olhar era tranquilo, mas dotado de uma singular solenidade de expressão, e eu contemplava-a com uma espécie de temor. De repente, a sua fisionomia obscureceu; voltando-me para o lado das montanhas, vi névoas que rolavam entre nós dois; num instante tudo se desvanecera; espessas trevas chegaram; e num abrir e fechar de olhos achei-me longe, muito longe das montanhas, passeando com Ann à luz dos candeeiros de Oxford Street, exacta-

mente como passeávamos dezassete anos antes, quando éramos, ela e eu, duas crianças.»

O autor cita ainda um espécime das suas concepções mórbidas, e este último sonho (que data de 1820) é mais terrível porque é mais vago, de uma natureza mais inapreensível, e porque, ainda que penetrado de um sentimento pungente, apresenta-se no cenário movediço, elástico, do indefinido. Desespero de reproduzir convenientemente a magia do estilo inglês:

«O sonho começava por uma música que ouço muitas vezes nos meus sonhos, uma música preparatória, própria para acordar o espírito e mantê-lo em suspenso; uma música semelhante à abertura do serviço da coroação, e que, como esta, dava a impressão de uma vasta marcha, de um desfile infinito de cavalaria e de um marcar passo de exércitos inúmeros. Chegara a manhã de um dia solene, — de um dia de crise e de esperança final para a natureza humana, sujeita então a qualquer misterioso eclipse e atormentada por qualquer temível angústia. Em qualquer parte, não sei onde, — de uma maneira ou de outra, não sabia como, por não importa que seres, não os conhecia, — uma batalha, uma luta estava sendo travada, — uma agonia suportada, — que se desenvolvia como um grande drama ou um trecho de música; — e a simpatia que eu experimentava tornava-se-me suplício por causa da minha incerteza do lugar, da causa, da natureza e do resultado possível do caso. Tal como de ordinário acontece nos sonhos, em que necessariamente fazemos de nós próprios o centro de todo o movimento, tinha o poder de decidi-lo, e ao mesmo tempo não o tinha; tinha o poder, desde que pudesse erguer-me até ao querê-lo, e todavia não tinha esse poder porque estava

esmagado sob o peso de vinte Atlânticos ou sob a opressão de um crime inexprável. **Mais profundamente do que alguma vez desceu o chumbo da sonda**, jazia imóvel, inerte. Então, como um coro, a paixão ganhava o seu sentido mais profundo. Um altíssimo interesse estava em jogo, uma causa mais importante do que a espada jamais defendeu ou a trombeta proclamou. Depois chegavam súbitos aiares; aqui e além, passos precipitados; pavores de inúmeros fugitivos. Não sabia se eles vinham da boa causa ou da má: — trevas e luzes; — tempestades e faces humanas; — e por fim, com o sentimento de que tudo estava perdido, apareciam formas de mulheres, rostos que eu teria querido reconhecer mesmo pelo preço do mundo inteiro, e que entrevia apenas por um instante; — e depois mãos crispadas, separações que dilaceravam o coração; — e adeuses eternos! e com um suspiro como o que suspiraram as cavernas do Inferno, quando a mãe incestuosa proferiu o nome abominado da Morte, o som era repercutido: Adeuses eternos! e depois, e outra vez, de eco em eco, repercutido: — Adeuses eternos!

«E eu acordava em convulsões, e gritava em altas vozes: Não! não quero dormir mais!»

## UM FALSO DESFECHO

De Quincey encurtou singularmente o final do seu livro, pelo menos tal como apareceu primitivamente. Lembro-me que da primeira vez que o li, já lá vão muitos anos (e não conhecia a segunda parte, **Suspiria de profundis**, que aliás ainda não aparecera), dizia comigo mesmo de vez em quando: Qual poderá ser o desfecho de um livro assim? A morte? a loucura? Mas o autor, falando constantemente em seu nome pessoal, ficou evidentemente num estado de saúde, que, se não de todo normal e excelente, lhe permite entregar-se a um trabalho literário. O que me parecia mais provável, era o **statu quo**; era acostumar-se ele às suas dores, que se resignasse aos temíveis efeitos da singular higiene; e acabava por dizer: Robinson pode acabar por sair da ilha; um navio pode aportar a uma costa, por mais desconhecida que seja, e levar o exilado solitário; mas que homem pode sair do domínio do ópio? Assim, continuava eu de mim para mim, este livro singular, confissão verídica ou pura concepção do espírito (esta última hipótese era absolutamente improvável por causa da atmosfera de verdade que paira sobre todo o conjunto e do acento inimitável de sinceridade que acompanha cada

pormenor), é um livro sem desfecho. Há evidentemente livros, como aventuras, sem desfecho. Há situações eternas; e tudo o que se reporta ao irremediável, ao irreparável, entra nesta categoria. Contudo, recordava-me de que o **comedor de ópio** anunciara em qualquer parte, ao princípio, que conseguira finalmente **desatar, anel por anel, a corrente maldita que ligava todo o seu ser**. Logo, o desfecho era para mim absolutamente inesperado, e confessarei com toda a franqueza que, quando o conheci, apesar de todo o seu aparato de minuciosa verosimilhança, descri instintivamente. Ignoro se o leitor partilhará a minha impressão neste ponto; mas direi que a maneira subtil, engenhosa, pela qual o infelizmente saiu do labirinto encantado onde por sua culpa se perdeu, me pareceu uma invenção em favor de um certo **cant** britânico, um sacrifício em que a verdade era imolada em honra do pudor e dos preconceitos públicos. Lembrai-vos de quantas precauções ele tomou antes de começar o relato da sua **lliada de males**, e com que cuidado assenta o direito de fazer **confissões**, mesmo **proveitosas**. Um certo povo quer desfechos **morais**, outro desfechos **consoladores**. Assim, as mulheres, por exemplo, não querem que os maus sejam recompensados. Que diria o público dos nossos teatros se não encontrasse, no fim do quinto acto, a catástrofe obrigada pela justiça, que restabelece o equilíbrio normal, ou antes utópico, entre todas as partes — essa catástrofe equitativa esperada impacientemente durante quatro longos actos? Em suma, creio que o público não ama os **impenitentes**, e que os considera como **insolentes**. De Quincey pensou talvez o mesmo, e entrou na regra. Se estas páginas, escritas mais cedo, caíssem por acaso sob os seus olhos, imagino que se teria dignado

sorrir complacentemente da minha desconfiança precoce e motivada; em todo o caso, apoio-me no seu texto, tão sincero em todas as outras ocasiões e tão penetrante, e poderia já anunciar aqui uma certa **terceira proster-nação perante o negro ídolo** (o que implica uma segunda) de que falaremos mais tarde.

Seja como for, eis o desfecho. Desde há muito que o ópio não fazia sentir o seu domínio por enfeitiçamentos, mas por torturas, e essas torturas (o que é perfeitamente crível e de acordo com todas as experiências relativas à dificuldade de quebrar velhos hábitos, seja qual for a sua natureza) tinham começado com os primeiros esforços para se libertar deste tirano diário. Entre duas agonias, uma vinda do uso continuado, outra da higiene interrompida, o autor preferiu, diz-nos, a que implicava uma possibilidade de libertação. «Que quantidade de ópio tomei nessa época, não poderei dizer; porque o ópio que usava fora comprado por um amigo meu, que mais tarde não quis ser reembolsado; de modo que não posso precisar que quantidade absorvi no espaço de um ano. Creio todavia que o fazia muito irregularmente, e que variava a dose de cinquenta ou sessenta grãos a cento e cinquenta por dia. O meu primeiro cuidado foi redi-zi-la a quarenta, a trinta, e por fim, tantas vezes quanto podia, a doze grãos.» Acrescenta que dos diferentes específicos que experimentou, o único de que tirou benefício foi a tintura amoniaca de valeriana. Mas para que continuar (é ele que faia) este relato da convalescença e da cura? O objectivo do livro era mostrar o maravilhoso poder do ópio, quer no prazer, quer na dor; o livro está pois acabado. A moral da narração dirige-se apenas aos comedores de ópio. Que eles aprendam a tremer, e que saibam, por este exemplo

extraordinário, que se pode, após dezassete anos de uso e oito anos de abuso do ópio, renunciar a esta substância. Possam esses, acrescenta, desenvolver mais energia nos seus esforços, e alcançar finalmente o mesmo êxito!

«Jeremias Taylor conjectura que é talvez tão doloroso nascer como morrer. Creio que é muito provável isso; e durante o longo período consagrado à diminuição do ópio, senti todas as torturas de um homem que passa de um modo de existência para outro. O resultado não foi a morte, mas uma espécie de renascimento físico... Ficou-me ainda como que uma reminiscência do meu primeiro estado; os meus sonhos não são perfeitamente calmos; a temível turgescência e a agitação da tempestade não estão inteiramente apaziguadas; as legiões de que os meus sonhos estavam povoados retiram-se, mas nem todas se foram embora; o sono é tumultuoso, e, semelhante às portas do Paraíso quando os nossos primeiros pais se voltaram para as contemplar, continua, como diz o verso terrível de Milton:

**Pejado de rostos ameaçadores e de braços flamejantes.»**

O apêndice (que data de 1822) é destinado a corroborar mais minuciosamente a verosimilhança deste desfecho, a dar-lhe por assim dizer rigorosa fisionomia médica. Ter descido de uma dose de oito mil gotas para uma dose moderada que variava trezentas e cento e sessenta era decerto um triunfo assaz magnífico. Mas o esforço que faltava fazer exigia ainda mais energia do que o autor esperava, e a necessidade desse esforço tornou-se cada vez mais manifesta. Apercebeu-se, em parti-

cular, de um certo endurecimento, de uma falta de sensibilidade no estômago, que parecia pressagiar qualquer afecção cirrosa. O médico afirmou que a continuação do uso do ópio, ainda que em doses reduzidas podia levar a esse resultado. A partir daqui, juramento de abjurar o ópio, de abjurá-lo absolutamente. O relato dos seus esforços, das suas hesitações, das dores físicas resultantes das primeiras vitórias da vontade, é verdadeiramente interessante. Há diminuições progressivas; duas vezes chega a zero; depois vêm recaídas em que compensa largamente as abstinências precedentes. Em suma, a experiência das seis primeiras semanas teve como resultado uma terrível irritabilidade em todo o sistema, particularmente no estômago, que por vezes regressava a um estado normal, outras vezes sofria estranhamente; uma agitação que não cessava dia e noite; um sono (que sono!) de três horas, quando muito, em vinte e quatro, e tão leve que ouvia os mais pequenos ruídos à sua volta; o maxilar inferior constantemente inchado; ulcerações da boca e, entre outros sintomas mais ou menos deploráveis, violentos espirros que, aliás, acompanharam sempre as suas tentativas de rebelião contra o ópio (esta espécie nova de enfermidade durava algumas vezes duas horas e repetia-se duas ou três vezes por dia); além disto, uma sensação de frio, e por fim uma constipação assustadora, o que nunca acontecera sob o domínio do ópio. Com o uso dos amargos, conseguiu reconduzir o estômago ao estado normal, isto é, perder, como os outros homens, a consciência das operações da digestão. No quadragésimo segundo dia, todos estes sintomas alarmantes desapareceram para darem lugar a outros; mas ele não sabe se são consequência do antigo abuso

ou da supressão do ópio. Assim, a transpiração abundante que, mesmo pelo Natal, acompanhava qualquer redução diária da dose, tinha, na estação mais quente do ano, desaparecido completamente. Mas outros sofrimentos físicos podem ser atribuídos à temperatura chuvosa de Julho na parte da Inglaterra onde estava situada a sua habitação.

O autor leva o cuidado (sempre para ajudar os infelizes que possam encontrar-se no mesmo caso que ele) até nos dar um quadro sinóptico, datas e quantidades a seguir, das cinco primeiras semanas durante as quais começou a levar a bom termo a sua gloriosa tentativa. Ai se vêem terríveis recaídas, como de zero a 200, 300, 350. Mas talvez a descida tivesse sido demasiado rápida, mal graduada, dando assim nascimento a sofrimentos superfúos, os quais o obrigavam por vezes a procurar socorro na própria fonte do mal.

O que sempre me confirmou a ideia de que este desfecho era **artificial**, pelo menos em parte, foi um certo tom de troca de gracejo e mesmo de zombaria que reina em várias passagens desse apêndice. Para mostrar que não dá ao seu miserável corpo a fanática atenção dos valetudinários, que passam o tempo a observar-se a si próprios, o autor dá ao seu corpo, a esse miserável «andrajo», que mais não seja por tanto o ter atormentado, os tratamentos desonrosos que a lei inflige aos piores malfeitores; e se os médicos de Londres acreditam que a ciência pode tirar algum benefício da análise do corpo de um comedor de ópio tão obstinado como ele foi, de boa vontade lhes lega o seu. Certas pessoas ricas de Roma cometiam a imprudência, depois de terem feito um legado ao príncipe, de se **obstinarem em viver**, como diz divertidamente Suetónio, e o César, que se dignara aceitar

o legado, sentia-se gravemente ofendido por essas existências indiscretamente prolongadas. Mas o **comedor de ópio** não teme da parte dos médicos chocantes sinais de impaciência. Sabe que deles só podem esperar-se sentimentos análogos aos seus, isto é, sentimentos que respondem ao puro amor da ciência que o leva a ele próprio a fazer o fúnebre dom dos seus preciosos despojos. Possa esse legado ser entregue num tempo infinitamente recuado; possa este penetrante escritor, este doente encantador até nas suas ironias, ser-nos conservado por mais tempo ainda que o frágil Voltaire, que, levou, como se diz, oitenta e quatro anos a morrer! (1)

(1) Enquanto escrevíamos estas linhas, chegou a Paris a notícia da morte de Thomas de Quincey. Formulávamos assim votos pela continuação deste destino glorioso, bruscamente cortado. O digno émulo e amigo de Wordsworth, de Coleridge, de Southey, de Charles Lamb, de Hazlitt e de Wilson deixa numerosas obras, sendo as principais: **Confessions of an english opium-eater; Suspiria de profundis; the Caesars; Literary reminiscences; Essays on the poets; Autobiographic sketches; Memorials; the Note book, Theological essays; Letters to a young man; Classic records reviewed or deciphered; Speculations, literary and philosophic, with german tales and other narrative papers; Klosterhelm, or the masqua; Logic of political economy (1844); Essays sceptical and antiseptical on problems neglected or misconceived**, etc. Deixa não apenas a reputação de um dos espíritos mais originais, mais verdadeiramente humorísticos da velha Inglaterra, mas também o de um dos caracteres mais afáveis, mais caridosos que honraram a história das letras, tal como o descreveu ingenuamente em **Suspiria de profundis**, cuja análise vamos empreender e cujo título colhe desta circunstância dolorosa um acento duplamente melancólico. M. de Quincey morreu em Edimburgo, com a idade de setenta e cinco anos.

Tenho diante dos olhos um artigo necrológico, datado de 17 de Dezembro de 1859, que pode dar matéria para algumas tristes reflexões. De um extremo ao outro

do mundo, a grande loucura da moral usurpa em todas as discussões literárias o lugar da pura literatura. Os Pontmartin e outros sermonários de salão atulham os jornais americanos e ingleses tanto como os nossos. Já a propósito das estranhas orações fúnebres que se seguiram à morte de Edgar Poe, tive ocasião de observar que o campo mortuário da literatura é menos respeitado do que o cemitério comum, onde um regulamento de polícia protege os túmulos contra os ultrajes **inocentes** dos animais.

Quero que o leitor imparcial seja juiz. Que o **comedor de ópio** nunca tenha prestado à **humanidade serviços positivos**, que nos importa? Se o seu livro é **belo**, devemos-lhe gratidão. Buffon, que em tal questão não é suspeito, pensava que uma volta de frase, uma nova maneira de bem dizer, tinham para o homem verdadeiramente espiritual uma utilidade maior do que as descobertas da ciência; por outros termos, que o **Belo** é mais nobre que o **Verdadeiro**?

Que De Quincey se tenha mostrado algumas vezes singularmente severo para os seus amigos, que autor, conhecendo o ardor da paixão literária, terá o direito de se surpreender? Ele maltratava-se cruelmente a si mesmo; e aliás, como em qualquer parte disse, e como antes dele o dissera Coleridge, a **malícia não vem sempre do coração**: há uma malícia da inteligência e da imaginação.

Mas eis agora a obra-prima da crítica. De Quincey quando jovem, fizera dom a Coleridge de uma parte considerável do seu património: «Sem dúvida isto é nobre e louvável. **ainda que imprudente**, diz o biógrafo inglês; mas devemos lembrar-nos de que veio um tempo em que, vítima do seu ópio, arruinada a saúde e desordenados os negócios, consentiu perfeitamente em aceitar a caridade dos amigos.» Se traduzimos bem, isto quer dizer que não devemos louvá-lo pela sua generosidade, uma vez que mais tarde usou a dos outros. O Gênio não descobre semelhantes rasgos. Para chegar a tanto, é preciso ser dotado do espírito invejoso e rabujento do crítico moralista. — C. B.

VI

O GÊNIO MENINO

As **Confissões** datam de 1822, e **Suspiria**, que as continua e completa, foi escrito em 1845. Razão por que o tom é, senão completamente diferente, pelo menos mais grave, mais triste, mais resignado. Percorrendo muitas e muitas vezes estas páginas singulares, não podia impedir-me de pensar nas diferentes metáforas de que se servem os poetas para descrever o homem regressado das batalhas da vida; é o velho marinheiro de dorso curvado, de rosto sulcado por uma rede inextricável de rugas, que aquece à lareira uma heróica carcaça salva de mil aventuras; é o viajante que regressa à noite para os campos que de manhã transpôs, e que se lembra, com enternecimento e tristeza, das mil fantasias de que o seu cérebro estava possuído enquanto atravessava essas terras, agora vaporizadas em horizontes. É o que de uma maneira geral eu chamaria o tom do **espectro**; acento, não sobre-natural, mas quase estranho à humanidade, metade terrestre e metade extra-terrestre, que encontramos algumas vezes nas **Mémoires d'outre-tombe**, quando a cólera e o orgulho ferido se calam e o desprezo do grande René pelas coisas da terra se torna absolutamente desinteressado.

A **Introdução de Suspiria** diz-nos que houve para o comedor de ópio, apesar de todo o heroísmo desenvolvido na sua paciente cura, uma segunda e uma terceira recaídas. É aquilo a que ele chama a **third prostration before the dark idol**. Mesmo omitindo as razões fisiológicas que alega como desculpa, como não ter governado com prudência bastante a sua abstinência, creio que a desgraça era fácil de prever. Mas desta vez já não se trata de luta nem de revolta. A luta e a revolta implicam sempre uma certa quantidade de esperança, ao passo que o desespero é mudo. Onde não há remédio, os maiores sofrimentos resignam-se. As portas, antes abertas para o regresso, fecharam-se, e o homem marcha com docilidade para o seu destino. **Suspiria de profundis!** Este livro tem um título adequado.

O autor já não insiste em persuadir-nos de que as **Confissões** haviam sido escritas, pelo menos em parte, com um objectivo de saúde pública. A intenção delas, diz-nos francamente, era mostrar a força do ópio para aumentar a faculdade natural do sonho. Sonhar magnificamente não é dom concedido a todos os homens, e, mesmo naqueles que o possuem, arrisca-se a ser cada vez mais diminuído pela dissipação moderna e pela turbulência do progresso material. A faculdade de sonho é uma faculdade divina e misteriosa; pois é pelo sonho que o homem comunica com o mundo tenebroso que o rodeia. Mas esta faculdade precisa de solidão para se desenvolver livremente; quanto mais o homem se concentra, mais apto está a sonhar amplamente, profundamente. Ora, que solidão é maior, mais calma, mais separada dos interesses terrestres, que a solidão criada pelo ópio?

As **Confissões** tinham-nos contado os acidentes de juventude que podiam ter legitimado

o uso do ópio. Mas existem aqui até agora duas lacunas importantes, uma que compreende os sonhos engendrados pelo ópio durante a permanência do autor na Universidade (a que chama as suas **Visões de Oxford**); a outra, o relato das suas impressões de infância. Assim, na segunda parte como na primeira, a biografia servirá para explicar e **verificar**, por assim dizer, as misteriosas aventuras do cérebro. É nas notas relativas à infância que encontraremos o germe dos estranhos sonhos do homem adulto, e, digamos melhor, do seu gênio. Todos os biógrafos compreenderam, de uma maneira mais ou menos completa, a importância dos casos ligados à infância de um escritor ou de um artista. Mas penso que esta importância nunca foi suficientemente afirmada. Muitas vezes, contemplando obras de arte, não na sua **materialidade** facilmente apreensível, nos hieróglifos demasiado claros dos contornos ou no sentido evidente dos temas, mas na alma de que são dotadas, na impressão atmosférica que comportam, na luz ou nas trevas espirituais que vertem sobre as nossas almas, senti entrar em mim como que uma visão da infância dos seus autores. Um pequeno desgosto, um pequeno prazer de criança, desmedidamente aumentados por uma requintada sensibilidade, tornam-se mais tarde, no homem adulto, mesmo sem ele saber, o princípio de uma obra de arte. Finalmente, para me exprimir de maneira mais concisa, não seria fácil provar, por comparação filosófica entre as obras de um artista maduro e o estado da sua alma quando criança, que o gênio não é mais do que a infância nitidamente formulada, dotada agora, para se exprimir, de órgãos viris e poderosos? No entanto, não tenho a pretensão de entregar esta ideia

à fisiologia para algo mais que uma pura conjectura.

Vamos pois analisar rapidamente as principais impressões da infância do comedor de ópio, a fim de tornar mais inteligíveis os sonhos que em Oxford eram o alimento comum do seu cérebro. O leitor não deve esquecer que é um velho que conta a sua infância, um velho que, reentrando na infância, raciocina ainda com sutileza, e que, enfim, esta infância, princípio dos sonhos posteriores, é revista e considerada através do meio mágico desse sonho, isto é, das transparentes espessuras do ópio.



## VII

### DESGOSTOS DE INFANCIA

Ele e as suas três irmãs eram muito novos quando o pai morreu, deixando à mãe uma abundante fortuna, uma verdadeira fortuna de negociante inglês. O luxo, o bem-estar, a vida larga e magnífica são condições muito favoráveis ao desenvolvimento da sensibilidade natural da criança. «Não tendo mais camaras das que três inocentes irmãzinhas, dormindo mesmo sempre com elas, fechado num belo e silencioso jardim, longe de todos os espectáculos da pobreza, da opressão e da injustiça, não podia, diz, imaginar a verdadeira compleição deste mundo.» Mais de uma vez agradeceu à Providência este privilégio incomparável, não apenas o de ter sido criado no campo e na solidão, «mas ainda o de ter tido os seus primeiros sentimentos modelados pelas mais meigas das irmãs, e não por horríveis irmãos sempre prontos para o soco, **horrid pugilistic brothers**». Com efeito, os homens que foram criados pelas mulheres e entre as mulheres não se parecem com os outros homens, supondo mesmo a igualdade no temperamento ou nas faculdades espirituais. O embalço das amas, os mimos maternos, os afagos das irmãs, sobretudo de irmãs mais velhas, espécie de mães diminutivas, trans-

formam, por assim dizer, afeiçãoando-a, a massa masculina. O homem que desde o princípio viveu longamente banhado na macia atmosfera da mulher, no odor das suas mãos, do seu seio, dos seus joelhos, da sua cabeleira, das suas roupas brandas e flutuantes,

### Dulce balneum suavibus Ungentatum odoribus,

contraiu ali uma delicadeza de epiderme e uma distinção de acento, uma espécie de androgonidade, sem os quais o génio mais rude e mais viril se mantém, relativamente à perfeição na arte, um ser incompleto. Finalmente, quero dizer que o gosto precoce do **mundo** feminino, **mundi muliebris**, de todo esse aparato ondulante, cintilante e perfumado, faz os génios superiores; e estou convencido de que a minha inteligente leitora absolve a forma quase sensual das minhas expressões, como aprova e compreende a pureza do meu pensamento.

Jane foi a primeira a morrer. Mas para o irmãozinho a morte não era ainda uma coisa inteligível. Jane estava apenas ausente; ela voltaria sem dúvida. Uma criada, encarregada de assisti-la durante a doença, tratara-a um pouco duramente dois dias antes da morte. O caso espalhou-se na família, e, a partir desse momento, o rapazinho nunca mais pôde olhar a criada de frente. Logo que esta aparecia, ele punha os olhos no chão. Não era cólera, não era o espírito de vingança que dissimula, era simplesmente o pavor; a sensitiva que se retira a um contacto brutal; terror e pressentimento ligados, era o efeito produzido pela horrível verdade, pela primeira vez revelada, de que este mundo é um mundo de desgraça, de luta e de proscricão.

A segunda ferida do seu coração de criança não foi tão fácil de cicatrizar. Por sua vez, depois de um intervalo de alguns anos felizes, morreu a querida, a nobre Elisabeth, inteligência tão nobre e tão precoce que sempre lhe parece, quando evoca o seu suave fantasma nas trevas, ver em redor da sua vasta fronte uma auréola ou uma tiara de luz. O anúncio do fim próximo desta criatura amada, mais velha que ele dois anos, e que já ganhara sobre o seu espírito tanta autoridade, encheu-o de um desespero indescritível. No dia que se seguiu à morte, como a curiosidade da ciência não violara ainda o tão precioso despojo, resolveu tornar a ver a irmã. «Nas crianças, o desgosto tem horror à luz e foge dos olhares humanos.» Por isso essa visita suprema devia ser secreta e sem testemunhas. Era meio-dia, e quando ele entrou no quarto, os seus olhos apenas encontraram a princípio uma vasta janela, aberta de par em par, pela qual um ardente sol de Verão precipitava todos os esplendores. «A temperatura era seca, o céu sem nuvens; as profundidades azuladas surgiam como um tipo perfeito de infinito, e não era possível aos olhos contemplarem, nem ao coração conceber símbolo mais patético da vida e da glória na vida.»

Uma grande desgraça, uma desgraça irreparável que nos fira na estação bela do ano, tem, dir-se-ia, um carácter mais funesto, mais sinistro. A morte, notámo-lo já, creio, na análise das **Confissões**, afecta-nos mais profundamente sob o reinado pomposo do Verão. «Produz-se então uma antítese terrível entre a profusão tropical da vida exterior e a negra esterilidade do túmulo. Os nossos olhos vêem o Verão, e o nosso pensamento visita o túmulo; a gloriosa claridade está em redor de nós, e

em nós estão as trevas. E estas duas imagens, entrando em colisão, transmitem-se reciprocamente uma força exagerada.» Mas para a criança, que será mais tarde um erudito cheio de espírito e de imaginação, para o autor das **Confessions** e de **Suspiria**, uma outra razão além deste antagonismo ligara já fortemente a imagem do Verão à ideia da morte — razão tirada de relações íntimas entre as paisagens e os acontecimentos descritos nas Sagradas Escrituras. «A maior parte dos pensamentos e dos sentimentos profundos vêm-nos, não directamente e nas suas formas nuas e abstractas, mas através das combinações complicadas de objectos concretos.» Assim, a Bíblia, que uma criada nova lia às crianças nos longos e solenes serões de Inverno, contribuíra fortemente para unir estas duas ideias na sua imaginação. Esta rapariga, que conhecia o Oriente, explicava-lhes os climas, assim como os numerosos cambiantes dos verões que os compõem. Fora sob um clima oriental, num desses países que parecem contemplados com um Verão eterno, que um justo, que era mais que um homem, sofrera a sua **paixão**. Fora evidentemente no Verão que os discípulos arrancaram as espigas de trigo. Não fornecia também o domingo de Ramos, **Palm Sunday**, alimento a este devaneio? **Sunday**, dia do repouso, imagem de um repouso mais profundo, inacessível ao coração do homem; **palm**, palma, uma palavra que implica ao mesmo tempo as pompas da vida e as da natureza estival! O maior acontecimento de Jerusalém estava próximo quando chegou o domingo de Ramos; e o lugar da acção, que esta festa recorda, era vizinho de Jerusalém. Jerusalém, que passou a ser, como Delfos, o umbigo ou centro da Terra, pode, pelo menos, passar a ser o centro da mortalidade. Porque se lá a

Morte foi calcada a pés, também lá abriu a sua mais sinistra cratera.

Foi pois perante um magnífico Verão inundando cruelmente a câmara mortuária, que ele, pela última vez, contemplou os traços da amada defunta. Ouvira dizer em casa que as feições não tinham sido alteradas pela morte. A fronte era a mesma, mas as pálpebras geladas, os lábios pálidos, as mãos inteiriçadas, chocaram-no horrivelmente; e enquanto imóvel a olhava, um vento solene ergueu-se e começou a soprar violentamente, «o vento mais melancólico, diz, que alguma vez ouvi». Muitas vezes, desde então, durante os dias de Verão, no momento em que o sol está mais quente, ouviu erguer-se o mesmo vento, «dilatando a sua mesma voz profunda, solene, memnoniana (1), religiosa». É, acrescenta, o único símbolo da eternidade que é dado ao ouvido humano distinguir. E três vezes na sua vida ouviu o mesmo som, nas mesmas circunstâncias, entre uma janela aberta e o cadáver de uma pessoa morta num dia de Verão.

De súbito, os seus olhos, deslumbrados pelo brilho da vida exterior e comparando a pompa e a glória dos céus com o gelo que cobria o rosto da morta, tiveram uma estranha visão. Uma galeria, uma abóbada pareceu abrir-se através do azul, — um caminho prolongado até ao infinito. E sobre as vagas azuis o seu espírito elevou-se: e essas vagas e o seu espírito puseram-se a correr para o trono de Deus; mas o trono fugia sem cessar diante da sua ardente perseguição. Neste singular êxtase, adormeceu; e quando retomou posse de si mesmo,

---

(1) De Memnon. Os Colossos de Memnon, no Egipto, eram estátuas colossais que os raios do sol tornavam sonoras. — (N. do T.)

achou-se sentado junto do leito da irmã. Assim a criança solitária, esmagada pelo seu primeiro desgosto, voara para Deus, o solitário por excelência. Assim o instinto, superior a toda a filosofia, lhe fizera encontrar num sonho celeste alívio momentâneo. Julgou ouvir então passos na escada, e temendo, se ali o surpreendessem, que viessem a impedi-lo de voltar, beijou à pressa os lábios da irmã e retirou-se com cuidado. No dia seguinte, os médicos vieram para examinar o cérebro; ignorava o fim da visita, e, algumas horas depois de se terem retirado, tentou introduzir-se de novo no quarto; mas a porta estava fechada e a chave fora retirada. Pouparam-no a ver, desonrados pelas devastações da ciência, os restos daquela de quem guardou assim intacta uma imagem tranquila, imóvel e pura como o mármore ou o gelo.

E depois veio o funeral, nova agonia; o sofrimento do trajecto de carruagem com os indiferentes que conversavam acerca de matérias absolutamente estranhas à sua dor; as terríveis harmonias do órgão, e toda aquela solenidade cristã, demasiado esmagadora para uma criança, que as promessas de uma religião que elevava a irmã ao céu não consolavam de a ter perdido na terra. Na igreja recomendaram-lhe que mantivesse um lenço contra os olhos. Precisaría ele de afectar uma postura fúnebre e de representar as lágrimas, ele que mal se podia segurar nas pernas? A luz inflamava os vitrais coloridos onde os apóstolos e os santos ostentavam a sua glória; e, nos dias que se seguiram, quando o levavam aos officios, os seus olhos, fitos na parte não colorida dos vitrais, viam constantemente as nuvens em flocos no céu, sobre as quais repousavam cabeças de crianças, sofredoras, chorosas, moribundas. Esses leitos pouco a

pouco erguiam-se no céu, e subiam para o Deus que tanto amara as crianças. Mais tarde, muito tempo depois, três passagens do serviço fúnebre, que ouvira certamente, mas que não escutara, ou que lhe haviam revoltado a dor com as suas severas consolações, representaram-se-lhe na memória, com o seu sentido misterioso e profundo, falando de libertação, de ressurreição e de eternidade, e tornaram-se para ele tema frequente de meditação. Mas, muito antes dessa época, apaixonou-se pela solidão desse gosto violento que mostram todas as paixões profundas, sobretudo as que não querem ser consoladas. Os vastos silêncios do campo, os varões crivados de uma luz esmagadora, as tardes brumosas, enchiam-no de uma perigosa volúpia. Os seus olhos perdiam-se no céu e na névoa à procura de qualquer coisa que não se podia encontrar, e prescrutavam obstinadamente as profundezas azuis para descobrir nelas uma imagem querida, a quem talvez, por privilégio especial, fora permitido manifestar-se ainda uma vez. É com grande pesar meu que abrevio a parte, excessivamente longa, que contém o relato desta dor profunda, sinuosa, sem saída, como um labirinto. A natureza inteira é aí invocada, e cada objecto torna-se por sua vez **representativo** da ideia única. Esta dor, de vez em quando, faz romper flores lúgubres e garridas, ao mesmo tempo tristes e ricas; os seus acentos funebremente apaixonados transformam-se muitas vezes em **concetti** (1). Não tem o próprio luto os seus adornos? E não é apenas a sinceridade deste enternecimento que comove o espírito; para o crítico é também prazer singular e novo ver desabrochar aqui o misti-

(1) Em italiano, no original. **Concetti**, conceitos.

cismo ardente e delicado que só floresce em geral no jardim da Igreja romana. — Finalmente, chegou uma época em que esta sensibilidade mórbida, alimentando-se exclusivamente de uma recordação, e este gosto imoderado da solidão podiam transformar-se em perigo positivo; uma dessas épocas decisivas, críticas, em que a alma desolada diz consigo: «Se aqueles a quem amamos já não podem vir a nós, que nos impede de ir para eles?», em que a imaginação, obsidiada, fascinada, sofre com delícia **as sublimes atracções do túmulo**. Felizmente chegara a idade do trabalho e das distrações forçadas. Era preciso carregar a primeira canga da vida e preparar-se para os estudos clássicos.

Nas páginas seguintes, embora mais animadas, encontramos ainda o mesmo espírito de ternura feminina, aplicada agora aos animais, esses interessantes escravos do homem, aos gatos, aos cães, a todos os seres que podem ser facilmente forçados, oprimidos, acorrentados. Aliás, pela sua alegria descuidada, pela sua simplicidade, não será o animal uma espécie de representação da infância do homem? A ternura do jovem sonhador, desviando-se para novos objectos, mantinha-se fiel ao seu carácter primitivo. Sob formas mais ou menos perfeitas, amava ainda a fraqueza, a inocência e a candura. Entre as marcas e os caracteres principais que o destino imprimira nele, há que notar também uma delicadeza de consciência excessiva, que, junta à sua sensibilidade mórbida, servia para aumentar desmedidamente os factos mais vulgares, e para tirar das mais ligeiras faltas, imaginárias mesmo, terrores desgraçadamente bem reais. Finalmente, imagine-se uma criança desta natureza, privada do objecto da sua primeira e maior afeição, enamorada da solidão e sem confidente. Che-

gado a este ponto, o leitor compreenderá perfeitamente que alguns dos fenómenos desenvolvidos no teatro dos sonhos devem ter sido repetição das provações dos seus primeiros anos. O destino lançara a semente; o ópio fê-la frutificar e transformou-a em vegetações estranhas e abundantes. As coisas da infância, para me servir de uma metáfora que pertence ao autor, tornaram-se o coeficiente natural do ópio. Esta faculdade prematura, que lhe permitia idealizar todas as coisas e dar-lhes proporções sobrenaturais, cultivada, exercida longamente na solidão, viria a produzir em Oxford, sobreactivada pelo ópio, resultados grandiosos e insólitos mesmo para a maior parte dos jovens da sua idade.

O leitor lembra-se das aventuras do nosso herói em Gales, dos seus sofrimentos em Londres e da reconciliação com os tutores. Ei-lo agora na Universidade, fortalecendo-se no estudo, mais inclinado do que nunca para o devaneio, e tirando da substância que, como dissemos, conhecera em Londres por causa de dores nevrálgicas, um adjuvante generoso e potente para as suas faculdades precocemente sonhadoras. A partir daí, a sua primeira existência entrou na segunda, e confundiu-se com ela para fazer apenas um todo tão íntimo como anormal. Ocupou a nova vida em reviver a primeira. Quantas vezes reviu, nos descansos da escola, o quarto fúnebre onde repousava o cadáver da irmã, a luz do Verão e o gelo da morte, o caminho aberto ao êxtase através da abóbada dos céus azuis; e depois, o padre de sobrepeliz branca ao lado de um túmulo aberto, a urna descendo para a terra, e **o pé dado ao pé**; finalmente, os santos, os apóstolos e os mártires do vitral, iluminados pelo sol e fazendo uma moldura magnífica aos leitos brancos, aos lindos berços de crianças

que, com os graves sons do órgão, ascendiam para o céu! Reviu tudo isto, mas reviu-o com variações, floreios, cores mais intensas ou mais vaporosas; reviu todo o universo da sua infância, com a riqueza poética que lhe juntava agora um espírito culto, já subtil, e habituado a tirar os seus maiores prazeres da solidão e da lembrança.

## VIII

### VISÕES DE OXFORD

#### O PALIMPSESTO

«Que é o cérebro humano senão um palimpsesto imenso e natural? O meu cérebro é um palimpsesto e o vosso também, leitor. Inúmeras camadas de ideias, de imagens, de sentimentos caíram sucessivamente sobre o vosso cérebro, tão suavemente como a luz. Cada uma parecia sepultar a anterior. Mas, na realidade, nenhuma pereceu.» Todavia, entre o palimpsesto que apresenta, sobrepostas uma na outra, uma tragédia grega, uma lenda mênade e uma história de cavalaria, e o palimpsesto divino criado por Deus, que é a nossa incomensurável memória, há a diferença de que no primeiro existe como que um caos fantástico, grotesco, uma colisão entre elementos heterogêneos, ao passo que no segundo a fatalidade do temperamento põe forçosamente uma harmonia entre os elementos mais díspares. Por mais incoerente que seja uma existência, a unidade humana não é perturbada. Todos os ecos da memória, se se pudessem acordar simultaneamente, formariam um concerto, agradável ou doloroso, mas lógico e sem dissonâncias.

Muitas vezes, seres surpreendidos por um acidente súbito, sufocados bruscamente pela água, e em perigo de morte, viram acender-se

no cérebro todo o teatro da sua vida passada. O tempo foi aniquilado, e alguns segundos bastaram para conter uma quantidade de sentimentos e de imagens equivalentes a anos. E o que há de mais singular nesta experiência que o acaso preparou mais de uma vez, não é a simultaneidade de tantos elementos que foram sucessivos, é a reaparição de tudo o que o próprio ser já não conhecia, mas que é no entanto obrigado a reconhecer como seu. O esquecimento é apenas momentâneo; e em tais circunstâncias solenes, na morte talvez, e geralmente nas excitações intensas criadas pelo ópio, todo o imenso e complicado palimpsesto da memória se desenrola de uma só vez, com todas as suas camadas sobrepostas de sentimentos defuntos, misteriosamente embalsamados naquilo a que chamamos esquecimento.

Um homem de génio, melancólico, misantropo, querendo vingar-se da injustiça do seu século, lança um dia ao lume todas as suas obras ainda manuscritas. E como lhe censurassem este terrível holocausto feito ao ódio, que, aliás, era o sacrifício de todas as suas próprias esperanças, respondeu: «Que importa? o que era importante, era que estas coisas fossem criadas; foram criadas, logo são.» Atribuía a toda a coisa criada um carácter indestrutível. Como esta ideia se aplica, mais evidentemente ainda, a todos os nossos pensamentos, a todas as nossas acções, boas ou más! E se nesta crença há qualquer coisa de infinitamente consolador, no caso em que o nosso espírito se volta para essa parte de nós próprios que podemos contemplar com complacência, não há também qualquer coisa de infinitamente terrível, no caso futuro, inevitável, que o nosso espírito se voltará para essa parte de nós próprios que só podemos

enfrentar com horror? No espiritual, tal como no material, nada se perde. Do mesmo modo que toda a acção, lançada no turbilhão da acção universal, é em si irrevogável e irreparável, abstraindo dos seus resultados possíveis, todo o pensamento é inapagável. O palimpsesto da memória é indestrutível.

«Sim, leitor, inúmeros são os poemas de alegria ou de desgosto que se gravaram sucessivamente no palimpsesto do vosso cérebro, e como as folhas das florestas virgens, como as neves indissolúveis do Himalaia, como a luz que cai sobre a luz, as suas camadas incessantes acumularam-se e, cada uma de sua vez, são recobertas de esquecimento. Mas à hora da morte, ou na febre, ou nas indagações do ópio, todos esses poemas podem reganhar vida e força. Não estão mortos, dormem. Crê-se que a tragédia grega foi expulsa e substituída pela lenda do monge, a lenda do monge pelo romance de cavalaria; mas não é assim. A medida que o ser humano avança na vida, o romance que, mancebo, o deslumbrava, a lenda fabulosa que, criança, o seduzia, murcham e obscurem-se por si mesmos. Mas as profundas tragédias da infância — braços de crianças arrancados para sempre do pescoço das mães, lábios de crianças separados para sempre dos beijos das irmãs, — vivem sempre escondidas, sob as outras lendas do palimpsesto. A paixão e a doença não têm química com poder bastante para queimarem estas imortais impressões.»

LEVANA E AS NOSSAS  
NOSSA SENHORA DAS TRISTEZAS

«Muitas vezes, em Oxford, vi Levana nos meus sonhos. Conhecia-a pelos seus símbo-

los romanos.» Mas quem é Levana? Era a deusa romana que presidia às primeiras horas da criança, que lhe conferia, por assim dizer, a dignidade humana. «Na ocasião do nascimento, quando a criança provava pela primeira vez a atmosfera perturbada do nosso planeta, punham-na no chão. Mas quase logo, com medo que uma tão grande criatura ras-tejasse no solo mais do que um instante, o pai, como mandatário da deusa Levana, ou qualquer próximo parente, levantava-o ao ar, ordenava-lhe que olhasse para cima, como sendo o rei deste mundo; e apresentava a fronte da criança às estrelas, dizendo-lhes talvez em seu coração: «Contemplai aquele que é maior que vós!» Este acto simbólico representava a função de Levana. E esta deusa misteriosa, que nunca mostrou as suas feições (excepto a mim, nos meus sonhos), e que sempre agiu por delegação, tira o seu nome do verbo latino **levare**, erguer ao ar, manter elevado.»

Naturalmente, várias pessoas entenderam por Levana o poder tutelar que vigia e rege a educação das crianças. Mas não penseis que se trate aqui dessa pedagogia que reina apenas com alfabetos e gramáticas; deve-se pensar sobretudo «nesse vasto sistema de forças centrais que está escondido no seio profundo da vida humana e que trabalha incessantemente as crianças, ensinando-lhes sucessivamente a paixão, a luta, a tentação, a energia da resistência». Levana enobrece o ser humano por quem vela, mas com meios cruéis. É dura e severa essa boa ama, e entre os processos que usa para aperfeiçoar a criatura humana, aquele que sobre todos prefere, é a dor. Três deusas lhe estão submetidas, que emprega em seus designios misteriosos. Assim como há três Graças, três Parcas, três

Fúrias, como primitivamente havia três Musas, também há três deusas da tristeza. São as nossas **Nossa Senhora das Tristezas**.

«Vi-as muitas vezes conversando com Levana, e algumas vezes mesmo conversando comigo. Então, elas falam? Oh! não. Estes poderosos fantasmas desdenham as insuficiências da linguagem. Podem proferir palavras através dos órgãos do homem, quando habitam num coração humano; mas, entre si, não se servem da voz; não emitem sons; um eterno silêncio reina nos seus reinos... A mais velha das três irmãs chama-se **Mater Lachrymarum**, ou Nossa Senhora das Lágrimas. É ela que, noite e dia, divaga e geme, invocando rostos desaparecidos. Era ela que estava em Roma, quando se ouviu uma voz lamentar-se, a de Raquel chorando os filhos e recusando-se a ser consolada. Estava também em Belém, na noite em que a espada de Herodes varreu todos os inocentes para fora dos seus abrigos... Os seus olhos são ora meigos e agudos, assustados e adormecidos, erguendo-se muitas vezes para as nuvens, muitas vezes acusando os céus. Traz um diadema na cabeça. E sei por lembranças da infância que pode viajar nos ventos quando ouve o soluço das litânicas ou o trovão do órgão, ou quando contempla os desabamentos das nuvens de Verão. Esta irmã mais velha traz à cinta chaves tão poderosas como as chaves papais, com as quais abre todas as cabanas e todos os palácios. Foi ela, sei-o eu, que, todo o Verão passado, ficou à cabeceira do mendigo cego, aquele com quem eu gostava tanto de conversar, e cuja piedosa filha, de oito anos, de rosto luminoso, resistia à tentação de se juntar à alegria do burgo, para errar todo o dia pelas estradas poeirentas com o seu aflito pai. Por isto, Deus lhe enviou

uma grande recompensa. Na Primavera do ano, e quando ela própria começava a florir, chamou-a a si. Seu pai cego continua a chorá-la, e sempre à meia-noite sonha que segura ainda na mão a mãozinha que o guiava, e sempre acorda nas **trevas** que são agora novas e mais profundas trevas... É com a ajuda destas chaves que Nossa Senhora das Lágrimas se introduz, fantasma tenebroso, nos quartos dos homens que não dormem, das mulheres que não dormem, das crianças que não dormem, desde o Ganges ao Nilo, desde o Nilo ao Mississipi. E como foi a primeira a nascer e porque possui o império mais vasto, honramo-la com o título de Madona.

«A segunda irmã chama-se **Mater Suspiriorum**, Nossa Senhora dos Suspiros. Nunca escala as nuvens e nunca passeia sobre os ventos. Na sua fronte, não há diadema. Os seus olhos, se pudéssemos vê-los, não pareceriam nem meigos nem agudos; neles não se poderia decifrar nenhuma história; apenas se encontraria uma massa confusa de sonhos meio mortos e os restos de um delírio esquecido. Nunca levanta os olhos; a sua cabeça, toucada de um turbante em farrapos, cai constantemente, e constantemente olha para o chão. Não chora, não geme. De vez em quando, suspira ininteligivelmente. Sua irmã, a Madona, é algumas vezes tempestuosa e frenética, delira contra o céu e reclama os seus bem-amados. Mas Nossa Senhora dos Suspiros não grita nunca, não acusa nunca, nunca sonha com revoltas. É humilde até à **abjecção**. A sua doçura é a dos seres sem esperança... Se algumas vezes murmura, é em lugares solitários, desolados como ela, em cidades arruinadas, e quando o sol desceu ao seu repouso. Esta irmã é a visitadora do Pária, do Judeu, do escravo que rema nas



galeras; ...da mulher sentada nas trevas, sem amor para abrigar a cabeça, sem esperança para iluminar a solidão; ...de todo o cativo na sua prisão; de todos aqueles que são traídos e de todos os que são repelidos; dos que são proscritos pela lei da tradição, e dos filhos da desgraça hereditária. Todos são acompanhados por Nossa Senhora dos Suspiros. Também ela traz uma chave, mas não precisa dela. Porque o seu reino está sobretudo entre as tendas de Sem e dos vagabundos de todos os climas. No entanto, nas mais altas condições da humanidade encontra alguns altares, e mesmo na gloriosa Inglaterra há homens que, perante o mundo, erguem a cabeça tão orgulhosamente como uma rena e que, secretamente, receberam a sua marca na frente.

«Mas a terceira irmã, que é também a mais nova!... Psiu! falemos dela em voz baixa. O seu domínio não é grande; ou então nenhuma carne poderia viver; mas sobre esse domínio o seu poder é absoluto... Apesar do triplo véu de crepe com que envolve a cabeça, por mais erguida que a traga, pode ver-se debaixo a luz selvagem que se escapa dos seus olhos, luz de desespero sempre flamejante, manhã e noite, ao meio-dia como à meia-noite, à hora do fluxo como à hora do refluxo. Esta desafia Deus. É também a mãe das demências e a conselheira dos suicídios... A Madona caminha com um passo irregular, rápido ou lento, mas sempre com uma graça trágica... Nossa Senhora dos Suspiros desliza timidamente e com cuidado. Mas a mais nova das irmãs move-se com movimentos impossíveis de prever; salta; tem pulos de tigre. Não usa chave; porque embora visite raramente os homens, quando lhe é permitido aproximar-se de uma

porta, apodera-se dela de assalto e mete-a dentro. E o seu nome é **Mater Tenebrarum**, Nossa Senhora das Trevas.

«Tais eram as Euménides ou **Graciosas Deusas** (como dizia a antiga lisonja inspirada pelo temor) que assombravam os meus sonhos em Oxford. A Madona falava com a sua mão misteriosa. Tocava-me na cabeça; chamava com o dedo Nossa Senhora dos Suspiros, e os seus sinais, que nenhum homem pode ler, excepto em sonho, podiam traduzir-se assim: «Vê! aqui o tens, aquele que na infância consagrei aos meus altares. Foi dele que fiz meu favorito. Perdi-o, seduzi-o, e do alto do céu atraí o seu coração para o meu. Por mim, tornou-se idólatra; por mim cheio de desejos e langores, adorou o verme da terra e dirigiu as suas preces ao túmulo vermiculoso. Sagrado para ele era o túmulo; amáveis eram as suas trevas; santa a sua corrupção. Este jovem idólatra preparei-o eu para ti, querida e meiga Irmã dos Suspiros! Toma-o agora sobre o teu coração, e prepara-o para a nossa terrível Irmã. E tu — dirigindo-se para a **Mater Tenebrarum** — recebe-o dela por tua vez. Faze que o teu ceptro seja pesado sobre a sua cabeça. Não consintas que uma mulher, com a sua ternura, venha sentar-se junto dele na sua noite. Expulsa todas as fraquezas da esperança, seca os bálsamos do amor, queima a fonte das lágrimas; amaldiçoa-o como só tu sabes amaldiçoar. Assim será tornado perfeito na fornalha; assim verá as coisas que não deveriam ser vistas, os espectáculos abomináveis e os segredos que são indizíveis. Assim lerá as terríveis verdades, as tristes verdades, as grandes, terríveis verdades. Assim ressuscitará antes de ser morto. E a nossa missão que recebemos de Deus

será cumprida, e que é atormentar o seu coração até que tenhamos desenvolvido as faculdades do seu espírito.»

### O ESPECTRO DO BROCKEN

Por um belo domingo de Pentecostes, subamos ao Brocken. Deslumbrante aurora sem nuvens! Contudo, Abril lança por vezes as suas últimas incursões na estação renovada, e rega-a com as suas caprichosas bâtegas. Atinjam os alto da montanha; uma manhã assim promete-nos mais possibilidades de ver o famoso Espectro do Brocken. Este espectro viveu tanto tempo com os feiticeiros pagãos, assistiu a tantas negras idolatrias, que o seu coração talvez tenha sido corrompido, e a sua fé abalada. Fazei primeiro o sinal da cruz, como prova, e olhai atentamente se consente em repeti-lo. Com efeito, repete-o: mas a rede dos aguaceiros que avança confunde a forma dos objectos e dá-lhe o ar de um homem que só com repugnância cumpre o seu dever e de uma maneira evasiva. Recomeçai a prova, «colhei uma dessas anémonas a que davam dantes o nome de **flores de feiticeiro**, e que desempenhavam talvez o seu papel nos ritos horríveis do medo. Colocai-a sobre essa pedra que imita a forma de um altar pagão; ajoelhai-vos, e, levantando a mão direita, dizei: Pai nosso, que estais no céu!... eu, vosso servo, e este negro fantasma de quem fiz, neste dia de Pentecostes, meu servo por uma hora, trazemo-vos as nossas homenagens reunidas a este altar restituído ao verdadeiro culto! — Vede! a aparição colhe uma anémona e pousa-a sobre o altar; ajoelha, levanta a mão direita para Deus. É certo que é muda;

mas os mudos podem servir a Deus de uma maneira muito aceitável.»

Todavia, pensareis talvez que este espectro, acostumado de velha data a uma devoção cega, se presta a obedecer a todos os cultos, e que o seu servilismo natural torna a homenagem insignificante. Procuremos pois outro meio de verificar a natureza deste ser singular. Suponho que, na vossa infância, tereis suportado alguma dor inefável, atravessado um desespero incurável, uma dessas desolações mudas que choram por trás de um véu, como a Judeia das medalhas romanas, tristemente sentada debaixo da sua palmeira. Velaí a vossa cabeça em comemoração dessa grande dor. O fantasma do Brocken cobriu também a cabeça, como se tivesse um coração de homem e como se quisesse exprimir por meio de um símbolo silencioso a lembrança de uma dor demasiado grande para se exprimir por meio de palavras. «Esta prova é decisiva. Sabeis agora que a aparição não é mais do que o vosso próprio reflexo, e que dirigindo ao fantasma a expressão dos vossos secretos sentimentos, fazeis dele o espelho simbólico em que se reflecte à claridade do dia o que doutro modo estaria escondido para sempre.»

O comedor de ópio tem também junto de si um Sombrio Intérprete, que está, relativamente ao seu espírito, na mesma relação que o fantasma do Brocken perante o viajero. Este é algumas vezes turvado por tempestades, nevoeiros e chuvas; do mesmo modo o Misterioso Intérprete junta algumas vezes à sua natureza de reflexo elementos estranhos. «O que diz geralmente não é senão o que acordado a mim mesmo disse, em meditações bastante profundas para deixar a sua marca no meu coração. Mas algumas vezes

as suas palavras alteram-se como o seu rosto, e não me parecem aquelas de que mais facilmente me teria servido. Nenhum homem pode contar tudo quanto acontece nos sonhos. Creio que este fantasma é geralmente uma fiel representação de mim mesmo; mas também, de tempos a tempos, é sujeito à acção do bom Fantasus, que reina sobre os sonhos.» Poder-se-ia dizer que tem algumas relações com o coro da tragédia grega, que exprime frequentemente os pensamentos secretos da principal personagem, secretos para si mesmo ou imperfeitamente desenvolvidos, e apresenta-lhe comentários, proféticos ou relativos ao passado, próprios para justificar a Providência ou acalmar a energia da sua angústia, tal como o próprio infeliz teria encontrado se o seu coração lhe tivesse dado tempo para meditar.

#### SAVANNAH-LA-MAR

A esta galeria melancólica de pinturas, vastas e movediças alegorias da tristeza, em que encontro (ignoro se o leitor que delas apenas vê um resumo pode experimentar a mesma sensação) um encanto musical ao mesmo tempo que pitoresco, vem juntar-se um trecho que pode considerar-se como o final de uma larga sinfonia.

«Deus feriu Savannah-la-Mar, e numa noite fê-la descer, com todos os seus monumentos ainda de pé e a sua população adormecida, dos alicerces sólidos da costa para o leito de coral do Oceano. Deus disse: «Sepultei Pompeia, e escondi-a aos homens durante dezasete séculos; sepultarei esta cidade, mas não a esconderei. Será para os homens um monumento da minha misteriosa cólera, fixado

durante as gerações vindouras numa luz azul; porque a engastarei no domo cristalino dos meus mares tropicais.» E muitas vezes nas calmas límpidas, através da transparência das águas, os marinheiros que passam vêem a cidade silenciosa, que se diria conservada sob um sino, e podem percorrer com o olhar as praças, os terraços, contar as portas e os campanários das igrejas: «Vasto cemitério que fascina os olhos como uma revelação fádica da vida humana, persistindo nos retiros submarinos, ao abrigo das tempestades que atormentam a nossa atmosfera.» Muitas vezes, com o seu Negro Intérprete, muitas vezes em sonho visitou a solidão inviolada de Savannah-la-Mar. Olhavam ambos os campanários, onde os sinos imóveis esperavam em vão casamentos para proclamar; aproximavam-se do órgão que não celebravam mais as alegrias do céu nem as tristezas do homem; juntos visitavam os silenciosos dormitórios onde todas as crianças dormiam há cinco gerações.

«Esperam a alvorada celeste — diz baixinho consigo mesmo o Negro Intérprete, — e quando essa alvorada surgir, os sinos e os órgãos lançarão um canto de júbilo repetido pelos ecos do Paraíso. — E depois, virando-se para mim, dizia: «Isto é melancólico e deplorável; mas uma calamidade menor não teria bastado para os desígnios de Deus. Compreende bem... O tempo presente reduz-se a um ponto matemático, e esse mesmo ponto matemático parece mil vezes antes que tenhamos podido afirmar o seu nascimento. No presente, tudo é finito, e igualmente esse finito é infinito na velocidade da sua fuga para a morte. Mas em Deus nada há de finito; em Deus nada há de transitório; em Deus nada há que tenda para a morte. Daqui se conclui que para Deus o presente não existe. Para

Deus, o presente é o futuro, e é pelo futuro que sacrifica o presente do homem. É por isso que opera pelo tremor de terra. É por isso que opera pela dor. Oh! profunda é a lavra do tremor de terra! Oh! profunda (e aqui a sua voz inchava como um **sanctus** que se ergue do coro de uma catedral) é a lavoira da dor! mas menos do que isto não chega para a agricultura de Deus. Sobre uma noite de tremores de terra, constrói ele ao homem agradáveis habitações para mil anos. Da dor de uma criança tira gloriosas vindimas espirituais que, doutro modo, não poderiam ser colhidas. Com charruas menos cruéis, o solo refractário não teria sido removido. À terra, nosso planeta, ao habitáculo do homem, é necessário o abalo; e a dor é mais necessária ainda porque é a mais poderosa ferramenta de Deus; — sim (e olhava-me com ar solene), a dor é indispensável aos filhos misteriosos da Terra!»

## IX

## CONCLUSÃO

Estes longos devaneios, estes quadros poéticos, apesar do seu carácter simbólico geral, ilustram **melhor**, para um leitor inteligente, o carácter moral do nosso autor do que o poderiam fazer relatos ou notas biográficas. Na última parte de **Suspiria**, faz ainda, como de gosto, um retorno aos anos já distantes, e o que é verdadeiramente precioso, neste como noutros casos, não é o facto, mas o comentário, muitas vezes negro, amargo, desolado; pensamento solitário, que aspira a voar para longe deste sol e para longe do teatro das lutas humanas; grandes movimentos de asa para o céu; monólogo de uma alma que sempre foi fácil ofender. Aqui como nas partes já analisadas, este pensamento é o **tiiso** em que me aprouve falar, com a candura de um vagabundo que se conhece bem. O assunto não tem mais valor do que o de um pau seco e nu; mas as fitas, os pâmpanos e as flores podem ser, com seus entrelaçamentos brincados, uma riqueza preciosa para os olhos. O pensamento de De Quincey não é apenas sinuoso; a palavra não é suficientemente expressiva: esse pensamento é, por natureza, espiral. Aliás, estes comentários e estas reflexões seriam de análise demorada, e eu te-

nho de lembrar-me de que o objecto deste trabalho era mostrar, com um exemplo, os efeitos do ópio sobre um espírito meditativo e inclinado ao devaneio. Creio ter atingido esse fim.

Bastar-me-á dizer que o pensador solitário retorna com complacência àquela sensibilidade precoce que foi para ele a fonte de tantos horrores e de tantos gozos; ao seu amor imenso pela liberdade, e ao estremecimento que lhe inspirava a responsabilidade. «O horror da vida ligava-se já, na minha primeira juventude, à doçura celeste da vida.» Há nestas últimas páginas de **Suspíria** qualquer coisa de fúnebre, de corroído, aspirando a algo para além das coisas da Terra. Aqui e além, a propósito de aventuras da juventude, o bom humor e a jovialidade, a elegância em troçar de si mesmo de que tantas vezes deu provas, introduzem-se ainda algumas vezes; mas, o que é mais visível e salta aos olhos, são as explosões líricas de uma melancolia incurável. Por exemplo, a propósito dos seres que estorvam a nossa liberdade, contrastam os nossos sentimentos e violam os direitos mais legítimos da juventude, exclama: «Oh! como é possível que aqueles que se intitulam **amigos** deste homem ou desta mulher sejam exacta mente os que, mais do que a quaisquer outros, esse homem e essa mulher, na hora suprema da morte, saudarão com este adeus: Praza aos céus que eu não volte a ver a vossa cara!» Ou deixa cinicamente erguer-se esta confissão, que tem para mim, confesso-o com a mesma candura, um encanto quase fraterno: «Em geral, os raros indivíduos que excitaram a minha repugnância neste mundo eram pessoas florescentes e de boa reputação. Quanto aos tratantes que conheci, e não foram poucos, penso neles, em todos sem excepção,

com prazer e benevolência.» Notemos, de passagem, que esta bela reflexão vem ainda a propósito do **attorney** dos negócios equívocos. Ou então afirma que se a vida pudesse, magicamente, abrir-se diante de nós, se o nosso olhar, jovem ainda, pudesse percorrer os corredores, prescrutar as salas e os quartos desta estalagem, teatros das futuras tragédias e dos castigos que nos esperam, a nós e aos nossos amigos, recuaríamos tremendo de horror! Depois de ter pintado, com uma graça e um luxo de cores inimitáveis, um quadro de bem-estar, de esplendor e de pureza domésticos, a beleza e a bondade emolduradas na riqueza, mostra-nos sucessivamente as graciosas heroínas da família, todas, de mãe para filha, atravessando, cada uma por sua vez, pesadas nuvens de desgraça; e conclui dizendo: «Podemos olhar a morte de frente; mas sabendo, como alguns de nós o sabem hoje, o que é a vida humana, quem poderia sem estremecer (suponho que dela fosse advertido) olhar de frente a hora do seu nascimento?»

Encontro no fim de uma página uma nota que, aproximando-a da morte recente de De Quincey, ganha uma significação lúgubre. **Suspíria de profundis** deviam, na ideia do autor, estender-se e alargar-se singularmente. A nota anuncia que a lenda sobre as Irmãs das Tristezas fornecerá uma divisão natural para as publicações posteriores. Assim, do mesmo modo que a primeira parte (morte de Elisabeth e desgostos de seu irmão) se liga logicamente à Madona ou Nossa Senhora das Lágrimas, assim uma parte nova, **Os Mundos dos Párias**, devia colocar-se sob a invocação de Nossa Senhora dos Suspiros; finalmente, Nossa Senhora das Trevas devia **patrocinar o reino das Trevas**. Mas a Morte, que não

consultamos sobre os nossos projectos e a quem não podemos pedir consentimento, a Morte, que nos deixa sonhar com a felicidade e a fama e que não diz sim nem não, sai bruscamente da sua emboscada, e varre com um golpe de asa os nossos planos, os nossos sonhos e as arquitecturas ideais onde abrigávamos em pensamento a glória dos nossos últimos dias!

## COMPLEMENTOS

### O VINHO (1)

#### L'ÂME DU VIN

Un soir, l'âme du vin chantait dans les  
bouteilles:  
«Homme, vers toi je pousse, ô cher déshérité,  
Sous ma prison de verre et mes cires  
vermeilles,  
Un chant plein de lumière et de fraternité!

Je sais combien il faut, sur la colline en  
flamme,  
De peine, de sueur et de soleil cuisant  
Pour engendrer ma vie et pour me donner  
l'âme;  
Mais je ne serai point ingrat ni malfaisant,

Car j'éprouve une joie immense quand je  
tombe  
Dans le gosier d'un homme usé par ses  
travaux,  
Et sa chaude poitrine est une douce tombe  
Où je me plains bien mieux que dans mes  
froids caveaux.

---

(1) Reproduzimos aqui as poesias do ciclo do Vinho das Flores do Mal. (Nota da edição francesa.)

Entends-tu retentir les refrains des dimanches  
Et l'espoir qui gazouille en mon sein palpitant?  
Les coudes sur la table et retroussant tes  
manches,  
Tu me glorifieras et tu seras content;

J'allumerai les yeux de ta femme ravie;  
A ton fils je rendrai sa force et ses couleurs  
Et serai por ce frêle athlète de la vie  
L'huile qui raffermir les muscles des lutteurs.

En toi je tomberai, végétale ambroisie,  
Grain précieux jeté par l'éternel Semeur,  
Pour que de notre amour naisse la poésie  
Qui jaillira vers Dieu comme une rare fleur!»

#### LE VIN DES CHIFFONNIERS

Souvent, à la clarté rouge d'un réverbère  
Dont le vent bat la flamme et tourmente le  
verre,

Au cœur d'un vieux faubourg, labyrinthe  
fangueux  
Où l'humanité grouille en ferments orageux

On voit un chiffonnier qui vient, hochant la  
tête,

Butant, et se cognant aux murs comme un  
poète,

Et, sans prendre souci des mouchards, ses  
sujets,

Épanche tout son cœur en glorieux projets.

Il prête des serments, dicte des lois sublimes,  
Terrasse les méchants, relève les victimes,  
Et sous le firmament comme un dais suspendu  
S'enivre des splendeurs de sa propre vertu.

Oui, ces gens harcelés de chagrins de  
ménage,  
Moulus par le travail et tourmentés par l'âge,  
Éreintés et pliant sous un tas de débris,  
Vomissement confus de l'énorme Paris,

Reviennent, parfumés d'une odeur de futailles,  
Suivis de compagnons, blanchis dans les  
batailles,  
Dont la moustache pend comme les vieux  
drapeaux.  
Les bannières, les fleurs et les arcs  
trionphaux

Se dressent devant eux, solennelle magie!  
Et dans l'étourdissante et lumineuse orgie  
Des clairons, du soleil, des cris et du tambour,  
Ils apportent la gloire au peuple ivre d'amour!

C'est ainsi qu'à travers l'Humanité frivole  
Le vin roule de l'or, éblouissant Pactole;  
Par le gosier de l'homme il chante ses  
exploits.  
Et règne par ses dons ainsi que les vrais rois.

Pour noyer la rancœur et bercer l'indolence  
De tous ces vieux maudits qui meurent en  
silence,

Dieu, touché de remords, avait fait le sommeil;  
L'Homme ajouta le Vin, fils sacré du Soleil!

#### LE VIN DE L'ASSASSIN

Ma femme est mort, je suis libre!  
Je puis donc boire tout mon souï.  
Lorsque je rentrais sans un sou,  
Ses cris me déchiraient la fibre.

Autant qu'un roi je suis heureux;  
L'air est pur, le ciel admirable...  
Nous avons un été semblable  
Lorsque j'en devins amoureux!

L'horrible soif qui me déchire  
Aurait besoin pour s'assouvir  
D'autant de vin qu'en peut tenir  
Son tombeau; — ce n'est pas peu dire:

Je l'ai jetée au fond d'un puits,  
Et j'ai même poussé sur elle  
Tous les pavés de la margelle.  
— Je l'oublierai si je le puis!

Au nom des serments de tendresse,  
Dont rien ne peut nous délier,  
Et pour nous réconcilier  
Comme au beau temps de notre ivresse,

J'implorai d'elle un rendez-vous,  
Le soir, sur une route obscure.  
Elle y vint! — folle créature!  
Nous sommes tous plus ou moins fous!

Elle était encore jolie,  
Quoique bien fatiguée! et moi,  
Je l'aimais trop! voilà pourquoi  
Je lui dis: Sors de cette vie!

Nul ne peut me comprendre. Un seul  
Parmi ces ivrognes stupides  
Songea-t-il dans ses nuits morbides  
À faire du vin un linceul?

Cette crapule invulnérable  
Comme les machines de fer  
Jamais; ni l'été ni l'hiver,  
N'a connu l'amour véritable,

Avec ses noirs enchantements,  
Son cortège infernal d'alarmes,  
Ses fioles de poisons, ses larmes,  
Ses bruits de chaîne et d'ossements!

— Me voilà libre et solitaire!  
Je serai ce soir ivre mort;  
Alors, sans peur et sans remord,  
Je me chouchurai sur la terre,

Et je dormirai comme un chien!  
Le chariot aux lourdes roues  
Chargé de pierres et de boues,  
Le wagon enragé peut bien

Écraser ma tête coupable  
Ou me couper par le milieu,  
Je m'en moque comme de Dieu,  
Du Diable ou de la Sainte Table!

#### LE VIN DU SOLITAIRE

Le regard singulier d'une femme galante  
Qui se glisse vers nous comme le rayon blanc  
Que la lune onduleuse envoie au lac  
tremblant,  
Quand elle y veut baigner sa beauté  
nonchalante;

Le dernier sac d'écus dans les doigts d'un  
joueur;

Un baiser libertin de la maigre Adeline;  
Les sons d'une musique énervante et câline,  
Semblable au cri lointain de l'humaine douleur,

Tout cela n'est pas, ô bouteille profonde,  
Les baumes pénétrants que ta panse féconde  
Garde au cœur altéré du poète pieux;



Tu lui verses l'espoir, la jeunesse et la vie,  
— Et l'orgueil, ce trésor de toute gueuserie,  
Qui nous rend triomphants et semblables aux  
Dieux.

#### LE VIN DES AMANTS

Aujourd'hui l'espace est splendide!  
Sans mors, sans éperons, sans bride,  
Partons à cheval sur le vin  
Pour un ciel féérique et divin!

Comme deux anges que torture  
Une implacable calenture,  
Dans le bleu cristal du matin  
Suivons le mirage lointain!

Mollement balancés sur l'aile  
Du tourbillon intelligent,  
Dans un délire parallèle,

Ma sœur, côte à côte nageant,  
Nous fuirons sans repos ni trêves  
Vers le paradis de mes rêves!

**N. do T.** — Ao escolher uma fidelidade ao sentido literal, o tradutor sabia já que não escolhera o melhor caminho: muitas vezes, senão sempre, a literalidade é meramente aproximativa. Daí que se decidisse pelo que lhe pareceu o mal menor: colocar a pálida tradução possível ao lado dos textos originais.

**A ALMA DO VINHO** // Uma noite, a alma do vinho cantava nas garrafas: / «Homem, vai de mim para ti, ó caro deserddado, / Nesta pri-

são de vidro e de selos vermelhos, / Um canto cheio de luz e de fraternidade! // Sei quanto é preciso, sobre a colina em chamas, / De esforço, de suor e de sol esbraseante / Para engendrar-se a minha vida e ser-me dada alma; / Mas não serei ingrato nem malfazejo, // Pois é imensa a alegria que sinto quando caio / Na garganta de um homem gasto pelo trabalho, / E o seu cálido peito é um túmulo tranquilo / Onde melhor me sinto do que nas frias caves. // Ouves tu ressoar as canções dos domingos? / E a esperança que ri no meu seio palpitante? / De cotovelos na mesa e arregaçando as mangas, / Tu me glorificarás e estarás radiante; // Iluminarei os olhos de tua mulher encantada; / A teu filho darei a cor e as forças / E serei para esse frágil atleta da vida / O óleo que reforça os músculos dos lutadores. // Em ti cairei, vegetal ambrósia, / Grão precioso lançado pelo eterno Semeador, / Para que do nosso amor nasça a poesia / Que subirá a Deus como uma rara flor!» //

**O VINHO DOS TRAPEIROS** // Muitas vezes, à luz vermelha de um candeeiro / Cujas chama o vento sacode e cujo vidro atormenta, / No coração de um velho subúrbio, labirinto lodoso. / Onde a humanidade se agita em fermentos tempestuosos, // Vê-se um trapeiro que vem, meneando a cabeça, / Tropeçando, e esbarrando nas paredes como um poeta, / E, sem dar atenção aos espiões, seus súbditos, / Expande todo o coração em gloriosos projectos. // Presta juramentos, dita leis sublimes, / Derruba os maus, ergue de novo as vítimas, / E sob o firmamento como um dossel suspenso / Enebria-se dos esplendores da sua própria virtude. // Sim, estes seres fatigados de desgostos domésticos, /

Moidos do trabalho e atormentados pela idade, / Extenuados e vergados sob um monte de restos, / Vomitados confusos do enorme Paris, // Regressam, perfumados de um odor de tonéis, / Seguidos de companheiros, encadeados nas batalhas, / Cujos bigodes pendem como os velhos estandartes. / As bandeiras, as flores e os arcos triunfais // Erguem-se diante deles, solene magia! / E na estrondosa e luminosa orgia / Dos clarins, do sol, dos gritos e do tambor, / Trazem a glória ao povo êbrio de amor! // Assim através da Humanidade frívola / O vinho rola ouro, deslumbrante Páctolo; / Com a garganta do homem canta as suas proezas / E reina por seus dons como os verdadeiros reis. // Para afogar o rancor e embalar a indolência / De todos esses velhos malditos que morrem em silêncio, / Deus, tocado de remorsos, fizera o sono; / O Homem juntou-lhe o Vinho, filho sagrado do Sol. //

O VINHO DO ASSASSINO // Minha mulher está morta, sou livre! / Posso agora beber quanto quiser. / Quando chegava a casa sem dinheiro / Rasgava-me as fibras aos gritos. // // Sou tão feliz como um rei; / O ar é puro, o céu admirável... / Tivemos um Verão assim / Quando me apaixonei por ela. // A horrível sede que me dilacera / Precisaria para se satisfazer / De tanto vinho quanto pode conter / O túmulo dela; — e não é dizer pouco: // // Atirei-a ao fundo de um poço, / E empurrei-lhe mesmo para cima / Todas as pedras do bucal. / Hei-de esquecê-lo se puder! // Em nome dos juramentos de ternura, / De que nada pode desligar-nos, / E para nos reconciliarmos / Como nos bons tempos do nosso entusiasmo, // Implorei-lhe um encontro, / A

noite, numa rua escura. / Ela veio! — doida criatura! / Todos somos mais ou menos doidos! // Estava ainda bonita, / Embora fatigada! e eu, / Amava-a de mais! por isso / Lhe disse: Sai desta vida! // Ninguém pode entender. Um só / Desses bêbedos estúpidos / Terá pensado nas noites mórbidas / Fazer do vinho uma mortalha? // Essa crápula invulnerável / Como as máquinas de ferro / Nunca, de Verão ou de Inverno, / Conheceram o verdadeiro amor, // Com os seus negros bruxedos, / Seu cortejo infernal de alarmes, / Seus frascos de veneno, suas lágrimas, / Sem ruídos de grilhões e de ossadas! // — Eis-me livre e solitário! / Esta noite estarei bêbedo a cair; / Depois, sem medo e sem remorso, / Deitar-me-ei no chão, // E dormirei como um cão! / A galera de pesadas rodas / Carregada de pedras e de lamas, / O vagão desgarrado pode vir // Esmagar-me a cabeça culpada / Ou cortar-me pelo meio, / Rio-me de tudo como de Deus, / Do Diabo ou da Santa Mesa! //

O VINHO DO SOLITARIO // O olhar singular de uma mulher galante / Que desliza para nós como o raio branco / Que a lua ondulosa envia ao lago trémulo / Quando quer banhar nele a beleza preguiçosa; // O último saco de escudos nas mãos de um jogador; / Um beijo libertino da magra Adeline; / Os sons de uma música enervante e carinhosa, / Semelhante ao grito distante da dor humana, // // Tudo isto não vale, ó garrafa profunda, / Os bálsamos penetrantes que a tua pança fecunda / Reserva ao coração sedento do poeta piedoso; // Tu deitas-lhe a esperança, a juventude e a vida, / — E o orgulho, tesouro da indigência, / Que nos torna triunfantes e iguais aos Deuses! //

O VINHO DOS AMANTES // Hoje o espaço  
é esplêndido! / Sem freio, sem esporas, sem  
brida, / Partamos a cavalo no vinho / Para  
um céu feérico e divino! // Como dois anjos  
atormentados / Por calentura implacável, /  
/ No azul cristal da manhã / Sigamos a mira-  
gem distante! // Suavemente balouçados so-  
bre a asa / Do turbilhão inteligente, / Em um  
delírio paralelo, // Minha irmã, nadando lado  
a lado, / Fugiremos sem descanso nem tré-  
guas / Para o paraíso dos meus sonhos! //

## DO VINHO E DO HAXIXE COMPA- RADOS COMO MEIOS DE MULTI- PLICAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE

### I O VINHO

Um homem muito célebre, que era ao mes-  
mo tempo um grande tolo, coisas que andam  
muito bem juntas, ao que parece, como mais  
de uma vez terei, sem dúvida, o doloroso pra-  
zer de demonstrar, ousou, num livro sobre  
a Mesa, composto do duplo ponto de vista  
da higiene e do prazer, escrever o que se  
segue no artigo VINHO: «O patriarca Noé  
passa por ser o inventor do vinho; é um licor  
que se faz com o fruto da vinha.»

E que mais? Mais nada: é tudo. Por mais  
que folheéis o volume, que o vireis em todos  
os sentidos, que o tenteis ler de trás para  
diante, de costas, da direita para a esquerda  
e da esquerda para a direita, nada mais en-  
contrareis sobre o vinho na **Fisiologia do Gosto**  
do ilustríssimo e respeitadíssimo Brillat-Sava-  
rin: «**O patriarca Noé...**» e «**é um licor...**».

Suponho que um habitante da Lua ou de  
qualquer planeta afastado, viajando pelo nosso  
mundo, e cansado das suas longas jornadas,  
pensa em refrescar o palato e aquecer o  
estômago. Quer pôr-se ao corrente dos pra-  
zeres e dos costumes da nossa terra. Ouviu  
vagamente falar de licores deliciosos com  
os quais os cidadãos desta esfera alcança-  
vam à vontade coragem e alegria. Para estar

mais certo da escolha, o habitante da Lua abre o oráculo do gosto, o célebre e infalível Brillat-Savarin, e ali encontra, no artigo VLNHO, esta informação preciosa: **O patriarca Noé... e este licor faz-se...** Absolutamente digestivo. Muito explicativo. É impossível, depois de ter lido esta frase, não ter uma ideia justa e clara de todos os vinhos, das suas diferentes qualidades, dos seus inconvenientes, da sua força no estômago e no cérebro.

Ah! caros amigos, não leais Brillat-Savarin. **Deus defenda aqueles que gostam de leituras inúteis**, é a primeira máxima de um livrinho de Lavater, um filósofo que amou os homens mais do que todos os magistrados do mundo antigo e moderno. Nenhum bolo foi baptizado com o nome de Lavater; mas a memória deste homem angélico viverá ainda entre os cristãos, quando até os bons burgueses já tiverem esquecido o **Brillat-Savarin**, espécie de brioche insípido cujo menor defeito é servir de pretexto a uma **taramelice** de máximas tola-mente pedantes tiradas da famosa obra-prima.

Se uma nova edição dessa falsa obra-prima ousar afrontar o bom senso da humanidade moderna, bebedores melancólicos, bebedores alegres, vós todos que procurais no vinho a lembrança ou o esquecimento, e que, não achando nunca bastante completo para vosso gosto, só contempiais o céu pelo fundo da garrafa (1), bebedores esquecidos e ignorados, ireis vós comprar um exemplar e pagareis o mal com o bem, a indiferença com o bem-fazer?

Abro a **Kreiseriana** do divino Hoffmann, e nela leio uma curiosa recomendação. O músico consciencioso deve servir-se do cham-

(1) Béroalde de Verville. **Moyens** [sic] **de parvenir**.

panhe para compor uma ópera cómica. Nele encontrará a alegria espumante e ligeira que o género reclama. A música religiosa pede vinho do Reno ou do Jurançon. Como no fundo das ideias profundas, há neles um amargo inebriador; mas a música heróica não pode dispensar o vinho de Borgonha. Tem a gravidade fogosa e o arrebatamento do patriotismo. Melhor do que tudo, e além do sentimento apaixonado de um bebedor, vejo aqui uma imparcialidade que muito honra um Alemão.

Hoffmann traçara um singular barómetro psicológico destinado a representar-lhe diferentes temperaturas e os fenómenos atmosféricos da sua alma. Nele se encontram divisões como estas: espírito ligeiramente irónico temperado de indulgência; espírito de solidão com profundo contentamento de mim mesmo; alegria musical, entusiasmo musical, tempestade musical, alegria sarcástica insuportável a mim mesmo, aspiração a sair do meu eu, objectividade excessiva, fusão do meu ser com a natureza. Escusado será dizer que as divisões do barómetro moral de Hoffmann eram fixadas segundo a sua ordem de geração, como nos barómetros comuns. Parece-me que há entre este barómetro psíquico e a explicação das qualidades musicais dos vinhos uma fraternidade evidente.

Hoffmann, no momento em que a morte o levou, começava a ganhar dinheiro. A fortuna sorria-lhe. Como o nosso caro e grande Balzac, foi só nos seus últimos tempos que viu brilhar a aurora boreal das mais antigas esperanças. Por essa altura, os editores, que disputavam os contos dele para os seus almanques, tinham por costume, para lhe ganharem as boas graças, juntar à remessa de dinheiro uma caixa de vinhos de França.

Profundas alegrias do vinho, quem vos não conheceu? Quem quer que tenha tido um remorso a apaziguar, uma recordação a evocar, uma dor a afogar, um castelo em Espanha a construir, todos, enfim, vos invocaram, deus misterioso escondido nas fibras da vinha. Como são grandes os espectáculos do vinho, iluminados pelo sol interior! Como é verdadeira e ardente esta segunda juventude que o homem vai buscar dentro de si! Mas quão temíveis são também as suas volúpias fulminantes e os seus feitiços enervantes! E contudo dissei, em vossa alma e consciência, juizes, legisladores, homens da sociedade, vós todos a quem a felicidade abranda, a quem a fortuna torna fáceis a virtude e a saúde, dissei, qual de vós terá a coragem impiedosa de condenar o homem que bebe gênio?

Aliás, o vinho nem sempre é o terrível lutador seguro da sua vitória e que jurou não ter dó nem piedade. O vinho é semelhante ao homem: não se saberá nunca até que ponto se pode estimá-lo e desprezá-lo, amá-lo e odiá-lo, nem de quantas acções sublimes ou de preversidades monstruosas é capaz. Não sejamos, pois, mais cruéis para ele do que para nós próprios, e tratemo-lo como nosso igual.

Parece-me por vezes que ouço dizer o vinho: — Ele fala com a sua alma, com essa voz dos espíritos que só dos espíritos é ouvida. — «Homem, meu bem-amado, quero lançar para ti, apesar da minha prisão de vidro e dos meus ferrolhos de cortiça, um canto cheio de fraternidade, um canto cheio de alegria e de esperança. Não sou ingrato; sei que te devo a vida. Sei o que te custou de tra-

balho e de sol nas costas. Tu deste-me a vida, eu te recompensarei. Pagar-te-ei largamente a minha dívida; porque eu sinto uma alegria extraordinária quando caio no fundo de uma garganta sedenta pelo trabalho. O peito de um bom homem é uma morada que me agrada muito mais do que estas caves melancólicas e insensíveis. É um alegre túmulo onde cumprio o meu destino com entusiasmo. Faço no estômago do trabalhador um grande reboliço, e dali, por escadas invisíveis, subo-lhe ao cérebro onde executo a minha dança suprema.

«Ouves tu agitarem-se em mim as poderosas canções dos tempos antigos, os cantos do amor e da glória? Sou a alma da pátria, meio galante, meio militar. Sou a esperança dos domingos. **O trabalho faz os dias prósperos**, o vinho faz os domingos felizes. Com os cotovelos assentes na mesa de família e as mangas arregaçadas, tu me glorificarás altamente e estarás verdadeiramente contente.

«Iluminarei os olhos da tua velha mulher, a velha companheira dos teus desgostos quotidianos e das tuas mais velhas esperanças. Enternecerei o seu olhar e porei no fundo das suas pupilas o fogo da juventude. E ao teu pequeno, palidozito, esse pobre burrinho atrelado à mesma fadiga que o cavalo, dar-lhe-ei as belas cores do seu berço, e serei para esse novo atleta da vida o óleo que reforça os músculos dos antigos lutadores.

«Cairei no fundo do teu peito como uma ambrósia vegetal. Serei o grão que fertiliza o sulco dolorosamente lavrado. A nossa íntima reunião criará a poesia. Nós dois faremos um Deus, e voaremos para o infinito, como os pássaros, as borboletas, os fios da Virgem, os perfumes e todas as coisas aladas.»

Eis o que o vinho canta na sua linguagem misteriosa. Ai daquele cujo coração egoísta

e fechado às dores dos seus irmãos nunca ouviu esta canção!

Muitas vezes pensei que se Jesus Cristo comparecesse hoje no banco dos réus, arranjar-se-ia um procurador para demonstrar que o seu caso estaria agravado pela reincidência. Quanto ao vinho, reincide todos os dias. Todos os dias repete os seus benefícios. É o que sem dúvida explica o encarniçamento dos moralistas contra ele. Quando digo moralistas, quero dizer pseudomoralistas fariseus.

Mas aí vem outra coisa. Desçamos um pouco mais baixo. Contemplemos um desses seres misteriosos que vivem por assim dizer das dejeções das grandes cidades; porque há singulares ofícios. São inúmeros. Algumas vezes pensei com terror que havia ofícios que não comportavam qualquer alegria, ofícios sem prazer, fadigas sem alívio, dores sem compensação. Enganava-me. Eis um homem encarregado de apanhar os restos de um dia da capital. Tudo o que a grande cidade rejeitou, tudo que perdeu, tudo o que desdenhou, tudo o que partiu, ele o cataloga e coleciona. Compulsa os arquivos da libertinagem, a carnáum dos refugos. Faz uma separação, uma escolha inteligente; reúne, como um avarento um tesouro, os lixos que, mastigados pela divindade da Indústria, se tornarão objectos de utilidade ou de recreio. Ei-lo, à claridade sombria dos candeeiros atormentados pelo vento da noite, subindo uma das longas ruas tortuosas e povoadas de pequenas casas da montanha Sainte-Geneviève. Reveste-o o seu **xaile de verga com o seu número**. Chega meneando a cabeça e tropeçando nas pedras. Como os jovens poetas que passam os dias a errar e a procurar rimas. Fala sozinho; verte a sua alma no ar frio e tenebroso da noite. É um monólogo esplêndido que faz ter lás-

tima das tragédias mais líricas. «Em frente, marche! divisão, vanguarda, exército!» Exatamente como Bonaparte agonizando em Santa Helena! É como se o número **sete** se tivesse transformado em ceptro de ferro, e o **xaile de verga** em manto imperial. Agora saúda o exército. A batalha está ganha, mas o dia foi custoso. Passa a cavalo debaixo de arcos de triunfo. O seu coração está feliz. Escuta deliciado as aclamações de um mundo entusiasta. Daí a pouco vai ditar um código superior a todos os códigos conhecidos. Jura solenemente que tornará felizes os povos. A miséria e o vício desapareceram da humanidade.

E contudo tem as costas e os rins esfolados pelo peso do cesto de verga. Apoquentam-no desgostos domésticos. Está moído por quarenta anos de trabalho e de caminhadas. A idade atormenta-o. Mas o vinho, como um Pactolo novo, rola através da humanidade enlanguescida em ouro intelectual. Como os bons reis, reina pelos seus serviços e canta as suas proezas na garganta dos seus súbditos. Há sobre a bola terrestre uma multidão inúmera, sem nome, cujos sofrimentos o sono não adormeceria suficientemente. O vinho compõe para eles cantos e poemas.

Muitas pessoas me acharão demasiado indulgente. «Desculpais a bebedice, idealizais a crápula.» Confesso que diante dos benefícios não tenho a coragem de contar as acusações. Aliás, disse que o vinho era assimilável ao homem, e concordei que os seus crimes eram iguais às suas virtudes. Posso fazer melhor? Tenho de resto outra ideia. Se o vinho desaparecesse da produção humana, creio que se faria na saúde e no intelecto do planeta um vazio, uma ausência, um defeito muito mais terrível que todos os excessos e desvios

de que o vinho é tornado responsável. Não será razoável pensar que as pessoas que não bebem nunca vinho, ingénuas ou sistemáticas, são imbecis ou hipócritas?; imbecis, isto é, homens que não conhecem nem a humanidade nem a natureza, artistas que repelem os meios tradicionais da arte; operários que blasfemam contra a mecânica; — hipócritas, isto é, gulosos envergonhados, fanfarrões de sobriedade, que bebem às escondidas e têm o vinho oculto? Um homem que só bebe água tem um segredo a esconder aos seus semelhantes.

E senão, veja-se: há alguns anos, numa exposição de pintura, a multidão dos imbecis amontoou-se em frente de um quadro polido, encerado, envernizado como um objecto de indústria. Era a antítese absoluta da arte; estava para a «Cozinha» de Drolling (1) como a loucura está para a necedade; os fanáticos para o imitador. Nesta pintura microscópica viam-se voar as moscas. Eu fora atraído para este monstruoso objecto como toda a gente; mas envergonhava-me desta singular fraqueza, porque era a irresistível atracção do horrível. Por fim, apercebi-me de que era arrastado contra vontade por uma curiosidade filosófica, o imenso desejo de saber qual podia ser o carácter moral do homem que produzira tão criminosa extravagância. Apostei comigo mesmo que devia ser fundamentalmente mau. Colhi informações e o meu instinto teve o prazer de ganhar esta aposta psicológica. Soube que o monstro se levantava regularmente antes de nascer o dia, que arruinara a sua governanta, e que **só bebia leite!**

(1) Maurice Drolling (1752-1817), pintor francês de género. — (N. do T.)

Mais uma ou das histórias, e dogmatizaremos. Um dia, num passeio, vi um grande ajuntamento; consegui olhar por cima dos ombros dos basbaques, e vejo isto: um homem estendido no chão, de costas, com os olhos abertos e fitos no céu. um outro homem, diante dele, de pé, falando-lhe apenas por gestos, respondendo o homem deitado com os olhos apenas, ambos com um ar animado de prodigiosa benevolência. Os gestos do homem de pé diziam à inteligência do homem deitado: «Vem, vem a felicidade está além, a dois passos, vem até à esquina da rua. Não perdemos completamente de vista a margem do desgosto, não estamos ainda no **mar alto** do sonho; vamos, coragem, amigo, diz às tuas pernas que satisfaçam o teu pensamento.»

Tudo isto cheio de vacilações e de balanços harmoniosos. O outro chegara sem dúvida ao **alto mar** (aliás, navegava na valeta), porque o seu sorriso beatífico respondia: «Deixa o teu amigo descansado. A margem do desgosto desapareceu suficientemente por trás das névoas benéficas; nada mais tenho a pedir ao céu do sonho.» Creio mesmo ter ouvido uma frase vaga, ou antes, um suspiro vagamente formulado em palavras escapar-se da sua boca: «É preciso ser razoável.» Isto é o cúmulo do sublime. Mas na embriaguez há o hipersublime, como ides ver. O amigo sempre cheio de indulgência dirige-se sozinho à taberna, e depois volta com uma corda na mão. Decerto não podia suportar a ideia de navegar sozinho e de sozinho correr atrás da felicidade; para isso vinha buscar o amigo de trem. O trem é a corda; passa-lhe o trem em volta dos rins. O amigo, estendido, sorri: compreendeu sem dúvida o pensamento maternal. O outro faz um nó; depois mete-se a passo, como um cavalo manso e discreto, e acar-

reta o amigo até ao encontro com a felicidade. O homem carregado, ou antes, arrastado, polindo as pedras com as costas, continua a sorrir com um sorriso inefável.

A multidão ficou estupefacta; porque o que é demasiado belo, o que excede as forças poéticas do homem causa mais espanto que comoção.

Havia um homem, um Espanhol, um guitarrista que viajou muito tempo com Paganini: era antes da época da grande glória oficial de Paganini.

Faziam ambos a grande vida vagabunda dos boémios, dos músicos ambulantes, das pessoas sem família e sem pátria. Ambos, violino e guitarra, davam concertos por onde passavam. Erraram assim por diversos países. O meu Espanhol tinha um talento tal, que podia dizer como Orfeu: «Eu sou o mestre da natureza.»

Por toda a parte onde passava, arranhando as suas cordas, e fazendo-as harmoniosamente saltar com o polegar, tinha a certeza de ser seguido por uma multidão. Com tal segredo nunca se morre de fome. Seguiam-no como a Jesus Cristo. Como se havia de recusar jantar e hospitalidade ao homem, ao génio, ao feiticeiro, que fez cantar à nossa alma as suas mais belas árias, as mais secretas, as mais desconhecidas, as mais misteriosas! Garantiram-me que este homem, de um instrumento que só produz sons sucessivos, obtinha facilmente sons contínuos. Paganini levava a bolsa, tinha a gerência do fundo social, o que não surpreenderá ninguém.

A caixa viajava com a pessoa do administrador; ora estava alta, ora estava baixa, hoje nas botas, amanhã entre duas costuras da veste. Quando o guitarrista, que era grande bebedor, perguntava como ia a situação fi-

nanceira, Paganini respondia que não havia nada, ou pelo menos quase nada; porque Paganini era como os velhos, que têm sempre medo de vir a **faltar-lhes**. O Espanhol acreditava ou fingia acreditar, e, com os olhos fitos no horizonte da estrada, zangarreava e atormentava a sua inseparável companheira. Paganini caminhava pelo outro lado da estrada. Era um convenção recíproca, feita para não se incomodarem um ao outro. Assim, cada um estudava e trabalhava enquanto caminhava.

Depois, chegados a um sítio que oferecia algumas possibilidades de receita, um dos dois tocava uma das suas composições, e o outro improvisava ao lado uma variação, um acompanhamento, um baixo. O que havia de prazer e de alegria nesta vida de trovador, ninguém o saberá nunca. Separaram-se, não sei porquê. O Espanhol passou a viajar sozinho. Uma noite, chega a uma pequena cidade do Jura; faz afixar e anunciar um concerto numa sala da câmara municipal. O concerto é ele, sem mais que uma guitarra. Tornara-se conhecido zangarreando em alguns cafés, e havia alguns músicos na cidade que tinham ficado impressionados com o talento dele. Acabou por ir muita gente.

O meu Espanhol desenterrara num canto da cidade, ao lado do cemitério, um outro Espanhol, um **patrício**. Este era uma espécie de empreiteiro de sepulturas, um marmorista fabricante de túmulos. Como toda a gente de ofício fúnebre, bebia-lhe bem. Desta maneira, a garrafa e a pátria comum levaram-nos longe; o músico não se separava do marmorista. No dia do concerto, chegada a hora, estavam juntos, mas onde? Era preciso averiguar. Correram-se todas as tabernas da cidade, todos os cafés. Finalmente, desenterraram-no com o



amigo, num pardieiro indescritível, e perfeitamente bêbedo, mais o outro. Seguem-se cenas análogas, à Kean e à Frédérick. Por fim, consente em tocar; mas eis que o assalta uma ideia súbita: «Tu tocarás comigo», diz ao amigo. Este recusa; tinha um violino, mas tocava-o como o mais horrível menestrel. «Se não tocas, não toco eu.»

Não há sermões nem boas razões que valham; houve que ceder. Ei-los sobre o estrado, diante da fina burguesia do sítio. «Tragam vinho», diz o Espanhol. O fabricante de sepulturas, que era conhecido de toda a gente, mas não como músico, estava bêbedo demais para sentir-se envergonhado. Trazido o vinho, não tiveram a paciência de desrolar as garrafas. Os patifes guilhotinaram-nas à navalha, como gente mal educada. Imagine-se o efeito na província em grande estado! As damas retiram-se, e perante os dois bêbedos, que pareciam meio doidos, muito gente foge escandalizada.

Mas a ganhar ficaram aqueles a quem o pudor não extinguiu a curiosidade e que tiveram a coragem de não sair. «Começa», diz o guitarrista ao do mármore. É impossível exprimir o género de sons que saiu do violino bêbedo; Baco em delírio cortando pedra com uma serra. Que tocou ele, ou que foi que tentou tocar? Pouco importa, a primeira ária que lhe veio à cabeça. De repente, uma melodia enérgica e suave, caprichosa e ao mesmo tempo una, envolve, abafa, extingue, dissimula a algazarra gritante. A guitarra canta tão alto que o violino deixa de ouvir-se. E no entanto é de facto a ária, a ária avinhada que o marmorista começara.

A guitarra exprime-se com uma sonoridade enorme; conversa, canta, declama com uma inspiração tremenda, e uma segurança, uma

pureza inauditas de dicção. A guitarra improvisava uma variação sobre o tema do violino de cego. Deixava-se guiar por ele, e vestia esplêndida e maternalmente a frágil nudez dos seus sons. O meu leitor compreenderá que isto é indescritível; uma testemunha verdadeira e séria contou-me o caso. O público, por fim, estava mais embriagado do que ele. O Espanhol foi festejado, cumprimentado, saudado por um entusiasmo imenso. Mas por certo o carácter das pessoas lhe desagradou; porque esta foi a única vez que consentiu em tocar.

E agora onde está ele? Que sol contemplou os seus últimos sonhos? Que solo recebeu os seus despojos cosmopolitas? Que vala de estrada abrigou a sua agonia? Onde estão os perfumes inebriadores das flores desaparecidas? Onde estão as cores fantásticas dos antigos poentes?

### III

Nada vos ensinei de novo. O vinho é conhecido de todos; é amado de todos. Quando houver um verdadeiro médico filósofo, coisa que não se vê, poderá fazer um importante estudo sobre o vinho, uma espécie de psicologia dupla, cujos dois termos são o vinho e o homem. Explicará como e porquê certas bebidas contêm a faculdade de aumentar desmedidamente a personalidade do ser pensante, e de criar, por assim dizer, uma terceira pessoa, operação mística, em que o homem natural e o vinho, o deus animal e o deus vegetal, desempenham o papel do Pai e do Filho na Trindade; engendram um Espírito Santo, que é o homem superior, o qual procede igualmente dos dois.

Há pessoas em quem o desentorpecimento

do vinho é tal que as suas pernas se tornam mais firmes e o ouvido excessivamente apurado. Conheci um indivíduo cuja vista enfraquecida encontrava na embriaguez toda a sua agudeza primitiva. O vinho transformava a toupeira em águia.

Um velho autor desconhecido disse: Nada iguala a alegria do homem que bebe, a não ser a alegria do vinho por ser bebido. Com efeito, o vinho desempenha um papel íntimo na vida da humanidade, tão íntimo que eu não ficaria espantado que, seduzidos por uma ideia panteística, alguns espíritos sensatos lhe atribuíssem uma espécie de personalidade. O vinho e o homem dão-me a impressão de dois lutadores amigos, sempre combatendo, sempre reconciliando-se. O vencido abraça sempre o vencedor.

Há bêbedos maus; são pessoas naturalmente más. O homem maldoso torna-se execrável, como o bom se torna excelente.

Vou falar daqui a pouco de uma substância oosta em moda há alguns anos, espécie de droga deliciosa para uma certa categoria de diletantes, cujos efeitos são muito mais fulminantes e potentes que os do vinho. Descreverei cuidadosamente todos os seus efeitos, depois, retomando a descrição das diferentes eficácias do vinho, compararei estes dois meios artificiais, pelos quais o homem, exasperando a sua personalidade, cria, por assim dizer, em si uma espécie de divindade.

Mostrarei os inconvenientes do haxixe, o menor dos quais, apesar dos tesouros de benevolência desconhecidos que faz germinar aparentemente no coração, ou antes no cérebro do homem, cujo menor defeito, repito, é ser anti-social, ao passo que o vinho é profundamente humano, e quase ousaria dizer homem de acção.

## IV

### O HAXIXE

Quando se faz a colheita do cânhamo, passam-se algumas vezes estranhos fenómenos na pessoa dos trabalhadores, homens e mulheres. Dir-se-ia que se eleva da colheita não sei que espírito vertiginoso que circula em volta das pernas e sobe maliciosamente até ao cérebro. A cabeça do ceifeiro está cheia de turbilhões, outras vezes carregada de devaneio. Os membros enfraquecem e recusam-se a servir. De resto, aconteceram-me a mim, em criança, ao brincar e rolar sobre montes de luzerna, fenómenos análogos.

Tentou-se fazer haxixe com cânhamo de França. Todas as tentativas até agora resultaram mal, e os arrebatados que querem a todo o custo alcançar gozos sádicos continuaram a servir-se do haxixe que atravessara o Mediterrâneo, isto é, feito com cânhamo indiano ou egípcio. A composição do haxixe é feita de uma decocção de cânhamo indiano, manteiga e uma pequena quantidade de ópio.

Eis um doce verde, singularmente perfumado, de tal maneira que provoca uma certa repulsa, como o faria de resto qualquer odor fino levado à sua máxima força e, por assim dizer, densidade. Tomai-o do tamanho de uma noz, enchei com ele uma pequena colher, e possuireis a felicidade: a felicidade absoluta com todas as suas ebriedades, todas as suas loucuras da juventude, e também as suas beattitudes infinitas. A felicidade está ali, sob a forma de um pequeno bocado de doce; tomai-o sem receio, não se morre dele; os órgãos físicos não são atingidos gravemente.

Talvez a vossa vontade diminua, mas isso é outro caso.

Em geral, para dar ao haxixe toda a força e todo o desenvolvimento é preciso desfazê-lo em café muito quente, e tomá-lo em jejum; o jantar é atirado para as dez horas ou meia-noite; só é permitida uma sopa muito leve. Uma infracção a esta regra tão simples produziria ou vômitos, resultado de um conflito entre o jantar e a droga, ou a ineficácia do haxixe. Muitos ignorantes ou imbecis que se comportam assim acusam o haxixe de impotência.

Mal a pequena droga é absorvida, operação que, de resto, exige uma certa resolução, porque, tal como disse, a mistura é de tal maneira odorífera que causa em algumas pessoas veledades de náuseas, encontrar-vos-eis imediatamente colocado num estado ansioso. Haveis ouvido vagamente falar dos efeitos maravilhosos do haxixe, a vossa imaginação criou uma ideia particular, um ideal de embriaguez, e tarda-vos saber se a realidade, se o resultado será adequado à vossa preconcepção. O tempo que decorre entre a absorção da beberagem e os primeiros sintomas varia conforme os temperamentos e também conforme o hábito. As pessoas que têm conhecimento e prática do haxixe sentem algumas vezes, ao cabo de meia hora, os primeiros sintomas da invasão.

Esqueci-me de dizer que causando o haxixe no homem uma exasperação da sua personalidade e ao mesmo tempo um sentimento muito vivo das circunstâncias e dos meios, é conveniente que a sua acção se exerça em meios e circunstâncias favoráveis. Sobreabundantes a alegria, o bem-estar, também são imensamente profundas a dor e a angústia.

Não façais a experiência se tiverdes que tratar de qualquer caso desagradável, se o vosso espírito estiver voltado para a melancolia, se tiverdes uma conta a pagar. Como já disse, o haxixe é impróprio para a acção. Não consola como o vinho; não faz mais que desenvolver, em excesso, a personalidade humana nas circunstâncias em que ela se encontrar no momento. Tanto quanto possível, convém um belo apartamento ou uma bela paisagem, um espírito livre e solto, e alguns cúmplices cujo temperamento intelectual se aproxime do vosso; um pouco de música também, se possível.

Quase sempre, os noviços, na sua primeira iniciação, queixam-se da lentidão dos efeitos. Esperam-nos com ansiedade, e como as coisas não vão tão depressa como quereriam, entram em fanfarronadas de incredulidade que divertem muito os que conhecem as coisas e a maneira como o haxixe se governa. E não é das coisas menos cómicas ver surgirem os primeiros sinais e multiplicarem-se mesmo em plena incredulidade. Primeiro uma certa hilaridade extravagante e irresistível apodera-se de vós. As palavras mais vulgares, as ideias mais simples ganham uma fisionomia excêntrica e nova. Esta alegria é insuportável para vós próprios; mas é inútil recalcitrar. O demónio invade-vos; todos os esforços que fizerdes para resistir só servirão para acelerar os progressos do mal. A vossa estupidez e a vossa loucura far-vos-ão rir; os vossos camaradas rir-vos-ão na cara, e não lhes querereis mal por isso, porque a benevolência começa a manifestar-se.

Esta alegria enlanguescedora, este mal-estar na alegria, esta insegurança, esta indecisão da doença, duram em geral pouco tempo. Acontece algumas vezes que pessoas absolu-

tamente incapazes de jogos de palavras improvisadas enfiadas intermináveis de trocadilhos, de associações de ideias absolutamente improváveis, e feitos para desorientar os mais hábeis nesta arte extravagante. Ao fim de alguns minutos, as relações de ideias tornam-se de tal maneira vagas, os fios que ligam as concepções são tão ténues, que só os vossos cúmplices, os vossos correligionários podem entender-vos. A vossa galhofa, as vossas gargalhadas parecem o cúmulo da necedade a qualquer homem que não esteja no mesmo estado que vós.

A sensatez deste infeliz regozija-vos desmedidamente, o seu sangue-frio impele-vos aos últimos limites da ironia; parece-vos o mais doido e o mais ridículo de todos os homens. Quanto aos vossos camaradas, entendei-vos perfeitamente com eles. Não tarda que vos entendeis apenas com os olhares. A verdade é ser bastante cómica a situação de homens que gozam de uma alegria incompreensível para quem não estiver situado no mesmo mundo que eles. Têm profunda piedade dele. A partir daí, a ideia de superioridade desponta no horizonte do vosso intellecto. Não tarda que aumente sem parar.

Fui testemunha, nesta primeira fase, de duas cenas bastante grotescas. Um músico célebre, que ignorava as propriedades do haxixe, e talvez nunca dele tivesse ouvido falar, chega ao meio de uma reunião em que quase toda a gente o havia tomado. Tentam fazer-lhe compreender os maravilhosos efeitos. Ele ri com elegância, como homem que está disposto a posar alguns minutos, por espírito de circunspecção, porque é bem educado. As pessoas riem muito; porque o homem que tomou haxixe é, na primeira fase, dotado de uma maravilhosa inteligência do

cómico. As gargalhadas, as enormidades incompreensíveis, os jogos de palavras inextricáveis, os gestos barrocos continuam. O músico declara que esta troça de artistas é má, e que aliás deve ser muito fatigante para os autores.

A alegria aumenta. «Essa troça é talvez boa para vós, para mim não», diz. «Basta que seja boa para nós», replica egoistamente um dos doentes. Gargalhadas intermináveis enchem a sala. O homem zanga-se e quer retirar-se. Alguém fecha a porta e esconde a chave. Outro põe-se de joelhos diante dele e declara-lhe, chorando, em nome de todos, que se sentem por ele e pela sua inferioridade a mais profunda piedade, nem por isso se furtarão a uma eterna benevolência.

Suplicam-lhe que toque, e ele resigna-se. Mal o violino se ouviu, os sons que se espalhavam pelo aposento começaram a dominar aqui e além os doentes. Apenas se ouviam suspiros profundos, soluços, gemidos dilacerantes, torrentes de lágrimas. O músico assustado detém-se, julga-se numa casa de doidos. Aproxima-se daquele cuja beatitude se exprime mais ruidosamente; pergunta-lhe se sofre muito e o que seria preciso fazer para o aliviar. Um espírito positivo, que também não provara a droga beatífica, propõe limonada e ácidos. O doente, com êxtase nos olhos, mira-o com um indizível desprezo; é o seu orgulho que o salva das mais graves injúrias. Realmente, que pode haver de mais próprio para exasperar um doente de alegria que querer curá-lo?

E agora um fenómeno extremamente curioso, na minha opinião; uma criada, encarregada de trazer tabaco e refrescos a pessoas que haviam tomado haxixe, vendo-se rodeada

de caras estranhas, de olhos desmedidamente aumentados, e como que envolvida por uma atmosfera malsã, por esta loucura colectiva, larga uma gargalhada insensata, deixa cair a bandeja, que se parte com todas as chávenas e copos, e foge espavorida. Toda a gente ri. No dia seguinte confessou ter sentido qualquer coisa de singular durante algumas horas, de ter estado **muito esquisita, muito não sei quê**. Contudo, não tomara haxixe.

A segunda fase anuncia-se por uma sensação de frescura nas extremidades, uma grande fraqueza; tereis, como se costuma dizer, mãos de manteiga, um peso na cabeça e uma estupefacção geral em todo o vosso ser. Os vossos olhos aumentam, são como que puxados em todos os sentidos por um êxtase implacável. A face enche-se de palidez, torna-se lívida e esverdeada. Os lábios encolhem, encurtam-se e parecem querer entrar para dentro. Suspiros roucos e profundos escapam-se-vos do peito, como se a vossa natureza antiga não pudesse suportar o peso da vossa nova natureza. Os sentidos tornam-se de uma finura e de uma acuidade extraordinárias. Os olhos devassam o infinito. O ouvido distingue os sons mais ténues no meio dos ruídos mais agudos.

As alucinações começam. Os objectos exteriores tomam aparências monstruosas. Revelam-se-vos sob formas desconhecidas até então. Depois deformam-se, transformam-se, e finalmente entram no vosso ser, ou sois vós que entrais neles. Dão-se os equívocos mais singulares, as transposições de ideias mais inexplicáveis. Os sons têm uma cor, as cores têm uma música. As notas musicais são números, e vós resolveis com uma rapidez assustadora prodigiosos cálculos de aritmética a

medida que a música se desenrola aos vossos ouvidos. Estais sentado e fumais; julgais estar sentado sobre o vosso cachimbo e é a vós que o vosso cachimbo fuma; sois vós que a vós próprios vos exalais sob a forma de nuvens azuladas.

Sentis-vos bem, uma coisa só vos preocupa e inquieta? Como ireis arranjar-vos para sair do cachimbo? Esta imaginação dura uma eternidade. Um intervalo de lucidez com um grande esforço permite-vos olhar a pêndula. A eternidade durou um minuto. Uma outra corrente de ideias os arrebatou; arrastar-vos-á durante um minuto no seu turbilhão vivo, e esse minuto será outra eternidade. As proporções do tempo e do ser são desarmonizadas pela multidão inúmera e pela intensidade das sensações e das ideias. Vivem-se várias vidas de homem no espaço de uma hora. É este o tema de **La Peaux de chagrin**. Não há mais equação entre os órgãos e os prazeres.

De vez em quando a personalidade desaparece. A objectividade que faz certos poetas panteístas e os grandes actores torna-se tal que vos confundis com os seres exteriores. Eis-vos árvore mugindo ao vento e contando à natureza melodias vegetais. Agora pairais no azul do céu imensamente dilatado. Toda a dor desapareceu. Já não lutais, sois transportado, não sois já senhor de vós e não vos afligis por isso. Não tarda que a ideia do tempo desapareça completamente. De tempos a tempos ainda há um pequeno despertar. Parece-vos que saís de um mundo maravilhoso e fantástico. É certo que conservais a faculdade de vos observardes, e amanhã lembrá-vos-eis de algumas sensações. Mas esta faculdade psicológica não pode ser aplicada. Desafio-vos a aparar uma pena ou um lápis: seria um trabalho acima das vossas forças.

Outras vezes, a música conta-vos poemas infinitos, coloca-vos no meio de dramas terríveis ou fálicos. Associa-se com os objectos que estão diante dos vossos olhos. As pinturas do tecto, mesmo mediocres ou más, ganham vida assustadora. A água límpida e feiçozeira corre entre a relva que treme. As ninfas de carnes resplandecentes miram-vos com grandes olhos mais límpidos que a água e o azul. Tomaríeis o vosso lugar e o vosso papel nas piores pinturas, nos mais grosseiros papéis pintados que forram as paredes das hospedarias.

Reparai que a água ganhava um encantamento assustador para todos os espíritos um pouco artistas iluminados pelo haxixe. As águas correntes, os repuxos, as cascatas harmoniosas, a imensidade azul do mar, rolam, dormem, cantam no fundo do vosso espírito. Não seria talvez bom deixar um homem neste estado à beira de uma água límpida; como o pescador da balada, talvez se deixasse arrastar pela Ondina.

Para o fim do serão pode-se comer, mas esta operação não se realiza sem custo. As pessoas encontram-se de tal maneira acima dos factos materiais que decerto prefeririam ficar deitadas ao comprido no fundo do seu paraíso intelectual. Algumas vezes, no entanto, o apetite desenvolve-se de maneira extraordinária; mas é necessária grande coragem para mexer numa garrafa, num garfo e numa faca.

A terceira fase, separada da segunda por um redobramento de crise, uma embriaguez vertiginosa seguida de novo mal-estar, é qualquer coisa de indescritível. É aquilo a que os Orientais chamam **kief**; é a felicidade absoluta. Não é já qualquer coisa de turbilhante

e de tumultuoso. É uma beatitude calma e imóvel. Todos os problemas filosóficos estão resolvidos. Todas as questões árduas contra as quais esgrimem os teólogos, e que são o desespero da humanidade pensadora, estão límpidas e claras. Toda a contradição se tornou unidade. O homem **passou** a deus.

Há em vós qualquer coisa que diz: «É superior a todos os homens, ninguém compreende o que pensas, o que sentes agora. São mesmo incapazes de compreender o imenso amor que sentes por eles. Mas não debes odiá-los por isso; há que ter piedade deles. Uma imensidão de felicidade e de virtude se abre diante de ti. Ninguém saberá jamais a que grau de virtude e de inteligência chegaste. Vives na solidão do teu pensamento, e evita afligires os homens.»

Um dos efeitos mais grotescos do haxixe é o receio, levado à loucura mais meticulosa, de afligir quem quer que seja. Disfarçaríeis mesmo, se para tal tivésseis força, o estado extranatural em que estais, para não causar inquietação ao último dos homens.

Neste supremo estado, o amor, nos espíritos ternos e artísticos, toma as formas mais singulares e presta-se às combinações mais barrocas. Uma libertinagem desenfreada pode misturar-se com um sentimento de paternidade ardente e afectuosa.

A minha última observação não será a menos curiosa. Quando, no dia seguinte de manhã, vedes a luz do dia instalada no vosso quarto, a primeira sensação é um profundo espanto. O tempo desaparecera completamente. Ainda há pouco era noite, agora é dia. «Dormi, ou não dormi? A minha embriaguez durou toda a noite, e estando a noção do tempo suprimida, terá tido a noite inteira, para

mim, apenas o valor de um segundo? ou estive sepultado sob os véus de um sonho pleno de visões?» É impossível sabê-lo.

Parece-vos que experimentais um bem-estar e uma leveza de espírito maravilhosa; nenhuma fadiga. Mas mal vos pondeis de pé logo se manifesta um velho resto de embriaguez. As pernas fracas conduzem-vos com timidez, tendes medo de quebrar-vos como um objecto frágil. Uma grande languidez a que não falta encanto apodera-se do vosso espírito. Sois incapaz de trabalho e de energia na acção.

É o castigo merecido da prodigalidade ímpia com que haveis feito tão grande dispêndio de fluido nervoso. Haveis lançado a vossa personalidade aos quatro ventos, e agora tendes dificuldade em reuni-la e concentrá-la.

## V

Não digo que o haxixe produza em todos os homens todos os efeitos que acabo de descrever. Com pouca diferença, narrei os fenómenos que se produzem geralmente, salvo algumas variantes, nos espíritos artísticos e filosóficos. Mas há temperamentos em quem esta droga apenas desenvolve uma alegria ruidosa, uma jovialidade violenta que se assemelha à vertigem, danças, saltos, pateadas, risos. Têm, por assim dizer, um haxixe todo material. São insuportáveis aos espiritualistas, que deles têm grande dó. A sua defeituosa personalidade aparece. Vi uma vez um magistrado respeitável, um homem digno, como dizem de si mesmas as pessoas de sociedade, um desses homens cuja gravidade artificial se impõe sempre, no momento em que o haxixe o invadiu, lançar-se bruscamente

num **cancan** dos mais indecentes. O monstro interior e verídico revelava-se. Este homem que julgava as acções dos seus semelhantes, este **Togatus** aprendera o **cancan** às escondidas.

Assim, pode-se afirmar que a impersonalidade, o objectivismo de que falei, e que não é mais do que o desenvolvimento excessivo do espírito poético, não se encontrará nunca no haxixe destas pessoas.

## VI

No Egipto, o governo proíbe a venda e o comércio do haxixe, pelo menos no interior do país. Os infelizes que têm esta paixão vão à farmácia buscar, a pretexto de comprar uma outra droga, a sua pequena dose, de antemão preparada. O governo egípcio tem razão. Nunca um Estado sensato poderia subsistir com o uso do haxixe. Este não faz nem guerreiros nem cidadãos. Com efeito, é proibido ao homem, sob pena de decadência e de morte intelectual, desordenar as condições primordiais da sua existência, e quebrar o equilíbrio das suas faculdades com os ambientes. Se existisse um governo que tivesse interesse em corromper os governados, bastar-lhe-ia estimular o uso do haxixe.

Diz-se que esta substância não causa qualquer mal físico. É verdade, pelo menos até agora. Não sei até que ponto se pode dizer que um homem que não faz mais que sonhar e que é incapaz de acção, passa bem de saúde, mesmo que todos os seus membros se apresentem em bom estado. Mas é a vontade que é atacada, e esse é o órgão mais precioso. Um homem que, com uma colher de doce, pode alcançar instantaneamente todos

os bens do céu e da terra, nunca adquirirá a milésima parte deles pelo trabalho. É preciso, acima de tudo, viver e trabalhar.

Veio-me a ideia de falar do vinho e do haxixe no mesmo artigo, porque, com efeito, há neles qualquer coisa de comum: o desenvolvimento poético excessivo do homem. O gosto frenético do homem por todas as substâncias, sãs ou perigosas, que exaltem a personalidade, testemunha a sua grandeza. Aspira sempre a alimentar as esperanças e a erguer-se para o infinito. Mas vejamos os resultados. Eis um licor que activa a digestão, fortalece os músculos, e enriquece o sangue. Mesmo tomado em grande quantidade, causa desordens bastante breves. Eis uma substância que interrompe as funções digestivas, que enfraquece os membros e que pode causar uma embriaguez de vinte e quatro horas. O vinho exalta a vontade, o haxixe aniquila-a. O vinho é um suporte físico, o haxixe é uma arma para o suicídio. O vinho torna bom e sociável. O haxixe é isolante. Um é laborioso por assim dizer, o outro essencialmente preguiçoso. Realmente, para que trabalhar, lavrar, escrever, fabricar seja o que for, quando se pode alcançar o paraíso de uma só vez? Finalmente, o vinho é para o povo que trabalha e que merece bebê-lo. O haxixe pertence à classe das alegrias solitárias; é feito para os miseráveis ociosos. O vinho é útil, produz resultados frutificantes. O haxixe é inútil e perigoso (1).

(1) Mencione-se, apenas como lembrança, a tentativa, feita recentemente, de aplicar o haxixe à cura da loucura. O louco que toma haxixe contrai uma loucura que expulsa a outra, e quando a embriaguez passou,

Termino este artigo com algumas belas palavras que não são minhas, mas de um notável filósofo pouco conhecido, Barbereau, teórico musical e professor do Conservatório. Estava junto dele numa reunião em que algumas pessoas tinham tomado o veneno bem-aventurado, e ele disse-me com uma expressão de desprezo indizível: «Não compreendo porque o homem racional e espiritual se serve de meios artificiais para chegar à beatitude poética, uma vez que o entusiasmo e a vontade bastam para elevá-lo a uma existência supranatural. Os grandes poetas, os filósofos, os profetas são seres que pelo puro e livre exercício da vontade chegam a um estado em que são ao mesmo tempo causa e efeito, sujeito e objecto, magnetizador e sonâmbulo.» Penso exactamente como ele.

a verdadeira loucura, que é o estado normal do louco, retoma o seu domínio, como em nós a razão e a saúde. Alguém se deu ao trabalho de escrever um livro a este respeito. O médico que inventou este belo sistema não é, nem por sombras, filósofo.



## EMBRIAGAI-VOS (1)

Deve-se estar sempre embriagado. Nada mais conta. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que esmaga os vossos ombros e vos faz pender para a terra, deveis embriagar-vos sem tréguas.

Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, à vossa escolha. Mas embriagai-vos.

E se algumas vezes, nos degraus de um palácio, na erva verde de uma vala, na solidão baça do vosso quarto, acordais, já diminuída ou desaparecida a embriaguez, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, à ave, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a todo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são; e o vento, a vaga, a estrela, a ave, o relógio, vos responderão: «São horas de vos embriagardes! Para não serdes os escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos sem cessar! De vinho, de poesia ou de virtude, à vossa escolha.»

---

(1) Este poema em prosa, que apareceu pela primeira vez no número do **Figaro** de 7 de Fevereiro de 1864, é o trigésimo terceiro da edição póstuma dos **Pequitos Poemas em Prosa** (1869). (Nota da edição francesa.)

EXÓRDIO  
PARA AS CONFERÊNCIAS DADAS EM 1864  
EM BRUXELAS

Meus senhores, parecia-me ocioso fazer um tratado completo dos excitantes, cuja característica geral é a de engendrar um enfraquecimento proporcional à excitação e um castigo tão cruel quão vivo foi o prazer. Seria ocioso falar dos excitantes vulgares, como o absinto, o chá, o café, o vinho de quina ou mesmo a coca, ou eritroxílea, essa singular planta cujas folhas mastigadas aumentam a energia, diminuindo o sono e suprimindo o apetite, ou a cicuta islandesa, cuja absorção faz ver, diz-se, aos olhos do cérebro envenenado as monstruosidades do mundo antediluviano.

Em tudo isto há muito coisa que tem que ver com os médicos. Ora, eu quero fazer um livro não de pura fisiologia, mas sobretudo de moral. Quero provar que os buscadores de paraísos fazem o seu inferno, preparam-no, cavam-no com um resultado cuja previsão talvez os horrorizasse.

A primeira parte deste livro é inteiramente minha: é o **Poema do Haxixe**. Divide-se em vários capítulos, cujos títulos vos anunciarei sucessivamente. A segunda e a terceira partes são a análise de um livro inglês extremamente curioso (**O Comedor de Ópio**, de Quincey), mas, aqui e além, juntei-lhe as minhas refle-

xões pessoais; até que ponto introduzi a minha personalidade no autor original, ser-me-ia impossível dizer agora. Fiz uma tal amálgama que não poderia reconhecer a parte que vem de mim, a qual, aliás, é forçosamente pequena.

## LIVRO B

### PUBLICADOS:

1. O ARRANCA CORAÇÕES/BORIS VIAN
2. O ELEFANTE/MROZECK
3. DO ASSASSÍNIO COMO UMA DAS BELAS-ARTES/THOMAS DE QUINCEY
4. A CASA DOS MIL ANDARES/JAN WEISS
5. FÁBULAS FANTÁSTICAS/AMBROSE BIERCE
6. MANUSCRITO ENCONTRADO EM SARAGOÇA/YAN POTOCKI
7. ALICE DO OUTRO LADO DO ESPELHO/LEWIS CARROL
8. CONTOS CRUÉIS/VILLIERS DE L'ISLE-ADAM
9. A EMBRUXADA/BARBEBY D'AUREVILLE
10. OS PARAÍSO ARTIFICIAIS/CHARLES BAUDELAIRE
11. AVENTURAS DE ARTHUR GORDON PYM/EDGAR ALLAN POE
12. FRANKENSTEIN/MARY SHELLEY
13. SMARRA, OU OS DEMÓNIOS DA NOITE/CHARLES NODIER
14. O JARDIM DOS SUPLÍCIOS/OCTAVE MIRBEAU
15. AS FILHAS DO FOGO/GÉRARD DE NERVAL
16. O FANTASMA DOS CANTERVILLE/OSCAR WILDE
17. OS DEMÓNIOS DE RANDOLPH CARTER/H. P. LOVECRAFT
18. O CAPITÃO CAP/ALPHONSE ALLAIS
19. O ELIXIR DA LONGA VIDA/H. DE BALZAC
20. AVATAR/GAUTHIER
21. HISTÓRIAS DE VAMPIROS
22. AFORISMOS/LICHTENBERG
23. CONTOS FANTÁSTICOS/ERNST HOFFMANN
24. DICIONÁRIO DAS IDEIAS FEITAS/G. FLAUBERT
25. O OUTRO MUNDO OU OS ESTADOS E IMPÉRIOS DA LUA/ CYRANO DE BERGERAC
26. O COCHEIRO DA MORTE/SELMA LAGERLOF
27. O REI DA MÁSCARA DE OURO/MARCEL SCHWOB
28. O CAVALheiro DAS TREVAS/PAUL FÉVAL
29. SHE/H. RIDER HAGGARD
30. O HORLA E OUTROS CONTOS FANTÁSTICOS/GUY DE MAUPASSANT
31. O LOBISOMEM/ALEXANDRE DUMAS
32. O ALTAR DOS MORTOS/HENRY JAMES
33. O CASTELO DE OTRANTO/HORACE WALPOLE
34. VATHEK/WILLIAM BECKFORD
35. O ITALIANO/ANN RADCLIFFE
36. CONTOS DA CHUVA E DA LUA/UEDA AKINARI
37. PLANO DE EVASÃO/ADOLFO BLOY CASARES
38. CRÔNICAS ITALIANAS/STENDHAL
39. O LIVRO DE AREIA/JORGE LUIS BORGES
40. A LENTE DE DIAMANTE/FITZ JAMES O'BRIEN
41. VISÃO DE CARLOS XI E OUTROS CONTOS/PROSPER MÉRIMÉE
42. HISTÓRIAS MÁGICAS/REMY DE GOURMONT
43. HISTÓRIAS DESAGRADÁVEIS/LÉON BLOY
44. A ESTALAGEM DO DRAGÃO VOADOR/JOSEPH SHERIDAN LE FANU
45. O POETA ASSASSINADO/GUILLAUME APOLLINAIRE
46. CONTOS DOS HOMENS SEM SOMBRA/CHAMISSO, HOFFMANN, GOGOL, ANDERSEN
47. FAUSTO/GOETHE, NERVAL
48. O CASTELO DO HOMEM ANCORADO/J. K. HUYSMANS
49. PRECEITOS PARA USO DO PESSOAL DOMÉSTICO/JONATHAN SWIFT
50. OS CISNES SELVAGENS E OUTROS CONTOS/HANS CHRISTIAN ANDERSEN
51. O FAROL DE AMOR/RACHILDE
52. RISO VERMELHO/LEONID ANDREIEV
53. BIBLIOTECA DO SÉCULO XXI/STANISLAW LEM
54. A NOITE DE WALPURGIS/GUSTAV MEYRINK
55. A DAMA DE BRANCO/NATHANIEL HAWTHORNE



ISBN 972-33-0201-2



9 789723 302011